



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - MESTRADO**

TIAGO SANTOS DA SILVA

**“O ESPÍRITO DO SENHOR ATUA A PARTIR DE BAIXO”:
A PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA**

**RECIFE
2020**

TIAGO SANTOS DA SILVA

**“O ESPÍRITO DO SENHOR ATUA A PARTIR DE BAIXO”:
A PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemático-Pastoral.
Linha de Pesquisa: Práxis Pastoral e Experiência Religiosa.
Orientador: Prof. Dr. Francisco de Aquino Junior

RECIFE
2020

S586e Silva, Tiago Santos da.
“O Espírito do Senhor atua a partir de baixo” : a
pneumatologia de Victor Codina / Tiago Santos da Silva,
2020.
112 f.

Orientador: Francisco de Aquino Junior.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de
Pós-graduação em Teologia. Mestrado em Teologia,
2020.

1. Espírito. 2. Teologia dogmática. 3. Espírito Santo.
4. Espiritualidade 5. Codina, Victor, 1931-. I. Título.

CDU – 231.3

Pollyanna Alves - CRB4/1002

TIAGO SANTOS DA SILVA

**“O ESPÍRITO DO SENHOR ATUA A PARTIR DE BAIXO”:
A PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA**

Banca Examinadora



Prof. Dr. Francisco de Aquino Paulino
Orientador – UNICAP



Prof. Dra. Alzirinha Rocha de Souza
Examinador Interno – UNICAP.



Prof. Dr. Vanildo Luiz Zugno
Examinador Externo – ESTEF - RS

AGRADECIMENTOS

À minha família biológica pelo dom da vida e da fé.

À Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, da qual sou parte, pelo apoio e confiança.

Ao amigo, irmão e orientador Professor Dr. Francisco de Aquino Junior, por toda paciência, incentivo na pesquisa e elaboração desse trabalho. Sua dedicação e amor ao Reino e aos pobres são para mim fonte de inspiração e esperança.

À Victor Codina, pela fecunda contribuição à teologia e especificamente ao campo da pneumatologia. Sua obra nos proporciona espaço de abertura e diálogo.

À Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, por ter-me acolhido e pelo apoio dos professores do Departamento de Teologia, de modo especial a Profa. Dra. Alzirinha Rocha de Souza (coordenadora de Pós-graduação).

À CAPES, pela bolsa que me possibilitou melhores condições para estudo e aprofundamento.

Aos professores Dr. Vanildo Luiz Zugno e Dra. Alzirinha Rocha de Souza por aceitarem compor a banca examinadora de nosso trabalho.

RESUMO

Nosso trabalho tem por objetivo apresentar uma síntese da pneumatologia de Victor Codina, elaborada a partir da América Latina, e centrada na afirmação profética de que “o Espírito do Senhor atua a partir de baixo”. A pesquisa foi desenvolvida a partir da experiência pessoal e produção teológica do autor, fazendo uso de uma metodologia narrativa e simbólica dando ao texto um caráter mais pastoral. Trabalhamos os traços teobiográficos do autor, ou seja, o caminho que trilhou no desenvolvimento de sua pneumatologia na qual trata da ação do Espírito na pessoa, na comunidade eclesial e no história. Ele perfaz um caminho integrando cristologia e pneumatologia, com incidência na eclesiologia. Dar-se conta do déficit pneumatológico, e especialmente no que diz respeito a relação do Espírito e os pobres. Sua elaboração visa contemplar os dados das culturas originárias e o conteúdo da Revelação cristã. Faz ainda uma retomada dos movimentos do Espírito na história. Este agindo a partir dos insignificantes e em função deles. Ele age na Igreja, fazendo-a instrumento do Reino na unidade da pluralidade. O critério para discernir a presença do Espírito Santo nas pessoas, nos grupos, movimentos, comunidades, religiões e culturas é o confronto com a vida de Jesus de Nazaré e seu projeto. Há que escutar Deus onde a vida clama, pois é clamor do Espírito criador, vivificador e santificador. E o clamor faz-se sentir especialmente a partir de baixo, das situações de injustiças, do caos, de violência. É visando certo cuidado com essa dimensão que sua proposta pneumatológica perpassa o pessoal, o eclesial e o histórico-cósmico. A *Ruah* divina nos faz um ser na relação e no uso da consciência, constitui a sinodalidade eclesial e se espalha no mundo conduzindo toda a criação à integração cósmica. O autor nos deixa assim a tarefa de aprofundar sempre mais a pneumatologia na perspectiva dos pobres, levando a perpassar a teologia, a espiritualidade, a evangelização.

PALAVRAS-CHAVE: Espírito Santo. Victor Codina. A partir de baixo. Espírito e pobres.

ABSTRACT

Our work aims to present a synthesis of the pneumatology of Victor Codina, elaborated from Latin America, in which the author states that “the Spirit of the Lord works from below”. The research was developed from the author's personal experience and theological production, and using a narrative and symbolic methodology, giving the text a more pastoral sense. We worked on the theobiographical traces of the author, that is, the path he took until deepening pneumatology. Followed by the structure of his theology of the Holy Spirit, in which he emphasizes the action of the Spirit in the subject, in the ecclesial community and in the cosmos. He takes a path integrating Christology and pneumatology with an emphasis on ecclesiology, emphasizing that the Spirit has no other message than that of Jesus, but is memory, updating and consummation of his life and work. Realize the pneumatological deficit, and especially with regard to the relationship of the Spirit and the poor. Its elaboration aims to contemplate the data of the original cultures and the content of the Christian Revelation. It also makes a resumption of the movements of the Spirit in history. This acting from the insignificant and in function of them. He acts in the Church, making her an instrument of the Kingdom in the unity of plurality. The criterion for discerning the presence of the Holy Spirit in people, groups, movements, communities, religions and cultures is the confrontation with the life of Jesus of Nazareth and his project. We must listen to God where life cries out, because it is the cry of the creative, life-giving and sanctifying Spirit. The outcry is felt especially from below, situations of injustice, chaos, violence. It is with a view to taking care of this dimension that its pneumatological proposal goes through the personal, the ecclesial and the historical-cosmic. Divine Ruah makes us a being in the relationship and in the use of conscience, constitutes ecclesial synodality and spreads throughout the world, leading all creation to cosmic integration. The author thus leaves us with the task of deepening pneumatology even further from the perspective of the poor, leading to theology, spirituality and evangelization.

KEY WORDS: Holy Spirit. Victor Codina. From below. Spirit and poor.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
TRAÇOS TEOBIOGRÁFICOS DA PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA	12
1 O teólogo e a Teologia	12
1.1 O teólogo	12
1.2 A teologia	17
1.3 Itinerário teológico-ecclesial	20
2 Um teólogo entre duas épocas e dois mundos	21
2.1 Estudante de teologia durante o Concílio	22
2.2 Mudança de lugar social e sua incidência na teologia de Codina	24
2.3 América Latina e as mudanças na vida e na produção teológica	25
3 Uma pneumatologia a partir da América Latina	28
3.1 Déficit pneumatológico	28
3.2 O Espírito sopra do sul do mundo	32
3.3 Uma pneumatologia a partir de baixo	34
CAPÍTULO II	
A PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA	38
1 O Espírito age na pessoa	39
1.1 A vida cristã, vida no Espírito	39
1.2 O Espírito que suscita adesão ao seguimento	43
1.3 A oração no Espírito, expressão de liberdade e vida nova	44
2. O Espírito age na Igreja	50
2.1 A Igreja de Jesus na força do Espírito	50
2.2 Os carismas na Igreja: dons do Espírito	61
2.3 A profecia na Igreja, expressão dos clamores do Espírito	68
3 O Espírito age no mundo	74
3.1 O discernimento do Espírito que age na história	75
3.2 Os sinais dos tempos como impulsos do Espírito na história	79
3.3 Do seio da história os clamores do Espírito	82
CAPÍTULO III	
PECULIARIDADES, PERSPECTIVAS E APRECIACÃO CRÍTICA	91
1 Peculiaridades de uma pneumatologia “a partir de baixo”	91
1.1 “A partir de baixo”	92
1.2 Uma linguagem mais narrativa e simbólica	93
1.3 O desafio das mediações	95
2 Perspectivas de uma pneumatologia pensada partir do reverso da história	96
2.1 Uma Igreja mais pneumática	97

2.2 Uma teologia mais mística e profética	98
2.3 O Espírito que alimenta e conduz a esperança cristã	99
3 Apreciação crítica e relevância do autor e da temática abordada	101
3.1 Apreciação crítica	101
3.2 Diálogos e críticas do autor	104
CONCLUSÃO	106
REFERÊNCIAS	109

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora apresentamos tem por finalidade fazer uma síntese da reflexão pneumatológica de Victor Codina, tendo por chave hermenêutica que o Espírito age “a partir de baixo”. Não pretendemos apresentar um tratado de pneumatologia, nem esgotar a abordagem do autor. Também não é nosso objetivo confrontar com outros autores, embora ao longo do texto citemos alguns com quem Codina dialoga. Mas queremos, sim, destacar as ideias e intuições que o autor elabora em torno da teologia do Espírito Santo a partir da América Latina.

É importante salientar ainda que não se trata de uma abordagem sobre o Espírito Santo do ponto de vista bíblico, nem patrístico, nem do magistério pois, esses elementos indispensáveis à teologia aparecem no texto, mas a partir da obra do autor.

Victor Codina pertence a uma geração de teólogos que testemunhou o florescer do pós-Vaticano II e o inverno eclesial que se estabeleceu pouco depois, mas que agora também experimenta um novo tempo. Nosso teólogo jesuíta é catalão feito boliviano e insere-se na esteira da boa tradição teológica latino-americana. Escreveu sobre várias temáticas teológicas, mas chega à maturidade mergulhado na teologia do Espírito Santo. Sua pneumatologia, tecida em chão latino-americano, visa contribuir em dois âmbitos: alargar a reflexão sobre o Espírito ante o déficit pneumatológico no ocidente e suas consequências para a vida eclesial e teológica e apresentar uma elaboração a partir da América latina sobre o Espírito e os pobres.

Nosso trabalho consta de três capítulos, nos quais buscamos entrelaçar a teologia e o teólogo, a partir de um lugar específico e num recorte histórico. Codina elabora sua pneumatologia a partir do Sul do mundo, especificamente da Bolívia, e a produção bibliográfica de que lançamos mão está fixada entre 1984 a 2019. Parte de sua produção está em português e parte em espanhol. Nós nos detivemos com mais afinco nas partes ou obras concernentes à temática da pneumatologia.

Metodologicamente, buscamos assumir o estilo do autor, perfazendo assim um caminho mais narrativo e simbólico. Isso porque as narrativas não objetivam calar perguntas, mas antes suscitar o que há no mais profundo de quem as perscruta, e o simbólico carrega dentro de si a integralidade das coisas. A nossa pesquisa não visa discutir com o autor, mas antes apresentar uma síntese de seu pensamento. É claro que se podem questionar algumas posturas do autor, algumas afirmações, o método, mas é salutar perceber ao longo do texto a que perguntas o autor quer responder, com quem quer dialogar e que saídas quer propor.

No primeiro capítulo de nossa pesquisa apresentamos os traços teobiográficos do autor em estudo. Primeiro, dissertamos sobre o teólogo e a teologia; depois, um teólogo entre duas

épocas e dois mundos e ao ou no final já apresentamos a perspectiva de sua proposta pneumatológica: uma pneumatologia a partir da América Latina.

O título do capítulo parece algo não muito comum - uma teobiografia, porém na teologia faz todo sentido. Leve-se em conta que o teólogo se implica na busca de intelecção da experiência de Deus. Nesse sentido, parece-nos pertinente o fato de se buscar fazer uma teologia não tanto de textos, mas de testemunhas, sem desprezar os textos.

No segundo capítulo apresentamos a estrutura da pneumatologia elaborada por Codina, na qual discorre sobre a ação do Espírito na pessoa, na Igreja e na história. O Espírito que foi derramado nos corações, faz a Igreja e age no mundo, no cosmos.

No capítulo terceiro refletimos sobre algumas peculiaridades e perspectivas da pneumatologia desenvolvida pelo autor e uma apreciação crítica.

Codina propõe uma retomada da reflexão acerca da pneumatologia, levando em conta a imagem das duas mãos do Pai que age na pessoa, na Igreja e no mundo. Porém, essa reflexão tem um traço muito específico: o lugar a partir de onde é feita, “a partir de baixo”, dos pobres.

CAPÍTULO I

TRAÇOS TEOBIOGRÁFICOS DA PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA

A mais alta homenagem que se pode prestar a um pensador é pensar seus pensamentos. Com esse intento, buscaremos explicitar neste primeiro capítulo os traços teobiográficos de Victor Codina. Num tom narrativo, mais simbólico que conceitual, apresentaremos traços biográficos do autor e sua respectiva teologia numa implicação entre o teólogo e a teologia. Tomaremos como base para nossa elaboração seus escritos que nos oferecem muitos dados teobiográficos, mas focaremos especificamente em dois de seus trabalhos: *Diário de un teólogo del posconcílio* e *Creio no Espírito Santo: pneumatologia narrativa*, nos quais o autor articula elementos teológicos e traços de sua história.

Nossa abordagem, dar-se-á em três momentos: primeiro, refletiremos sobre o teólogo Codina e sua teologia. Segundo, trataremos da experiência de seu labor teológico entre duas épocas e dois mundos. Terceiro, abordaremos a pneumatologia elaborada pelo autor a partir da América Latina.

1 O teólogo e a Teologia

Partiremos de duas realidades que se implicam na dinâmica do labor teológico: o teólogo e a teologia. Ele, um hermeneuta do simbólico, intérprete do mistério e provocador da história. Ela, expressão lúcida de uma experiência vivencial, ciência da salvação, centrada na reflexão sobre a relação Deus-homem na história. Ele se implica nela, mas antes é implicado por ela, pois ele é crente que toda e qualquer realidade, até a mais íntima dimensão, é habitada por Deus. Assim, com o objetivo de refletir sobre o teólogo Codina e sua teologia, destacamos alguns pontos que nos ajudarão a perfazer seu itinerário teológico-ecclesial.

1.1 O teólogo

O teólogo é antes de tudo um servidor da Palavra em favor do povo, serviço que deve ser prestado com liberdade e competência. Ele transmite espírito e vida porque sua missão é comunicar a sabedoria da Revelação. É aquele que põe sua inteligência a serviço da fé da comunidade, e na comunidade, para sua edificação (Ef 4,12). No seu serviço ao Reino os pobres

são os destinatários mais importantes. Ele se torna assim um intérprete dos motivos de esperança dos pobres.

Em Codina, encontramos essas características, pois seus escritos estão cheios de expressões e vivências teológicas. Afirma ele que, numa perspectiva paulina, a vocação do teólogo é também de origem pneumática e, “como todo carisma, o ‘ofício’ de teólogo é dom do Espírito a serviço da comunidade eclesial, exercido a partir da própria comunidade eclesial” (CODINA, 1993a, p. 37). Codina, teólogo, tal qual um garimpeiro dos mistérios de Deus entre os homens, com olhos abertos a toda realidade que o cerca, é sutil em captar a proximidade de Deus nas realidades do cotidiano.

A experiência de Deus no cotidiano é lugar teológico. O narrador bíblico nos fala da banalidade de uma sarça como planta que cresce em todo lugar (Ex 2,3), um cajado de pastor, gasto pelo tempo (Ex 3,17), um poço no meio do deserto (Gn 16,14), um doente esfarrapado que carrega sua cama pelas ruas em dia de sábado (Jo 5,9), um chefe militar do império que esmaga o povo (Mt 8,10), (Cf. BUELTA, 2012, p. 152.). Elementos de uma cotidianidade, mas que o narrador bíblico, com agudez no olhar, enxerga e traduz para a comunidade, a presença salvífica de Deus.

Em boa medida podemos dizer que o teólogo Codina, em suas vivências pela América Latina, propõe uma teologia a partir dos insignificantes (Cf. CODINA, 2010b, p. 50), uma teologia mais nazarena que davídica. Seu relato de quando celebrou o Natal numa comunidade eclesial de base (Cf. CODINA, 2013a, p. 111) e de quando foi à casa de uma senhora para as exéquias de seu único e pequeno filho. E voltando de lá chorando, sem conseguir conter-se depois de ouvir o relato da mãe e ver a sua casa (Cf. CODINA, 2013a p. 103). É expressão de um olhar atento aos sinais dos tempos ou aos tempos e os fatos como sinais da presença salvífica de Deus. Nessa compreensão, recordemos um fragmento da carta do Papa Francisco ao Reitor da Pontificia Universidade Católica de Buenos Aires, na qual reitera o dado de que “o teólogo deve ser uma pessoa capaz de construir em torno de si a humanidade, de transmitir a divina verdade cristã em uma dimensão verdadeiramente humana, e não um intelectual sem talento, um moralista sem bondade ou um burocrata do sagrado” (FRANCISCO, 2015, p. 1). O teólogo faz uma experiência espiritual num contexto vital, na concretude dos acontecimentos e busca aí os sinais do Reino na história.

Marcado com o estigma e o enigma do homem-Deus Jesus de Nazaré, Codina, de sólida formação jesuíta, faz de seu labor teológico uma verdadeira teografia. Uma vida feita pergaminho de Deus, onde o Criador inscreve suas marcas. Experimenta a desolação e a consolação. Vida que se faz carta de Cristo escrita pelo Espírito (Cf. MORO, 2001, p. 78).

Testemunha disso é seu diário teológico, publicado no intuito de estimular as novas gerações de teólogos (Cf. CODINA, 2013a, p. 7) e que apresenta o homem Codina marcado tal qual Jacó (Gn 32,23-27) pelos embates com Deus e sua revelação na história.

Nessa busca constante de entender e de conjugar o mistério de Deus e o mistério humano é vitimado pelas vicissitudes da vida e do tempo. Chega a se questionar se não estaria acometido de uma possível depressão (Cf. CODINA, 2013a, p. 264). Em dado momento, dar-se conta de que a morte de Luís Espinal¹, acontecida em 1980, ainda lhe causa certa angústia (Cf. CODINA, 2013a, p. 31), e o martírio dos jesuítas, na UCA, em El Salvador, em 16 de novembro de 1989, deixa-o perplexo (Cf. CODINA, 2013a, p. 150). Martírio que o faz deixar Barcelona em 16 de abril de 1982 e vir para a Bolívia. Chegando a La Paz no dia 18 e indo residir em Cochabamba.

A trajetória teológica é profundamente marcada pela espiritualidade inaciana. Em seu diário diz que “os exercícios espirituais inacianos selaram sua teologia com um forte Cristocentrismo que, com o tempo foi se aprofundando à luz da Pneumatologia e da relação filial de Jesus com o Pai” (CODINA 2013a, p. 12). Enriquecido por bons centros de estudos e excelentes mestres, o itinerário teológico tomou um delineamento próprio e radical na América Latina, especialmente na Bolívia onde os conceitos outrora apreendidos ganharam carne naquela realidade para expressar o mistério do Deus que entra na história sofrida daquela gente.

Outro elemento fundamental no itinerário teológico é o contato com o cristianismo oriental que lhe proporcionou ver a importância de uma teologia de joelhos: “Ele conjuga a tradição da espiritualidade do Oriente com a vitalidade dos povos latino-americanos” (HERNANDEZ, 2013, p. 125). De modo que o vemos fazer um caminho de passagem da teologia reflexiva à genuflexa, à teologia a partir das lágrimas, sem perder-se a si nem perder o vigor do aprofundamento teológico ao tentar conjugar a revelação de Deus em Jesus de Nazaré com a vida sofrida dos pobres.

Um aspecto que é característico dos bons teólogos é a indispensável escuta ao povo fiel, pois aí age o grande mestre: o Espírito Santo. Em meio às comunidades pobres da “Bolívia profunda” (Cf. CODINA, 2013a, p. 76), com o povo das minas em Huanuni (Cf. CODINA, 2013a, p. 78), nos diversos encontros e retiros que orientou, Codina foi sentindo e se dando conta das mais variadas realidades que atingiam o povo. Participou de suas lutas e de seus

¹ Padre jesuíta espanhol, naturalizado boliviano em 1970. Nasceu em San Fructuoso de Bages, Espanha em 1932. Emitiu seus primeiros votos como jesuíta em 15 de agosto de 1951. Foi ordenado sacerdote em julho de 1962. Em 8 de agosto de 1968, chegou como missionário na Bolívia. Quando jovem tinha grandes paixões junto à sua vocação religiosa: era poeta, jornalista e cineasta e frequentemente dizia: "São todos meios que conduzem a Jesus". No dia 21 de março de 1980 foi sequestrado. Seu corpo foi encontrado no dia seguinte com uma bala na cabeça, e corpo estava horrendamente mutilado. O assassinato fora ordenado e planejado pelo ditador García Meza junto com seu assistente Luis Arce Gómez. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lu%C3%ADs_Espinal_Camps.

sonhos, ao mesmo tempo em que era sabedor das grandes engrenagens que os vitimavam e empobreciam.

Em dado momento sentiu a crise bater à porta da vida. Fala em noite escura, mas recobra o sentido da caminhada numa experiência muito concreta num bairro da cidade visitando as famílias. Narra a visita à casa de dona Inácia, senhora viúva e pobre, que o acolhe com muita bondade e devoção, e se dá conta de que aquilo era autêntico (Cf. CODINA, 2013, p. 265). Ali experimentou a desolação e a consolação junto ao povo pobre, participando de sua cruz e ressurreição.

Victor Codina não é um teólogo arrogante, fechado, “certo da própria certeza”, ao contrário, é crítico a esse tipo. Está sempre lendo e encontrando autores com quem possa dialogar e expor suas ideias (Cf. CODINA, 2013a, p. 311). Cultivou fecundo diálogo com outros teólogos e em seus escritos faz questão de citá-los nominalmente. Afirma que o tempo em *Innsbruck* (1961) foi um verdadeiro “kairós”, pois ali teve contato com grandes mestres da teologia como os irmãos Karl e Hugo Rahner. Compartilhou da companhia dos colegas de estudos: Ignácio Ellacuria, Juan Carlos Scanonne, Fernando Manresa, Ricardo Falla, Segundo Montes, Florencio Segura, Alfonso Alvarez Bolado, Cesar Terán (Cf. CODINA, 1997a, p. 11). Desse tempo na Áustria ficou marcada a figura do grande mestre Karl Rahner, pois “... lhes ensinou a ter audácia de refletir superando os esquemas da *Denzingertheologie*, a ser livre dentro de um decidido amor à Igreja e a não construir uma teologia à margem da vida” (CODINA, 1997a, p. 10).

Ser teólogo na América Latina é diferente de sê-lo na Europa. Numa Igreja dinâmica e sofrida, não é salutar elaborar uma teologia do gabinete, mas há que ir as ruas, às comunidades, à pastoral, aos setores populares, vendo aí verdadeiros lugares teológicos (CODINA, 2013a, p. 273), e encontrando aí elementos para sua teologia.

Nesse intento, cabe a recordação do que disse o papa Francisco na carta ao reitor da PUC de Buenos Aires: “também os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e a rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens” (FRANCISCO, 2015, p. 1). Obviamente, é sempre um desafio encontrar equilíbrio na necessária tensão entre a especulação bibliográfica e a leitura da realidade. Codina enfatiza que, “às vezes, é difícil fazer entender que seriedade não significa abstração fria, e que pastoral não significa economia de esforço intelectual” (CODINA, 2013a, p. 136)². De modo que se faz necessário ir ao coração de todas as coisas no intuito de equilibrar o discurso e a prática.

² “Es difícil hacer comprender que seriedad no significa abstracción fría y que pastoral no significa ahorro de esfuerzo intelectual” (CODINA, 2013a, p. 136).

Claro que além das circunstâncias de pobreza, violência de toda ordem, precariedade dos sistemas políticos, há também o desafio eclesial com o qual Codina compartilha a sorte dos Teólogos do Sul do mundo. Não chegou a ser punido oficialmente, mas alguns de seus escritos inquietaram membros da hierarquia (Cf. CODINA, 2013a, p. 38). Mesmo assim, compartilhou da dor de seus colegas quando foram inquiridos sem ao menos serem consultados.

Partilha também da sadia tensão entre Magistério e Teologia. Contudo, é firme na compreensão de que “ser teólogo constitui carisma que prolonga na Igreja a tradição sapiencial e didascálica, sempre presente no povo de Deus” (CODINA, 1993a, p. 36). Assim, encontramos-lo como um fruto maduro dos que buscam conhecer a Deus e se deixam ser conhecido por Ele. Alguém que aprendeu no duro da vida, a buscar e a contemplar os mistérios de Deus, sobretudo nos pobres.

Revisando seu percurso, ele se questiona se não estaria no caminho errado, se sua Teologia não estaria sendo inútil (Cf. CODINA, 2013a, p. 320). Contudo, mais adiante o encontramos emocionado pela defesa da tese de Simón Gutiérrez, seu ex-aluno no ISET (Instituto Superior de Teologia da Universidade Católica boliviana de Cochabamba), que apresenta uma Teologia narrativa em tom pastoral mais que acadêmico. Confessa: “é talvez um dos poucos herdeiros teológicos que tenho” (CODINA, 2013a, p. 212).

Os frutos de sua teologia, semeados nas faculdades, nos seus livros, folhetos, retiros, sua contribuição na CLAR e nas duas conferências do CELAM em que participou, agora hão de fecundar, de modo que, de sua caminhada teológica, pode-se dizer aquilo que disse Paulo VI: “o mundo de hoje já não escuta mais os mestres, mas sim as testemunhas. Se escuta os mestres é por que também são testemunhas” (EN, 41). Neste sentido, o Codina teólogo é o Codina testemunha da presença apaixonada de Deus na história.

O Teólogo Codina também é homem de sonhos. Cultiva a utopia, o desejo de transformação e de autenticidade na vida. Em seu livro *Sueños de un viejo teólogo* fala de vigílias utópicas. Sonhos escritos “quando as sombras do dia e da vida se alargam” (Cf. CODINA, 2017, p. 16). Ele expressa seus desejos, suas utopias para a teologia e para uma “Igreja que caminha em direção ao Reino de Deus, um Reino que é o centro da pregação de Jesus e que constitui o assunto central da Teologia Cristã” (CODINA, 2017, p. 17)³. O sábio teólogo, agora marcado pelo tempo e pelo amadurecimento, goza da liberdade dos que já são amigos do tempo tal qual Jacó, marcado por Deus não só na carne, mas na fecundidade.

³ “Una Iglesia que camina hacia el Reino de Dios, un Reino que es el centro de la predicación de Jesús y que constituye el asunto central de la teología cristiana” (CODINA, 2017, p. 17).

1.2 A Teologia

Cada palavra carrega consigo um tributo a sua etimologia. A teologia é um falar da paixão de Deus apaixonadamente. A palavra teologia, dadas suas diversas compreensões ao longo da história, em âmbito cristão tem sentido no que se refere à inteligência “de Deus enquanto e na medida em que se faz presente e atua na história, tal como se deu na práxis de Jesus de Nazaré, a quem a comunidade cristã confessa como o Cristo” (AQUINO JUNIOR, 2017, p. 38). Compreendida ainda como uma reflexão que nasce da vida à luz da fé, ela ganha sistematicidade e tem uma postura crítica frente ao *status quo*. E, ainda, ao mesmo tempo em que é propositiva, é sempre um ministério da razão a serviço da fé. Nas palavras do Papa Francisco

Ensinar e estudar teologia significa viver em uma fronteira, na qual o Evangelho encontra as necessidades das pessoas para as quais se faz o anúncio, de maneira compreensível e significativa. Devemos precaver-nos de uma teologia que se esgota na disputa acadêmica ou que contempla a humanidade desde um castelo de vidro. Aprende-se para viver: teologia e santidade são um binômio inseparável (FRANCISCO, 2015, p. 1).

Do Sul do mundo, pensar Deus, sua graça, sua justiça, os homens e seus caminhos, requer uma teologia como um artesanato que une arte e utilidade. É preciso saber as técnicas, as normas metodológicas, mas é necessário um “algo mais”: vidas, experiências existenciais comunitárias da relação com Deus. Na Europa do pós-Vaticano II, se fazia uma teologia progressista em diálogo com o homem moderno. No Sul do mundo, era preciso fazer uma teologia em diálogo com o cristão empobrecido e violentado. Na teologia de Codina, por sua vez, encontramos esses aspectos, pois ele cultivava ao longo de sua trajetória uma preocupação fundamental: “unir teologia e vida” (CODINA, 2013a, p. 136). Nosso teólogo inscreve-se na lista dos que buscam resgatar a unidade entre teologia e espiritualidade há tempo um pouco esquecida.

Ao chegar à Bolívia, abraça a teologia desenvolvida nessa parte do mundo a qual ficou conhecida como Teologia da libertação⁴. Quando lhe disseram que ela era conflitiva, respondeu-lhes que é “uma teologia conflitiva por necessidade, porque toca nos ídolos desse mundo” (CODINA, 2013a, p. 137). Um discurso feito não só a partir de abstrações, mas de vidas crentes e injustiçadas. Ele afirma que “uma teologia não é cristã pela quantidade de textos

⁴ É importante destacar a compreensão do autor acerca do desenvolvimento dessa corrente teológica. Levando em conta os aspectos socioculturais e eclesiais, ele entende assim seu processo: de 1959 a 1968, há uma busca pelo progresso; de 1968 a 1971. Formulação: dependência e libertação; 1972 a 1976. Teologia no exílio e o cativo; 1977 a 1988. Crescimento em meio a dificuldades; daí por diante consolidação (Cf. CODINA, 2019, p. 169-176).

bíblicos que cita, mas pela transparência evangélica de sua estrutura básica” (CODINA, 1993a, p. 22). Nesse sentido, enfatiza que “os pobres são o sal da teologia cristã” (CODINA, 1993a, p. 29). Estes, que até então entravam no discurso teológico como destinatários da caridade, agora são vistos e acolhidos como sujeitos da vida cristã. Vale lembrar que o tema dos pobres na teologia de então não era um tema eixo. João XXIII já havia feito referência bem como o Cardeal Lercaro durante o Concílio. Desse modo, aparecem algumas citações na *Lumen Gentium* e na *Gaudium et Spes*.

Na teologia de Codina, a irrupção dos pobres tem lugar muito significativo, que chega a ser, no mais profundo do termo, simbólico. Afirma que sua teologia é feita a partir do reverso da história, a partir da alteridade (Cf. CODINA 2013a, p. 8). O tema da pobreza que sempre esteve presente na teologia, porém, em outra perspectiva, como pobreza espiritual (Cf. CODINA, 1993a, p. 21), a partir da segunda metade do século XX, vai tomar uma conotação mais concreta e histórica, portanto, vai tocar na questão econômica, na desigualdade social, nos pobres e empobrecidos e, acentuadamente, nas causas da pobreza que geram morte e vão contra o projeto de Deus.

Segundo Codina, “a verdadeira irrupção dos pobres na teologia realiza-se nos países do chamado Terceiro Mundo, concretamente na América Latina, entre Medellín (1968) e Puebla (1979), sob os auspícios da Teologia da libertação” (CODINA, 1993a, p. 18). A partir desse período o tema dos pobres ganhou as produções teológicas e foi tratado com estatura de tema teológico. Ele afirma que “os pobres são a mediação objetiva, historicamente necessária para a autêntica teologia cristã” (CODINA, 1993a, p. 27). É claro que esse posicionamento não é mera questão retórica, mas tem implicações práticas, quer seja na produção teológica e sua consequente posição prática, quer seja na posição que o magistério deve tomar frente à realidade apontada pela teologia.

Sua teologia é carregada de um simbolismo profundo e de um tom popular. Em 1986 escreveu um artigo intitulado: “Por uma teologia mais simbólica e popular”, no intuito de atualizar e inculturar a linguagem teológica num universo latino americano marcado, desde suas culturas autóctones, por um simbolismo fecundo, mas que teologicamente tem repetido as categorias europeias. De modo que toda a bagagem que trouxe das bibliotecas do Velho Continente parece não dar conta de explicitar a nova realidade de vida e de fé. É preciso uma teologia com “base epistemológica do Sul” (CODINA, 1997b, p. 95).

Codina esteve presente nos encontros dos teólogos da libertação: Escorial- Madrid (1972 e 1992), São Leopoldo - Brasil (2012), Belo Horizonte - Brasil (2015) (Cf. CODINA, 2016b, p. 229-243). Trabalhou na elaboração da coleção Teologia & Libertação, que, apesar de

ter sido proibida pelo Vaticano, deu significativo impulso à Teologia Latino-americana. Também marcou presença numa coletânea publicada em dois volumes com o título de *Misterium Liberationis*, 1990. Outro aspecto ainda relacionado a sua produção numa dimensão libertadora é o fato de ser um dos poucos teólogos a pensar algo sobre teologia da infância. E o fez com um artigo sobre a infância marginalizada. Partindo das realidades mais duras da América Latina (1989), enfatiza que, mesmo depois de séculos, continuava-se a serem oferecidos sacrifícios humanos, agora não mais de adultos, mas de crianças vítimas de um sistema que mata (Cf. CODINA, 1989, p. 229). E com isso quer acentuar que não basta constatar os problemas, mas há que se ir às raízes da pobreza e da injustiça.

Um elemento marcante em sua teologia é o diálogo com a Teologia Oriental. Em 1974, é concedido a ele um semestre sabático para aprofundar a Teologia Oriental no Instituto *Saint Séрге*, dirigido pelos ortodoxos em Paris, onde fez um trabalho sobre a teologia de Paul Evdokimov que depois foi publicado com o título: “Uma teologia da transfiguração” (CODINA, 2013a, p. 27). Ademais, a influência da Teologia Oriental o acompanha desde sua tese doutoral na Gregoriana. É dela que vem o acento pneumatológico que dará à sua teologia uma dimensão mais integral e o abrirá a novas perspectivas nos anos seguintes.

Em 1985 chega a escrever um artigo publicado pela Revista Latino-americana de Teologia da UCA, intitulado: “Teologia da Libertação e Teologia Oriental: aproximação”. É enfático ao afirmar que “Espírito e pobres são o fundamento para uma teologia mística e profética” (CODINA, 2013a, p. 29). Intui que há uma real necessidade de aprofundar essa dimensão pneumática para descobrir o fio misterioso a partir do qual tudo é entrelaçado e tecido.

Nosso teólogo tem excelente produção teológica, quantitativa e qualitativamente. Os anos ajudaram a maturar sua teologia. Deu contribuição ainda sobre a Teologia da vida religiosa, Teologia dos sacramentos e Eclesiologia, todas em perspectiva de libertação. Suas elaborações, sempre com linguagem acessível, tem sido uma fecunda contribuição para a reflexão teológica a partir da América Latina.

Sua teologia tem as marcas da fé que professa e vive, e do povo a quem serve. Poderíamos parafrasear sua produção teológica com um relato sobre os monges na Antiguidade. Seu companheiro jesuíta, padre Benjamim Gonzales Bueta, conta que os monges antigos foram esculpindo na dureza das pedras de seus claustros folhas, flores, anjos com rostos de crianças, crânios descarnados. Colocaram em nichos imagens de Jesus, de Maria e dos santos. Ao andar, esse espaço religioso entrava dentro deles, o tempo todo e por todos os sentidos. Mesmo que os monges não se dessem conta, nem precisavam pensar, pois esses sinais religiosos penetravam os caminhos mais recônditos de suas vidas: o fundo do coração (Cf. BUELTA, 2000, p. 4).

Assim, a teologia de Codina nasce de sua excelente formação, mas, sobretudo, de seu olhar e de seu contato direto com as diversas realidades em que estava envolvido. Foi marcado pela realidade latino-americana e daí fala da paixão de Deus.

1.3 Itinerário teológico-eclesial

O Itinerário teológico-eclesial está ligado, primeiramente, a sua vida mesma, por isso que é um caminho feito em “rebelde fidelidade”, (Pedro Casaldáliga). A eclesialidade do seio familiar marca sua trajetória. Afirma que “sobre esta fé da Igreja recebida através dos seus pais, edificou-se quase por conaturalidade sua futura reflexão teológica” (CODINA, 2013a, p. 11). Codina nasceu no dia 05 de novembro de 1931, em Barcelona, numa família de oito irmãos e de pais católicos. No entanto, em face a guerra civil espanhola, teve que refugiar-se na França, regressando a Barcelona em 1939.

A luz e a claridade do Mediterrâneo o acompanham sempre, até os dias atuais. Ter nascido junto a um mar que foi local de passagem de tantos povos desde tempos remotos (sírios e fenícios, judeus, egípcios, gregos e romanos) lhe marcou com o traço da abertura às culturas e às civilizações diversas (Cf. CODINA, 2013a, p. 11). Este dado marca sua personalidade e, conseqüentemente, sua teologia. Expressão disso é a ênfase no dado pneumático da unidade na pluralidade. O Espírito cria as diferenças e as integra em fecunda harmonia.

Em 1948, ingressa nos Jesuítas, em Barcelona, e faz o trajeto formativo oferecido pela companhia. Seu percurso teológico-eclesial foi marcado pela teologia europeia, recebendo aí toda a formação teológica clássica (Barcelona, Innsbruck, Münster, Roma), tendo por mestres grandes nomes da teologia do século XX. Contudo a experiência mais longa e densa foi na América Latina, especificamente na Bolívia.

O caminho teológico feito por Codina é cercado por um mundo em constante mudança, de modo que seu “itinerário teológico-eclesial supõe, necessariamente, uma experiência tanto humana como espiritual, ligada à própria biografia e situada numa geografia e numa história determinadas” (CODINA, 1997a, p. 8). O que dá cor e sabor a seu caminho teológico-eclesial são as leituras e diálogos que buscam, mas, sobretudo a relação que estabelece com as diversas realidades em que está inserido, marcada pelo dilema da colonização e suas conseqüentes atrocidades que chegam aos dias atuais.

Geograficamente está no Sul do mundo e, portanto, politicamente, no outrora chamado “Terceiro Mundo” ou “Mundo Subdesenvolvido”. Experimenta, então, a ação salvífica de Deus em um contexto em que a violência faz parte do ambiente.

Um dado que marca todo seu itinerário teológico é o fato de ele ser um teólogo do pós-concílio, como ele mesmo deixa claro em seus escritos e especificamente em seu diário publicado em 2013. O Concílio Vaticano II, um divisor de águas na Igreja, e é um dos pilares de sua vida teológica (Cf. CODINA, 2013a, p. 20). Possibilitou o diálogo com o mundo moderno e, na América Latina, o diálogo da Igreja com o submundo, especificamente o mundo dos pobres, em que a realidade sócio-ecclesial é gritante. Daí sua exclamação: “Felizmente, o Concílio deixou para trás uma teologia baseada principalmente em conceitos metafísicos e escolásticos centrada em concílios e cânones e se abriu a uma teologia mais bíblica, histórica e pastoral” (CODINA, 2017, p. 169).

Um dos aspectos mais desafiadores no caminho de um teólogo é sua obediência confessional. Ele necessita de liberdade para pensar honesta e responsavelmente. Contudo deve dialogar sempre com a autoridade do Magistério Eclesiástico, dinâmica nem sempre fácil. Em face a esse aspecto, um dos momentos mais duros de seu labor teológico-ecclesial foi a participação na IV CELAM em Santo Domingo (Cf. CODINA, 2013a, p. 199). Aí se percebe sua confiança de cristão e teólogo na ação do Espírito ante as artimanhas humanas. Diz ele: “eu confio no Espírito, pois humanamente não há muitos sinais de esperança” (CODINA, 2013a, p. 202).

Sofreu junto com a CLAR as incompreensões vaticanas sobre o projeto Palavra-Vida (Cf. CODINA, 2013a, p. 150). Fala de sua desolação não só pessoal, mas ecclesial, pois se esperava uma Igreja mais primaveril e pentecostal, e chegou o inverno ecclesial (Cf. CODINA, 2013a, p. 265), acentuadamente nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Lamenta o desânimo dos estudantes de Teologia, a indiferença quanto ao estudo como parte de sua missão evangelizadora (Cf. CODINA, 2013a, p. 320). Percebe-se, todavia, a persistência de nosso teólogo e sua infundável confiança na força do Espírito, que age a partir de baixo, das situações de desesperança.

2 Um teólogo entre duas épocas e dois mundos

Dando prosseguimento a apresentação do itinerário de nosso teólogo, abordaremos dois momentos históricos que marcaram sua vida e dois lugares nos quais pôde exercer seu magistério teológico.

Dos momentos, tomamos como referência o Concílio Vaticano II. Codina nasceu em um ambiente pré-conciliar. Estava em Roma durante o referido evento, e sua teologia passa a

ser gestada na dinâmica pós-conciliar. De maneira que conheceu uma Igreja e uma Teologia antes e depois do referido evento.

Dos lugares, é o fato de ele ter estudado e ensinado Teologia na Europa e depois vir exercer seu magistério na América Latina. De modo que Pré e Pós-Concílio, Europa e América Latina são épocas e lugares sociais, histórica e geograficamente muito diversos que o autor vivenciou.

De início, apresentaremos Codina como estudante de Teologia em tempos de Concílio Vaticano II. Depois, a mudança de lugar social que ele experimenta e a consequente incidência em sua teologia e, por último, a chegada à América Latina com as pertinentes mudanças na vida e na produção teológica.

2.1 Estudante de Teologia durante o Concílio

Victor Codina é um fruto maduro do Vaticano II e foi testemunha do desabrochar da flor de inesperada primavera. Esteve em Roma por dois anos, quando acontecia o referido Concílio (1963 – 1965), estudando na Pontifícia Universidade Gregoriana. Deste grande acontecimento guarda recordações que não cabem somente como lembranças, mas como traços definitivos na sua vida e na sua produção teológica. “A experiência, os documentos e, sobretudo, o “espírito do Concílio” formam um dos pilares fundamentais de sua teologia” (Cf. CODINA, 2013a, p. 20). Esse vento impetuoso que sacudiu a Igreja na segunda metade do século XX é imprescindível à compreensão de seu labor teológico.

O Vaticano II traz um tempo novo para a Igreja. Alberigo, citando o discurso do “papa bom”, diz que o objetivo do Concílio é “fazer crescer o empenho dos cristãos, dilatar o espaço da caridade, com clareza de pensamento e com grandeza de coração” (ALBERIGO, 2006, p. 30). Num tom simples, mas profundo, o ex-Patriarca de Veneza desejava um Concílio de transição de época, no qual se intencionava a abertura da Igreja ao Mundo Moderno, a unidade dos cristãos e a Igreja dos pobres (Cf. CODINA, 2005, p. 92). Dando assim um passo além da plurissecular época constantiniana para um tempo novo, mais testemunhal e querigmático na Igreja, buscando recuperar elementos fortes e permanentes da Tradição, considerados idôneos para alimentar e garantir a fidelidade evangélica de uma transição árdua (Cf. ALBERIGO, 2006, p. 31). O caminhar juntos da Igreja dar-se-á em uma conjuntura mundial tensa, porém, seu maior acento será a busca pela fidelidade evangélica e o diálogo com o Mundo Moderno.

Na caminhada da Igreja, tempo de Concílio, apesar das agitações, é sempre tempo de escuta atenta dos sinais e prodígios que Deus opera na história (At 15,12). A Igreja discerne e

reconhece no Mundo Moderno sinais da presença de Deus e busca dialogar com a realidade histórica (Cf. GS 4,11; UR 4; AA 14) e o faz “não apenas por estratégia de sobrevivência, mas, sobretudo, e em última instância, em razão de sua própria identidade: em virtude de seu caráter missionário, a Igreja só pode existir em estreita solidariedade com o mundo” (AQUINO JUNIOR, 2019, p. 22). A reviravolta provocada pelo Concílio Vaticano II acontece na Teologia e na Pastoral.

Nosso teólogo recorda com entusiasmo a intensa experiência do Espírito vivida naqueles anos e naquele contexto. Diz que para sua geração “o Concílio foi, antes de tudo, uma experiência espiritual, profunda vivência eclesial, algo que permanecerá estreitamente ligado à sua vida cristã” (Cf. CODINA, 1993a, p. 50). Recorda os sentimentos indizíveis de entusiasmo que o ambiente conciliar suscitava. As discussões, as votações, a presença de membros de outras Igrejas, os grandes teólogos, as grandes celebrações na Basílica de São Pedro num clima de profunda comunhão, são aspectos que marcaram o acontecimento conciliar. A viagem de Paulo VI à Terra Santa e o encontro com o Patriarca Atenágoras são acontecimentos de uma expressividade ímpar, uma verdadeira “primavera eclesial”.

Dentre tantos acontecimentos, seu olhar de estudante de Teologia captou filas de bispos indo confessarem-se durante a missa. Longe de interpretar como simples ato piedoso, o jovem teólogo diz ver ali uma nova imagem de Igreja, mais humilde e consciente da necessidade do perdão de Deus (Cf. CODINA, 1993a, p. 52). Uma Igreja que na sábia expressão de João XXIII, aplicando o remédio da misericórdia, busca renovar-se também ela a partir da experiência da misericórdia.

Em Roma, Codina conheceu padre Pedro Arrupe, recém-nomeado Superior Geral da Companhia de Jesus, a quem define como um profeta que também partilhou as noites escuras da profecia (Cf. CODINA, 1997a, p. 12).

O jovem estudante de Teologia se maravilhou ao ver e ouvir os grandes teólogos debaterem temas para toda a Igreja. Participou de uma sessão conciliar e é enfático ao afirmar que “o Vaticano II é sinal profético da intervenção de Deus em nossa História Moderna” (CODINA, 1993a, p. 53). Profecia que desinstala porque é fruto da ação do Espírito, mas que une as diferenças no louvor a Deus e no serviço ao mundo. Citando Paulo VI, diz que “o Concílio é ato solene de amor à humanidade” (CODINA, 1993a, p. 54). A Teologia que brotará da reviravolta provocada pelo Concílio possibilitará diálogo com o mundo, abertura e retorno às fontes evangélicas. No jovem teólogo, suscitou sonhos, esperanças, utopias e tomadas de decisão. Temos assim uma nova fase de sua vida pessoal e teológico-eclesial.

Afirma que sua “geração teve grandes mestres e tudo o que puderam fazer depois se devia a eles que lhes iniciaram não numa teologia dos livros, mas do Espírito e da vida” (Cf. CODINA, 1997a, p. 12). Em dado momento de seu diário, narra o pedido de um jovem jesuíta para falar sobre o Concílio, o que foi seu significado para a vida da Igreja (Cf. CODINA, 2013a, p. 356), ao que ele se sente interpelado a sempre fazer memória.

É fervoroso ao assinalar que “o Vaticano II foi um acontecimento com todas as características da ação do Espírito: desconcerto inicial, novidade, dinamismo, abertura missionária, liberdade, pluralismo, universalidade, gozo” (CODINA, 1993a, p. 52). O encontro, o discernimento e o envio para a ação no mundo, eis o caminhar de uma Igreja fruto da ação do Espírito.

2.2 Mudança de lugar social e sua incidência na Teologia

Pensa-se a partir de onde os pés estão fincados. Apesar de certa imprecisão no que se refere ao termo lugar social, tomamos essa expressão para falar da mudança de lugar físico, posição social ou até mesmo de ponto de vista intelectual (Cf. AQUINO JUNIOR, 2017, p. 98). Nesse sentido, abordar a mudança de ambiente social na vida e trajetória teológica de Victor Codina. Na compreensão dele, o teólogo e, conseqüentemente, sua teologia, são marcados pelo contexto social, político e eclesial de que brota (Cf. CODINA, 2013a, p. 8). Assim, viver e fazer Teologia na Europa não é o mesmo que na América Latina e na África. As expressões culturais, os valores, os sistemas que regem a vida de determinada população ou área geográfica são fundamentais para se compreender também a relação com o Sagrado que ali se estabelece, bem como a Teologia que daí brota.

Seu lugar de nascimento e o percurso acadêmico que trilhou lhe fizeram ser um homem aberto, acolhedor e sensível às diversas realidades. Sobre a mudança da Europa para a América Latina ele afirma: “não foi só uma mudança de lugar geográfico e social, mas ao longo do tempo se configurou numa mudança de lugar teológico” (CODINA, 2013a, p. 23). Essa dinamicidade lhe proporcionou o contato com diversos ambientes da sociedade e em culturas muito diversas, dando-lhe uma visão mais ampla da realidade e possibilitando-lhe uma produção teológica com visão crítica e integral.

A mudança de lugar social em sua vida e conseqüentemente na sua Teologia traz dois aspectos que são determinantes: as situações de injustiça e uma progressiva descoberta da ação do Espírito na história, especialmente a partir dos injustiçados.

No tocante ao primeiro aspecto, ele confessa que três experiências vitais marcaram sua trajetória: “o trabalho com os migrantes nos anos sessenta; os dez anos vividos nos bairros da periferia de Barcelona, e as repetidas idas à América Latina, especialmente à Bolívia na década de setenta” (CODINA, 1984, p. 12). Dessas experiências, para ele fundantes, chega à conclusão de que seja nos países do chamado mundo desenvolvido ou nos países do chamado mundo subdesenvolvido, a grande questão é a realidade de injustiça. Ele vai se dando conta de que mesmo a Teologia europeia, com toda a ânsia de progresso, não consegue ainda enxergar a realidade dos pobres. Diz que “ainda que pudesse citar nomes de pessoas que o influenciaram teologicamente, na realidade seus grandes mestres, os que mais o questionaram, têm sido os deserdados da história” (CODINA, 1984, p. 12).

Quanto ao segundo aspecto, comentando em seu diário sobre esse período já na Bolívia, diz que “é preciso fazer uma leitura teológica dos sinais dos tempos, ver a ação dinâmica do Espírito na história e ter muito presente a parábola do trigo e do joio” (CODINA, 2013a, p. 61) para um fecundo discernimento. Dar-se conta da necessidade de aprofundar uma espiritualidade mais encarnada, a partir do Espírito que age na história frente a um dualismo característico de uma mentalidade mítica e pouco histórica (Cf. CODINA, 2013a, p. 48): O Espírito que dinamiza a história e fomenta a libertação.

Em 1985 escreve sobre a teologia do clamor popular e recorda que “através desse clamor geme o Espírito que vai transformando a escravidão em libertação, em liberdade” (CODINA, 1985, p. 325). Codina, passo a passo, vai tornando clara a necessidade de uma teologia que uma cada vez mais mística e profecia, pobres e pneumatologia.

2.3 América Latina e as mudanças na vida e na produção teológica

A América Latina foi ao longo de sua história de colonização um dos focos da Igreja para a *implantatio fidei*. Os religiosos, apoiados por suas congregações, foram pioneiros na implantação e consolidação da Igreja no novo continente. Os jesuítas, e de maneira bem peculiar os espanhóis, são de primeira hora um dos grupos religiosos que mais investiu neste novo campo de missão. No século XX não foi diferente. Victor Codina está, por assim dizer, na esteira de grandes levas de jesuítas destinados a essa parte do mundo.

De início veio à América Latina visitar seu irmão Gabriel (1971, 1978, 1979) (Cf. CODINA, 2013a, p. 29-31). Ali também encontrou alguns amigos e ex-colegas de estudos. Impulsionado pela realidade de injustiça, mas, sobretudo pelo testemunho dos que se dispuseram a mudar a realidade dando a própria vida, deixou as possibilidades que a Europa

lhe oferecia e veio reobjetivar sua história a partir de outro ângulo. Aqui veio exercitar o saber que serve para servir.

Chegou à Bolívia em abril 1982 para aí permanecer por longo e intenso período. (Cf. CODINA, 2013a, p. 32). A realidade que encontrou foi de ditaduras e uma situação econômica caótica. Em contrapartida, tinha-se as novidades do Concílio Vaticano II e sua recepção criativa em Medellín e Puebla. Na Companhia de Jesus, liderada por Pe. Arrupe, havia-se redefinido o carisma inaciano como o serviço à fé e à justiça (Cf. CODINA, 2013a, p. 30). Apesar das dificuldades circunstanciais, os ventos favoreciam algum horizonte, havia utopia.

Passeando pelas ruas de Cochabamba se dá conta dos desafios socioculturais que o rodeiam: certa sensação de Nazaré, um mundo simples, pobre, humilde, desconhecido (Cf. CODINA, 2013a, p. 32). Sente-se desafiado a produzir teologia quando não tem os recursos livrescos de que dispunha na Europa. Dar-se conta que as experiências vivenciadas nos bairros operários de Barcelona ganham aqui outro tom. As características são mais desafiadoras porque “nesses países latino-americanos, tanto os governos como as classes mais ricas e opressoras se confessam cristãos e dizem inspirar-se nos princípios do humanismo cristão” (CODINA, 1984, p. 15). Isso lhe causa certa angústia e questionamentos sobre a profundidade com que se vive o cristianismo nas diversas realidades. A incompatibilidade entre o ser cristão e esse tipo de cristianismo chega a ser angustiante.

Ante essa nova realidade defrontou-se com uma mudança nua e crua de realidade social, cultural e até religiosa. Seu fazer teológico, sem perder a consistência de uma boa e fecunda Teologia, tem que ser feita a partir de aspectos até agora não incluídos no rol de sua produção. Experimentou aquilo que o Papa Francisco insiste hoje quando se refere ao fazer teológico: “atualmente, a Teologia também deve encarregar-se dos conflitos: não apenas daqueles que experimentamos dentro da Igreja, mas também daqueles que afetam todo o mundo e que são vividos nas ruas da América Latina” (FRANCISCO, 2015, p. 1).

Sentiu na pele os conflitos *intra* e *extra Ecclesia*, mesmo assim, a Ecclesiologia foi a área mais explorada em sua produção. Seu livro, “Para compreender a Ecclesiologia a partir da América Latina”, foi traduzido em várias línguas e alcançou tiragem significativa. Foi o livro adotado em vários Cursos de Teologia por ser uma reflexão crítica, bem fundamentada e propositiva.

Fazer Teologia a partir do lugar dos pobres, do reverso da História, significa pôr o dedo nas feridas da humanidade e dos sistemas e apontar que o maior mal é a desigualdade, a injustiça – não só entre pessoas, mas entre povos. E muitas vezes tendo a religião como um sistema legitimador desse *status quo*.

Essa experiência de fé, que parte da manifestação do Deus-Salvador libertando seu povo oprimido, não pode mais ser vista e acusada como ópio do povo, mas como força, fermento de libertação. A opção de fazer uma Teologia a partir da realidade dos pobres tem seu estatuto na práxis mesma de Jesus de Nazaré que os colocou no centro do Reino. O seu lugar social faz ver com mais profundidade a revelação: “Os pobres são o sinal dos tempos, hoje mais relevante, já que o anseio de libertação é sinal claro do Espírito” (CODINA, 1993b, p. 15). Esse novo fazer teológico traz em seu bojo a atualização da força profética que é força do Espírito de Deus. Ao longo de nossa narrativa percebe-se que Codina foi aprofundando suas intuições teológicas à luz do Espírito Santo, compreendido aqui não de maneira retórica ou abstração metafísica, mas como ação que deixa seus rastros na história, na medida em que suscita vida nova.

É perceptível que desde o início de seu labor teológico ele foi marcado pelo contato com a espiritualidade cristã oriental e, em determinado momento buscou fazer um diálogo entre a Teologia Oriental e a vitalidade dos povos latino-americanos. Nos anos 90, já em contexto de uma Teologia da Libertação consolidada, enfatiza a importância de perceber que o Sul possui outros instrumentos, outra sensibilidade e outra metodologia, que até o momento presente não foram utilizados (Cf. CODINA, 1997b, p. 101). Isso não significa que os teólogos até então não tivessem trabalhando a partir dessa realidade, mas que ele, Codina, percebe que as categorias, as mediações utilizadas ainda têm fortemente o acento europeu. Daí sua intuição na temática da razão simbólica. Ao que para alguns teólogos mais sistemáticos (quase cartesianos) parece algo impossível.

Numa chave de leitura de razão simbólica, o autor vai delineando um caminho e acentua que não é preciso necessariamente desprezar elementos do Norte, mas assumir as categorias que brotam do Sul, com discernimento a partir das próprias raízes históricas e culturais (Cf. CODINA, 1997b, p. 102).

Com aguda sensibilidade e docilidade ao Espírito, capta os motivos de esperança que sustentam a vida do povo e diz que “teologicamente, isto supõe, entre outras coisas, uma maior sensibilidade para captar a presença do Espírito no meio do povo, em seu clamor e sua esperança, em suas culturas e em sua utopia” (CODINA, 1997b, p. 103). De modo que o Espírito Santo que chega antes do missionário, faz acontecer a vida do povo, com suas lutas e celebrações, ante os desafios cotidianos.

Já no entardecer da vida, a Pneumatologia será o novo horizonte de seu labor teológico. Desde sua tese doutoral, o semestre no Instituto de Teologia Oriental, a experiência nos bairros pobres de Barcelona e à força do testemunho martirial que o trouxe para a América Latina, é

visível o caminho em direção a uma Teologia do Espírito Santo. Em comunhão com a Tradição teológica que o precede, e ele busca alargar a compreensão desde a realidade latino-americana.

3 Uma pneumatologia a partir da América Latina

Neste terceiro momento da teobiografia de Victor Codina, apresentaremos alguns aspectos de sua Pneumatologia, tendo em conta que a desenvolveremos melhor no capítulo segundo. Primeiro, vamos apresentar as constatações que Codina faz sobre o déficit de reflexão nesta área do conhecimento teológico. Segundo, como ele interpreta os sinais do Espírito a partir do Sul do mundo. E, terceiro, como ele propõe uma Pneumatologia a partir de baixo, das bases.

3.1 Déficit pneumatológico

A Pneumatologia, enquanto reflexão sobre a Pessoa do Espírito Santo tem sua gênese já nos primeiros séculos da Igreja⁵. Com uma conotação mais apologética, visava tanto à formulação dogmática, quanto à defesa da Pessoa do Espírito ante os grupos que apresentavam compreensões destoantes do conjunto da Revelação. De modo que ao longo da história da Igreja a reflexão acerca do Espírito Santo ficou muito restrita à relação intratrinitária, ou ao campo da mística.

É verdade que grupos pneumáticos pululam em toda a História da Igreja, e chegam a pregar uma Era do Espírito em substituição de uma era do Filho (Cf. CODINA, 2010a, p. 65). Isso desde as Comunidades Paulinas (Coríntios), passando pelos grupos gnósticos, montanistas, chegando ao período medieval com Joaquim de Fiore que pregava um tempo do Espírito.

No Período Medieval, seja por influência do Joaquimismo, seja por outras influências, essa compreensão de um tempo do Espírito está presente nos movimentos pauperísticos (cátaros, albigenses, iluminados) que foram rechaçados pela Igreja. Mas não só. Dentro do Movimento franciscano há toda uma corrente espiritual (espiritualista). O próprio Francisco de Assis é fruto desse contexto de entusiasmo em torno do Espírito, chegando a firmar que o Superior Geral da Ordem Franciscana era o Espírito Santo (Cf. 2Cel 193, 4).

⁵ Vejam-se as obras: CODINA, Victor. **Não extingais o Espírito**. Iniciação à Pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 96-98; **O Espírito do Senhor**: força dos fracos. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 69-88; **Los caminos del Oriente cristiano**: iniciación a teología oriental. Santander: Sal Terrae, 1997c, p. 77-80.

O autor recorda ainda que, nesse período, tinha-se devoção ao Divino Espírito. Foi nesse contexto que foram elaborados os cantos do *Veni Craeator Spiritus* e o *Veni Sancte Spiritu* com certo sentido intimista, em que o Espírito é Pai dos pobres, doce hóspede da alma (Cf. CODINA, 2019, p. 95). No entanto enquanto elaboração teológica cria-se um déficit pneumatológico no Ocidente.

Codina é ciente desses acontecimentos, e suas intuições querem nos provocar a que vejamos dois aspectos: o primeiro é que há uma ausência pneumatológica ao longo da história da Igreja. O que não significa ausência do Espírito, mas de uma elaboração mais explícita e reflexa sobre ele (Cf. CODINA, 2019, p. 101). O segundo é que, citando Congar, essa ausência é suprida com sucedâneos, especificamente a Eucaristia, Maria e o Papa (Cf. CODINA, 2019, p. 111). Leve-se em conta ainda que os movimentos que surgem polarizam no campo espiritualista. Nesse sentido, a proposta de nosso autor é exatamente retomar a Teologia de Irineu de Lion, na qual fala das duas mãos do Pai. Ou seja a complementariedade entre Cristologia e Pneumatologia.

Reforma Protestante

Outro momento histórico significativo nesse campo, e que o autor não é alheio, é o contexto da Reforma Protestante. O movimento da reforma não deixa de ser uma provocação do Espírito (Cf. CODINA, 2019, p. 100). E aqui o autor faz uma aproximação dos interesses de Lutero e Calvino, Tereza e Inácio, como motivações sérias de retorno às fontes cristãs. Embora ao longo do caminho suas posturas diferenciem-se, especialmente do ponto de vista eclesiológico.

Ainda no contexto da Reforma, Codina menciona o Teólogo Reformador Thomas Müntzer (1489-1525). Ele intui que Evangelho e escravidão são incompatíveis, e não é de acordo que a Igreja se retire para esfera privada. Mas deve colaborar com a Era do Espírito, com obras, e preparar o terceiro reino do Espírito, que continuaria a obra que o Cristo histórico não pôde acabar (Cf. CODINA, 2019, p. 102). Na sua compreensão, a humanidade necessita do complemento do Espírito e isso se daria na organização dos movimentos sociais, tendo como agentes os pobres e analfabetos, pois são os privilegiados de Deus.

Müntzer, ex-padre católico, acompanha as reflexões de Lutero não obstante posteriormente diverja do reformador. Juntamente com Marcos Thomä (1522) e Nicolau Sorch

(1525), entrou para a história como os "profetas de Zwickau"⁶. Seu pensamento foi estudado por Engels, Bloch e Garaudy. Na América Latina, teve em Hugo Echegaray um de seus conhecedores (Cf. CODINA, 2019, p. 103) e divulgadores em perspectiva de Libertação⁷.

Concílio Vaticano II

Com o advento do Concílio Vaticano II, despontam linhas de reflexão que ousam alargar o pensamento para ver a ação do Espírito para além dos muros da Igreja. Fato significativo é o pedido de Paulo VI⁸ em uma audiência geral para que a Cristologia e a Eclesiologia do Vaticano II fossem complementadas com um estudo e um culto mais aprofundados sobre o Espírito Santo, pedido esse retomado por João Paulo II no documento *Dominum et Vivificantem* (Cf. JOÃO PAULO II, 1986, p. 6).

Nas décadas subsequentes ao Concílio, é possível encontrar publicações de relevância de autores como Yves Congar, Suenes, Mühlen, entre outros (Cf. NOGUEIRA, 1998, p. 251). Ainda assim temos um desafio, pois a elaboração teológica na área da Pneumatologia até então é muito acadêmica, intraeclesial e eurocêntrica. E claro que essa ausência é suplantada pelo foco na Cristologia e os sucedâneos vindos do Período Medieval: a Eucaristia, o papa e Maria (Cf. CODINA, 2019, p. 111). Elementos esses, que por mais importância que tenham na teologia e na vida de fé, não substituem a pessoa e a missão do Espírito.

Partindo dessa constatação, Codina chama atenção para a necessidade de uma releitura da ação do Espírito, ou seja, da elaboração de uma Pneumatologia a partir da América Latina não apenas em tom apologético, nem com as reafirmações dogmáticas intratrinitárias, mas, sobretudo, acentuando a necessidade de uma reflexão acerca do Espírito que age na pessoa, na Igreja, na História e no mundo concretamente a partir da base⁹.

Nesse sentido, aponta que num verdadeiro movimento do Espírito, a América Latina, nos anos 70 e 80, mergulhada num contexto sociocultural altamente periférico, de violência, esquecimento e dependência, ouviu ressoar um grito de natureza profética, especialmente vindo

⁶ http://protestantismo.com.br/biografias/thomas_muntzer.htm. Consultado em 15, de outubro de 2020.

⁷ H. Echegaray. Lutero y Müntzer, dos concepciones antitéticas de liberación. 1976 (Indicação de Codina. Nota de rodapé da p. 103).

⁸ Audiência Geral de 6 de Junho de 1973: *Insegnamenti di Paolo VI*, XI (1973), P. 477. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html. Consultado no dia 15 de outubro de 2020.

⁹ Codina é bem consciente das elaborações e torno da figura do Espírito a partir da América Latina. Porém ainda acha pouco, e acentua não só a necessidade da pneumatologia, mas, essa dialogando com a cristologia. Sua produção é baseada em leituras e diálogos com teólogos e teólogas latino americanos, tais como J. Comblin, M. C. Bingemer, M. J. Caran, D. Irarrázaval, L. Boff, P. Trigo (Cf. CODINA, 2019, p. 197-203).

de Medellín e Puebla. É a dinâmica de movimentos surgidos do meio do povo que foi suscitando uma nova reflexão, uma compreensão do Espírito que age a partir da periferia do mundo e a partir dos pobres (Cf. CODINA, 2019, p. 25). Num verdadeiro Pentecostes, o Espírito suscitou transformação pessoal, eclesial e político-social.

Em seu diário, relata que após um Encontro de Teólogos da CLAR, em 1995, ouvidas as partilhas e ao saber dos acontecimentos da Igreja e da vida religiosa no continente, sente-se “confirmado em suas preocupações de que o Espírito guia a sociedade, a Igreja e a ele mesmo em seu labor teológico, dando-lhe lucidez, claridade, liberdade e fecundidade” (Cf. CODINA, 2013a, p. 243). Vai maturando seu pensamento teológico revisitando seus escritos e descortinando a ação do Espírito nas pessoas, na Igreja e na história.

A partir da década de 90, acentua sua produção teológica sobre o Espírito. Sendo o ano de 1998 dedicado ao Espírito Santo em preparação ao grande jubileu, dedica meditações e escritos pessoais sobre o tema (Cf. CODINA, 2013a, p. 268) e começa a fazer uma releitura da presença e ação do Espírito nos movimentos históricos nos Períodos Antigo, Medieval e Moderno da Igreja, e na Igreja da América Latina em chave pneumatológica.

Codina comenta sobre o contexto teológico europeu, e o acha asfixiante. Inquieta-se com uma Teologia produzida quase unicamente a partir da *fides quae*, ou seja, a partir da fé positiva, dogmática. Ver nisso, de certo modo a causa de um racionalismo e engessamento teológico que não é fecundo. E recorda que a *fides qua* é abertura ao mistério, uma atitude de confiança e entrega, experiência de Deus, experiência do Espírito, mística, autocomunicação de Deus, o criador e Senhor que se comunica com sua criatura (Cf. CODINA, 2013a, p. 313). Daí uma das causas que o levou a estudar a Teologia Oriental e, conseqüentemente, a pneumatologia. Ora, o Espírito age para além das formulações que dele e de sua ação se pretenda fazer. As elaborações teológicas, sobretudo europeias, estão marcadas com informações frias, longe da realidade do povo, muito preocupadas com a razão instrumental e quase nada de razão simbólica.

Em 2004, numa viagem à Espanha, ao fazer um balanço do ano, dá-se conta do muito trabalho realizado e fica sabendo que estão aprofundando sua Sacramentologia e Eclesiologia na Alemanha e em Buenos Aires, mas seu interesse é cada vez maior na Pneumatologia (Cf. CODINA, 2013a, p. 314). Está atento aos ventos do Espírito que sopram de todos os lados, nos Movimentos Sociais que lutam pela justiça e pela vida e nos Movimentos Eclesiais. No entanto está certo de que todos necessitam de discernimento.

Em 2007, foi nomeado para a V CELAM em Aparecida. Nesse ínterim, estava pesquisando para escrever sobre Pneumatologia (Cf. CODINA, 2013, p. 324). Constata que vai

se confirmando cada vez mais a necessidade de elaborar uma pneumatologia ligada à Cristologia, evitando assim tanto o eclesiocentrismo e a rigidez institucional, como a gnose, a nova era, uma espiritualidade sem Igreja, sem Cristo, sem Deus, sem religião (Cf. CODINA, 2013a, p. 340).

Um dos frutos de sua produção convergindo cristologia e pneumatologia é seu livro *Una Iglesia Nazarena: teología desde los insignificantes*, publicado em 2010, que tem por intuito “um corretivo messiânico, uma tentativa de mostrar que a Pneumatologia é inseparável de Nazaré, o Espírito é Espírito de Jesus de Nazaré” (CODINA, 2013a, p. 376)¹⁰. Há de fato a necessidade de se elaborar uma Pneumatologia a partir da base, pois, “graça, Reino, salvação, perdão, saúde, misericórdia, libertação do pecado e da morte, vida, equivalem ao Espírito que dá vida” (*zoé*) (CODINA, 2013a, p. 355)¹¹.

E nesse descortinar pneumático, Codina vai fazendo a síntese das marcas do Espírito e clarificando essa presença discreta e fecunda, inquietante e transformadora. Numa compreensão cada vez mais aguçada de que o seguimento de Jesus é a vida no Espírito, não numa compreensão espiritualista, mas amadurecida da presença e obra do Espírito no mundo.

3.2 O Espírito sopra do Sul do mundo

Ao longo da trajetória teológica de Codina é muito forte a temática dos sinais dos tempos de que falam os textos Sagrados, os documentos conciliares e os grandes teólogos do Pré e Pós-Concílio. Como já mencionamos alhures, Codina faz parte de uma geração que sonhou e testemunhou uma mudança de época muito forte na sociedade e na Igreja (Cf. CODINA, 1997a, p. 7). Os movimentos que precederam o Concílio, bem como os acontecimentos na História Mundial sinalizavam para algo novo, pois o Espírito sopra onde quer (Cf. Jo 3,8). O Concílio foi um divisor de águas e as mudanças socioculturais exigiam da Igreja e da teologia um novo olhar e uma nova postura.

A mudança de lugar social e o fato de viver em épocas diferentes lhe possibilitou vislumbrar outras perspectivas teológicas e se dar conta de que a Teologia, se não quiser ser só repetição dos documentos do magistério, mas uma proposta plausível de interpretação dos motivos de esperança nas diversas realidades humanas, necessariamente deve se atualizar nos tempos e lugares. Dessa forma, ela não deixa de “está muito condicionada pelo contexto em

¹⁰ “Correctivo mesiánico, un intento de mostrar que la pneumatología es inseparable de Nazaret, el Espíritu es el Espíritu de Jesús”(CODINA, 2013a, p. 376).

¹¹ “Gracia, Reino, salvación, perdón, salud, misericordia, liberación del pecado y la muerte, vida, equivalente a Espíritu que es el que da vida (*zoé*)”(CODINA, 2013a, p. 355).

que vive o teólogo, por seus lugares teológicos e suas afinidades e sensibilidades” (CODINA, 2013a, p. 318). Nesse sentido, interpretar os sinais dos tempos na Europa não é o mesmo que na América Latina.

Claro que não se pode fazer uma correta e sadia interpretação desses sinais sem critérios e discernimento, porém, o contexto vital de onde se vive e se pensa tem seu peso. O fecundo discernimento exige uma pneumatologia teórica e prática (Cf. CODINA, 2013a, p. 309). Daí o acento não tanto em elementos metafísicos e literários, mas numa leitura e interpretação da Revelação e dos fatos históricos.

Nas narrativas testamentárias tem-se a obra de Lucas, vista como uma Teologia da História e o Evangelho do Espírito¹². Sua narrativa parte da periferia em direção ao centro. Apresenta o caminho de Jesus saindo de Nazaré com a força do Espírito (Cf. Lc 4,14) para ir à Jerusalém (Cf. Lc 9,51). Após toda a trama que o levou à morte, seguido do acontecimento da ressurreição, Ele diz aos discípulos que permaneçam em Jerusalém até a vinda do Espírito Santo (Cf. Lc 24,49). É daí que “a comunidade cristã, testemunha da ressurreição de Jesus e cheia do Espírito Santo, vai levar à Palavra de Jerusalém a Roma, o coração do Império” (MOREIRA, 2012, p. 14). A mensagem cristã é conduzida na força do Espírito da periferia ao centro do mundo de então.

A leitura feita por Codina tem essa conotação de um movimento que surge da base, da periferia. Ele observa a retomada dos movimentos do Espírito a partir do reverso da história, a partir do Continente Sul-americano para falar às realidades do centro. Diz ele que

A América Latina, um continente pobre e cristão, viveu nessas últimas décadas uma irrupção vulcânica do Espírito. O povo pobre, marginalizado e excluído há séculos, os indígenas, os descendentes de escravos africanos, os camponeses, os jovens e as mulheres começaram a levantar sua voz e tornaram-se presentes na história (CODINA, 2011a, p. 132).

Os ventos do Espírito, que na feliz expressão de João XXIII, entraram na Igreja para lhe dar novo vigor, agora sopram do Sul do mundo e do meio dos pobres e pequenos. Nessa busca de compreensão do Espírito que sopra a partir do Continente Latino-americano, nos deparamos com a binômia fé e justiça (Cf. CODINA, 2008, p. 129), que será integrado com pobres e Espírito.

¹² MOREIRA, G. Lucas e Atos: uma teologia da história. São Paulo: Paulinas, 2012; RIVAS, L. H. O Espírito Santo nas Sagradas Escrituras. São Paulo: Paulinas, 2008; BOFF, Lina. Espírito e missão na obra de Lucas: para uma teologia do Espírito. São Paulo: Paulinas, 1996.

Na América Latina, essa conjugação não tem um sentido meramente retórico ou de diálogo com a cultura moderna, mas de conjugar o teórico e o prático, exorcizando o divórcio existente entre esses. O Pai dos pobres é, sobretudo, força dos pobres, alento em suas necessidades, aquele que derrama a fé nos corações, suscitando a justiça como práxis da fé confessada.

3.3 Uma Pneumatologia a partir de baixo

Como já mencionamos, após o Concílio Vaticano II encontramos algumas iniciativas e elaborações na área da pneumatologia, porém com mentalidade ainda muito europeia e sempre dentro de esquemas quase fixos de elaboração teológica. Os dados históricos, as mudanças na cultura e na Igreja, os pobres, parecem que não são levados em conta ante tais elaborações. Claro que há iniciativas sérias na tentativa de responder a essa demanda teológica, porém nosso autor pensa ser necessário avançar. A esse respeito ele faz um questionamento:

se os lugares geográficos e históricos a partir dos quais se elabora a Teologia não são neutros nem indiferentes, será que uma Pneumatologia a partir da América Latina não pode incontestavelmente trazer uma riqueza própria ao reler a tradição bíblica, eclesial e teológica tanto do Ocidente quanto do Oriente, a partir dos pobres, da base, da periferia, do reverso da história, da margem, como lugar teológico privilegiado? (CODINA, 2019, p. 10).

É na tentativa de responder a essa inquietação que nosso teólogo catalão, feito boliviano, propõe uma Pneumatologia a partir de baixo. E para tal empresa ele retoma a História da Igreja e da Teologia na América Latina.

Visitando os antecedentes sociopolíticos e socioeclesiais, ele vai descortinando a presença discreta e fecunda do Espírito como um fogo que queima a partir de baixo, que às vezes dá a impressão de não existir, mas que se sabe está fumegando.

Parafraseando Adélia Prado quando diz: “eu sempre sonho que uma coisa gera, nada nunca está morto. O que não parece vivo aduba, o que parece estático espera” (PRADO, 2014, p. 17). O Espírito, que na Revelação não tem uma corporeidade, e na tradição ocidental é visto sempre de maneira muito opaca, está sempre agindo, está vivificando no mais profundo da história. Faz germinar a vida, e não deixará que se apague a última mecha de fumaça até que se cumpra a justiça (Cf. Mt 12,20).

Codina, em seu diário, recorda um diálogo com Gonzales Faus, SJ, em que discutiam sobre a necessidade de uma Revolução Pneumatológica, dizendo estar disposto a contribuir nessa tarefa pendente (Cf. CODINA, 2013a, p. 392). Com efeito tem desempenhado o que se

propôs, objetivando conjugar a Teologia Ocidental, a Teologia Oriental e a realidade dos povos da América Latina. Tomando Medellín como o Pentecostes Latino-americano, propõe-se a fazer uma leitura dos sinais dos tempos a partir daí, da realidade sócio-ecclesial da América Latina.

A referida conferência, primeiro espaço de recepção do Concílio na América Latina, desencadeou uma série de acontecimentos na vida da Igreja e na Teologia, todos vistos por Codina como impulso do Espírito:

os Santos Padres da América Latina, os Santos Padres da Igreja dos pobres; o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base; o compromisso dos leigos com a Sociedade e a Igreja; a vida religiosa inserida nos meios populares; a floração sangrenta e testemunhal de inúmeros mártires; finalmente a reflexão teológica chamada ‘Teologia da Libertação’, como segundo ato a partir de todas estas mudanças sócio-ecclesiais (CODINA, 2019, p. 28).

Bispos profetas, que tomam a pobreza como caminho de proximidade e solidariedade com os pobres, agem na força do Espírito. Leigos e leigas que se organizam nas comunidades eclesiais de base para, a partir da fé, pensar suas vidas, a Igreja, a cultura, a história, apoiados por uma vida religiosa muito mais solidária, inserida. O Espírito suscita uma reviravolta na Teologia, que ante um contexto de opressão, busca justiça e libertação. Todo esse dinamismo gera uma vida eclesial mais voltada para a busca de diálogo com suas raízes culturais, ao mesmo tempo em que busca ouvir e dar voz aos pequenos, aos pobres porque o Espírito clama a partir da dor da história, dos que não contam na história.

Buscando fazer uma síntese da vida e de seu caminho teológico, Codina chega à maturidade publicando sobre Pneumatologia, inclusive concebendo a eleição do Papa Francisco como confirmação de que o Espírito está soprando desde o Sul do mundo (Cf. CODINA, 2019, p. 11). Em outro escrito diz:

sonho com uma compreensão do Espírito em toda sua profundidade e verdade na Igreja e no mundo, já que ele enche o universo e age a partir de baixo, e gera vida desde as situações de caos e de morte, e que não seja reduzido ao ‘doce hóspede da alma’, mas que se abra à história e ao cosmos (CODINA, 2017, p. 141)¹³.

Afirma ainda que “o Espírito quer refazer, a partir da base, da negatividade do pecado e do antirreino, o projeto do Pai, o Reino de Deus que Jesus veio pregar e implantar neste mundo. A partir deste lugar marginalizado quer fazer chegar a salvação a todo o mundo” (CODINA,

¹³ “Sueño que el Espíritu sea captado con toda su verdad y profundidad en la Iglesia y en el mundo, ya que llena el universo y actúa desde abajo, engendra vida desde situaciones de caos y de muerte. Sueño con que el Espíritu no se reduzca a ser “dulce huésped del alma”, sino que se abra a la historia y al cosmos” (CODINA, 2017, p. 141).

2019, p. 43). O desafio posto é que a sensibilidade seja cada vez mais aguçada para captar os sinais e movimentos do Espírito na História. Há que se ouvir os clamores do Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 236) que ecoam desde o mais profundo da história humana com suas contradições e marcas de injustiça.

É importante ter olhos atentos para a ação do Espírito nos movimentos sociais e políticos que lutam pelas causas do povo, por justiça e vida com dignidade, pela defesa de suas culturas e tradições, pela defesa do meio ambiente. Povos inteiros que por séculos viveram sob o signo do Colonialismo agora se sabem sujeitos de sua própria história, estão sob a ação do Espírito, e fazem de sua pequenez uma força para lutar.

Este Espírito presente nos processos sociais e políticos é o Espírito dos pobres, dos anawin, das bem-aventuranças de Mateus (Mt 5,3-12) e de Lucas (Lc 6,20-26), daqueles que foram escolhidos por Deus para confundir os fortes e poderosos (1Cor 1,26-2,16), dos que Maria canta no Magnificat (Lc 1,51-53). É o Espírito que ungiu Jesus para anunciar boas notícias aos pobres e liberdade aos cativos (Lc 4,18); é o Espírito que fez Jesus exultar e agradecer ao Pai por que ele ocultou as coisas do Reino aos sábios e prudentes e as revelou aos pequenos (Lc 10,21) (CODINA, 2011a, p. 133).

Chegamos assim à compreensão de que Codina elabora uma Pneumatologia a partir da América Latina com séria fundamentação bíblica, dentro da grande Tradição teológica, mas propondo um alargamento na compreensão da ação do Espírito em diálogo com as culturas, buscando ver a diversidade gerada pelo Espírito e ao mesmo tempo a unidade que Ele proporciona. Diz ele que ao ler um artigo de Agenor Brighenti¹⁴ sobre a primeira, a segunda e a terceira ilustração, muitas de suas ideias foram clareadas, pois na terceira ilustração que seria a cosmocêntrica, onde se fala de razão dialogal, alteridade, razão simbólica e intuitiva, conseguiu encontrar elementos para suas intuições teológicas, ligando-as à Pneumatologia, ao corpo, à sexualidade, às mulheres, aos indígenas, ao ecumenismo, ao diálogo interreligioso, à ecologia (Cf. CODINA, 2013a, p. 312).

Para melhor explicitar e aprofundar sua Pneumatologia em chave de libertação, apresentaremos mais adiante a estrutura da elaboração pneumatológica. Todavia, já adiantamos que ele trabalha a ação do Espírito na pessoa, na Igreja e no mundo (Cf. CODINA, 2010a, p. 24) numa tentativa sincera de responder às inquietações pessoais, eclesiais e do mundo de hoje (Cf. CODINA, 2019, p. 9), pois compreende que “tudo aquilo que leva à vida autêntica, plena,

¹⁴ BRIGHENTI, Agenor. Fazer Teologia desde a América Latina: novos desafios e implicações semânticas e sintáticas. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 38, p. 2011-229, Mai./Ago., 2006.

a nível pessoal, social, eclesial e cósmico é do Espírito” (CODINA, 2013a, p. 319)¹⁵. Haja vista que o Espírito continua a falar não só na Igreja, mas na história, no mundo, e, principalmente, a partir dos pequenos.

¹⁵ “Todo aquello que lleva a la vida auténtica, plena, a nivel personal, social, eclesial y cósmico, es del Espíritu” (CODINA, 2013a, p. 319).

CAPITULO II

A PNEUMATOLOGIA DE VICTOR CODINA

No capítulo anterior, apresentamos os aspectos teobiográficos de Victor Codina perfazendo seu caminho teológico entre Europa e América Latina e destacando o fato de ser testemunha de duas épocas diferentes na vida da Igreja, que tem como marco divisor o Concílio Vaticano II. O autor que se radica na América Latina, mais especificamente na Bolívia, faz seu percurso teológico atravessando as várias áreas da Teologia e chegando à maturidade com as elaborações no campo da Pneumatologia.

Com segundo capítulo, objetivamos apresentar a Pneumatologia de Victor Codina, na qual ele discorre sobre a ação do Espírito na pessoa, na Igreja e no mundo. Nesse sentido, afirma que

a exigência atual é de elaborar-se uma espécie de Pneumatologia Fundamental que não se limitasse a reconhecer a presença do Espírito na Igreja e no mundo depois da Páscoa-Pentecostes como dom do Ressuscitado, mas que aprofundasse também em chave pneumática como condição necessária de acesso a Cristo, como mediação que prepara os caminhos do Senhor na criação, na História, nas pessoas e na própria Igreja (CODINA, 2012a, p. 75).

Seu pano de fundo é a compreensão de que “o Espírito não tem outra mensagem diferente da de Jesus e, sim, é memória, atualização e consumação da vida e da obra de Jesus” (CODINA, 1997a, p. 138). É o Espírito que age pela força da Palavra, que cria, move e gera um tempo novo na pessoa, na Igreja e no mundo. É contundente ao afirmar:

a Pneumatologia me ajudou a dar à Teologia da Libertação uma dimensão mais integral e a abrir-me às novas perspectivas que nos anos seguintes apareceram junto ao clamor dos pobres: o clamor das diferentes culturas e religiões, o gênero, a juventude, a ecologia, a ânsia de experiência espiritual. Espírito e pobres são o fundamento para uma teologia mística e profética (CODINA, 2013a, p. 29)¹⁶.

Assim, apresentamos a Pneumatologia de Victor Codina em suas três dimensões: pessoal, eclesial e universal (Cf. CODINA, 2010a, p. 72), enfatizando sempre que o Espírito age a partir de baixo. Num primeiro momento, buscaremos perceber a ação do Espírito na vida da pessoa como indivíduo e sujeito. Depois, a ação do Espírito na vida eclesial, na comunidade

¹⁶ “La pneumatología me ayudó a dar a la teología de la liberación una dimensión más integral y a abrirme a las nuevas perspectivas que en los años siguientes han ido apareciendo junto al clamor de los pobres: el clamor de las diferentes culturas y religiones, el género, la juventud, la ecología, el ansia de experiencia espiritual. Espíritu y pobres, son el fundamento para una teología mística y profética” (CODINA, 2013a, p. 29).

cristã, na qual florescem os carismas e suscita a profecia. Por último, na história, no cosmos, buscando discernir os sinais dos tempos e ouvir os clamores do Espírito.

1 O Espírito age na pessoa

O Espírito é ação. Ele age nas pessoas porque foi derramado pelo próprio Deus em seus corações (Gl 4,6). A Pneumatologia elaborada por Victor Codina toma em conta esse fato. Por isso, nesse primeiro momento, explicitamos, segundo a proposta de Codina, a ação do Espírito no sujeito, na pessoa (CODINA, 2010a, p. 73), acentuando como toda a vida cristã é vida no Espírito. Nesse sentido, “o Atos dos Apóstolos, desde as suas primeiras páginas, proclama que a Páscoa de Jesus Cristo representa o ingresso nos últimos tempos, marcado pela presença ativa do Espírito de Deus sobre as pessoas” (RIVAS, 2008, p. 5), de modo que o Espírito que age na pessoa é Espírito criador (Gn 2,7) e sustentáculo da vida, que continua sua obra ao longo dos tempos.

O sujeito que abraça a fé cristã, mais do que abraçar um sistema religioso, inicia um processo de vida no Espírito em vista da concretização do Reino de Deus como grande projeto para a humanidade. Esse projeto de Deus faz de cada cristão um protagonista de um novo modo de vida, uma vida de Cristo no Espírito. O Espírito que suscita e sustenta a vida cristã nos insere na dinâmica do seguimento de Jesus. O sinal maduro do seguimento como vida no Espírito é a oração, expressão de liberdade e vida nova.

1.1 A vida cristã, vida no Espírito

Em Antioquia, os seguidores de Jesus foram chamados pela primeira vez de cristãos (At 11,26). A vida cristã é vida no Espírito de Jesus (At 16,7) em vista do Reino. Primeiro, porque é radicada no modo de vida de Jesus de Nazaré que viveu impulsionado pelo Espírito (Mc 1,9-11; Lc 4,14). Segundo, porque está voltada para o grande projeto do Pai, ou seja, a concretização do Reino, expressão da “comunhão plena e total entre Deus e os homens; um projeto de fraternidade universal e filiação divina” (CODINA, 1984, p. 59), de modo que a vida cristã está assentada na encarnação do Filho e na vinda do Espírito Santo sobre os cristãos individual e coletivamente.

Esse Espírito, que foi “derramado em nossos corações” (Gl 4,6) como expressão do amor criador, é força que anima e sustenta a vida na construção do Reino e “será, sobretudo, na morte e ressurreição de Jesus que o Reino ficará definitivamente inaugurado: a morte é vencida,

os infernos são abertos, o Espírito de vida é derramado com abundância” (CODINA, 1984, p. 59). Assim, a vida no embalo do Espírito é permeada pelos valores que pautam a vida de Jesus de Nazaré e, conseqüentemente, de todo aquele que queira aderir ao seu projeto de vida.

O Espírito é vida (Rm 8,10) e o Evangelho é a carta magna da experiência cristã, de modo que “toda a vida cristã autêntica tem de ser vida no Espírito” (CODINA, 2010a, p. 16). Mas isto “somente será uma boa nova se nos ajudar a viver melhor, se tiver relação com nossa vida pessoal, familiar, social e política, como antecipação da vinda definitiva do Reino” (CODINA, 1994, p. 8). Essa vida no Reino e em virtude dele é perpassada pela na dinâmica do Espírito de Jesus (Gl 5,25).

É necessário confiar nele e fazer a opção do absoluto no seio da história como ele fez, irrompendo no mundo como a bondade e o amor de Deus que nos salva (Tt 3,4). Porém, isso só é possível a partir de um encontro espiritual, pois “sem esta experiência pessoal de Deus, em Cristo, pelo Espírito, não há fé nem Teologia Cristã” (CODINA, 2010a, p. 11). E não é custoso recordar que “ao início do ser cristão não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá à vida um novo horizonte, e desta forma, o rumo decisivo” (BENTO, 2006, p. 3). Desse encontro pessoal com Jesus é que brota uma decisão existencial para toda a vida.

Codina é contundente ao afirmar que “a vida cristã é experiência cristã, e esta é uma vida não somente ‘com’ Cristo e ‘como’ Cristo, mas também ‘em’ Cristo (N. Cabásilas), uma vida no Espírito do Senhor. Ser Cristão significa viver no Espírito de Jesus Cristo” (CODINA, 2010a, p. 12). Isso supõe ter uma vida insuflada, movida por atitudes geradas a partir Dele. Sendo assim, a adesão ao projeto de vida proposto por Jesus é viver segundo a ótica do Espírito do Senhor. Esse Espírito que nos deu o Criador é despertado em nós pela chegada da mensagem do mistério da encarnação, e age em nós pela consciência. Nesse sentido, o autor recorda que o ensinamento bíblico e eclesial, acerca do discernimento, pressupõe decisões livres, tendo a consciência como último santuário pessoal no qual ele se relaciona com Deus (GS, 16) (Cf. CODINA, 2010a, p. 81).

Codina se questiona se de fato a Igreja leva esse dado em consideração, pois a vida cristã no desenrolar da história foi se configurando e se confundindo muito mais como cumprimento de normas e preceitos do que com uma existência transformada e transformadora, cristãos conscientes. Por isso que, infelizmente, “para diversos cristãos, continua sendo atual a afirmação dos discípulos de Éfeso a Paulo: Nem sequer ouvimos dizer que existe Espírito Santo” (At 19,1-7) (CODINA, 2010a, p. 16). Isso leva a insistir que não basta uma sociedade

de batizados, a numa evangelização como sacramentalista, mas trabalhar em vista de uma verdadeira e consistente iniciação cristã que leve a adesão ao projeto de Jesus.

Jesus age na força do Espírito. Ao dirigir-se à sinagoga para, como os seus, proclamar e ouvir a Palavra de Deus, Ele lê e proclama que aquela profecia ganha carne em sua carne. Ao afirmar o cumprimento dessa profecia (Lc 4,21), está afirmando ser movido pelo Espírito profético para concretizar sua missão. Missão essa que é incompreensível e inseparável da unção messiânica pelo Espírito. Jesus ensina, cura, faz milagres, come com pecadores, enfrenta seus opositores, retira-se para orar, expulsa demônios, e tudo isso faz na unção do Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 47), o qual é Espírito de justiça, que vem sobre ele no relato da encarnação no seio virginal de Maria (Lc 1,35) e no batismo (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo1,32-34).

Jesus é o Messias na linha dos profetas, do servo de Yahweh (Is 42,1; 49,1-7) e o Filho do Pai (Sl 2,4-7). Aqui é importante recordar que a tentação do deserto significa o discernimento que Ele fez entre seguir a linha profética do direito e da justiça, a que o Espírito do Pai o impele, ou afastar-se deste caminho, como o tentador lhe insinua (Cf. CODINA, 2019, p. 50). Esse mesmo Espírito impele à justiça através das pessoas.

Batismo e iniciação cristã

A vida cristã tem sua porta de entrada no batismo. Através dele há uma configuração íntima com a pessoa e o projeto de Jesus de Nazaré. Pelo batismo, adere-se a um projeto de vida. Daí se denota que a maior dignidade para um seguidor de Jesus não são os títulos civis ou até mesmo eclesiais, mas viver com lucidez e intensidade a vocação cristã dada no batismo pelo Espírito. Essa vida é um novo nascimento, pois o Ele nos faz nascer de novo (Jo 3,3). Não um nascimento carnal nem algo meramente abstrato, metafísico, mas existencial, pois, por esse novo nascimento, recebemos um germe, uma centelha espiritual de Deus (1Jo 3,9).

Nosso teólogo insiste na dimensão pneumática do batismo, mostrando que tanto do ponto de vista bíblico quanto patrístico, e nos documentos do Vaticano II, a Igreja é apresentada com uma imagem feminina para, através do batismo, dar vida nova aos cristãos, fazê-los filhos. Basta ver *Lumen Gentium*, n. 9, bem como textos referentes a Ambrósio e a Leão Magno no período da Patrística (Cf. CODINA, 2010a, p. 75). E Paulo dá sustentáculo a tais afirmações ao dizer que pelo batismo somos santificados e justificados (1Cor 6,11), selados pelo Espírito (2Cor 1,22).

Outro aspecto importante a se ter em conta é referente ao sacramento da Confirmação, que em nossa realidade é separado do batismo, mas que, considerando a natureza mesma dos dois sacramentos deveriam estar unidos. Em *Lumen Gentium*, n. 11, vemos que, pela confirmação, os cristãos são convocados a assumir mais intimamente a missão da Igreja e a vivenciar de maneira mais aprofunda sua vocação batismal.

Codina lamenta que a liturgia do referido sacramento, que se apoia em Is 11,1-2, enfatize tanto os dons do Espírito, mas não tenha a mesma preocupação com a dimensão cósmica e social da presença e ação do Espírito expressa em Is 11,3-9 (Cf. CODINA, 2010a, p. 76). Essa separação e essa ênfase em aspectos mais pessoais e individuais da vida cristã levam a uma compreensão intimista da ação do Espírito.

Filiação e liberdade

O Espírito Santo nos torna filhos, faz-nos sujeitos e nos dá liberdade. A filiação divina é o grande presente que Deus nos concede, pois é através dela que nos tornamos seus filhos em Jesus Cristo (Rm 8,15). Isso se dá no Espírito, pois por Ele “somos assimilados ao Filho, configuramo-nos a Ele, somos irmãos de Jesus, formamos parte de seu corpo, somos filhos no Filho” (CODINA, 2010a, p. 76). Essa filiação, esse unir-se ao Pai pelo Filho, nos leva a sermos cada vez mais humanos e eleva a nossa condição humana a sua mais alta dignidade, com isso, somos remidos dos pecados. A remissão acontece como consequência da ação amorosa de Deus pelo Espírito. Portanto, o princípio que rege esse movimento de deificação é o desejo do Pai de nos fazer participantes da vida divina. “Isto não significa desumanizar-nos, mas levar à plenitude a existência humana, que foi criada à imagem de Deus e em Deus alcança sua máxima perfeição. E tudo isso pelo Espírito” (CODINA, 2010a, p. 77). Isso acontece, porém, de modo processual, pois a vida humana, no seu constante êxodo em busca de sentido, é movida pelo Espírito a ir ao encontro do eterno advento, que vem para santificar, elevar, deificar a sua criatura amada.

O Espírito Santo mora em nós como sua melhor casa, pois, conforme nos afirma Paulo, somos templo dele (1Cor 3,16), habitação sua (Rm 9,11). Ele permanece conosco (Jo 14,16), não de maneira estéril, mas fecunda, vivificante. Aquela presença que outrora se manifestava em sinais como a nuvem, a tenda, a coluna de fogo, agora não é só presença, mas Inabituação, algo estável, firme e permanente, como expressão da nova aliança de Deus conosco, decorrência da filiação (Cf. CODINA, 2010a, p. 78).

Paulo ao dirigir-se aos Coríntios é incisivo: evidentemente “sois uma carta de Cristo, entregue ao nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações” (2Cor 3,3). Nesse sentido, Codina insiste que “esta Inabitação é germe e semente da Escatologia, da glória eterna, da posse e fruição de Deus; graças a ela possuímos o amor do Pai, a graça do Filho e a comunhão do mesmo Espírito, como professamos no começo da Liturgia Eucarística” (2Cor 13,13) (CODINA, 2010a, p. 78). O Espírito é presença operante no indivíduo e na comunidade eclesial. Ele é Espírito de comunhão.

1.2 O Espírito que suscita adesão ao seguimento

A categoria de seguimento é sem dúvida uma das mais ricas de sentido para quem adere ao projeto de Jesus. Nos Evangelhos, esse termo é utilizado para expressar não só a comunhão de ideias, mas a relação mesma com Jesus. Nas narrativas das primeiras comunidades, a temática do seguimento é constante e segue sempre um esquema: Jesus passa (Mc 1,16.19; 2,14), vê alguém (Mc 1,16.19; Jo 1,47), identifica-o em seu campo de trabalho (Mc 1,16.19; 2,14; Lc 5,2), chama-o (Mc 1,17-20; 2,14; Jo 1,37). A pessoa “deixa tudo” (Mc 1,18.20) e segue a Jesus (Mc 1,18.20; 2,14; Lc 5,11). Com efeito, os relatos evangélicos sobre o chamado, desembocam sempre no mesmo final: o seguimento, que é a formulação prática e concreta da relação que, a partir de então, a pessoa estabelece com Jesus. Contudo, é fundamental que ao longo do caminho o seguimento se converta em vida no Espírito, pois somos outros cristos no mundo, agindo na força do Espírito.

Esse caminhar no Espírito que é aprofundado a partir do seguimento, não é privilégio de poucos, como em alguns casos do rabinato judaico, mas condição para todo aquele que quer ser cristão. Sendo assim, a proposta de seguimento é direcionada aos apóstolos, aos discípulos, mas também às multidões (Mc 8,34; Mt 16,24; Lc 9,2; Mt 10,38; Lc 14,27).

Essa vida cristã radicada no seguimento de Jesus, no embalo do Espírito, é sinal de contradição, pois se rompe com a vida anterior e se abraça outra forma de vida. Na força do Espírito de Jesus “nos revestimos do homem novo” (Cl 3,10). Isto se transforma em anúncio do Reino, fruto do Espírito. Nessa compreensão, Deus ganha rosto, não de abstração metafísica ou de puros conceitos, mas no pobre e nos últimos, pois os atos e palavras de Jesus, especialmente a esses dirigidos, na força do Espírito (Mt 4,18), são a concretização do projeto do Pai. Aquele povo do “Caminho” (At 9,2) é testemunha da “Alegria do Evangelho” na força do Espírito.

Como já mencionamos, o seguimento de Jesus é fruto de uma experiência espiritual, pois ele porta consigo o Espírito. A salvação que ele traz define-se como fruto do Espírito e, por isso, a partir da Pneumatologia, o seguimento de Jesus não se converte em uma mera imitação ou compromisso pelo Reino, mas é “vida em Cristo”, “vida no Espírito”, “vida segundo o Espírito”, na qual o sujeito é uma nova criatura nascida do Espírito que vive a filiação, podendo chamar a Deus de Abba-Pai (Cf. CODINA, 2011b, p. 302). De modo que ter a vida selada pelo Espírito de Jesus acarreta consequências práticas. Também é parte da vida no Espírito desconstruir as imagens dos falsos deuses que não revelam o Pai, proclamado e amado por Jesus de Nazaré (Mt 12,28), pois “toda a vida cristã é vida no Espírito de Jesus” (CODINA, 2010a, p. 74) que destrói os ídolos e faz uma opção pelos pobres, tornando-se próximo deles (Lc 10,21). Essa vida no Espírito é dinâmica e não estática, requer uma configuração ao modo de vida de Jesus sem reservas, despojando-se real e simbolicamente do homem velho por causa dele e transformando-se em sinal escatológico na história com o selo e o penhor do Espírito (2Cor 1,22).

Ter uma vida no Espírito e entrar no seguimento de Jesus supõe um caminho mistagógico, ou seja, ser iniciado numa experiência espiritual, de modo que a Mistagogia tem de ser hoje uma tarefa prioritária da pastoral da Igreja em todos os setores (Cf. CODINA, 2010a, p. 13). Contudo, “é preciso acrescentar que toda experiência espiritual, toda experiência do Espírito fundamenta-se, tem sua raiz na figura histórica de Jesus de Nazaré, e conduz a seu seguimento” (CODINA, 2010a, p. 11). Quem se propõe a seguir Jesus, assim o faz na força do Espírito.

1.3 A oração no Espírito, expressão de liberdade e vida nova

Um desafio constante para a vida e espiritualidade cristã é a oração. Em tese, ela é sempre fruto da relação com e no Espírito; tem sempre duas modalidades: pessoal e comunitária, que se dão tanto na relação de intimidade do homem para com Deus quanto nas fórmulas verbais ritualizadas. E ainda tem duas conotações: oração de petição e a de louvor (Cf. CODINA, 2010a, p. 79).

Na raiz de toda experiência religiosa, está o encontro com o mistério mais profundo. A primeira reação é sempre expressão de gozo e louvação, seguido da proclamação do experienciado. Daí a necessidade do justo equilíbrio entre a emoção provocada pela experiência e o conteúdo da revelação cristã.

Infelizmente, é necessário reconhecer que

desde os primeiros séculos, a vida de oração cristã, profundamente enraizada na tradição histórica judeu-cristã, se viu ameaçada por um espiritualismo de cunho helênico e oriental que considerava a oração como um alheamento do mundo para, desse modo, poder chegar facilmente a Deus. O homem sozinho, frente a Deus, à margem dos demais e da história, parecia o ideal cristão de espiritualidade, privilegiando perigosamente a contemplação sobre a caridade (CODINA, 1984, p. 97).

O Novo Testamento nos apresenta que é através de Cristo, no Espírito, que temos acesso ao Pai (Ef 3,12; Rm 5,2; 1Pd 3,18). De modo que “entre o plano de Deus – o Reino – e a experiência de Deus como Pai há uma íntima conexão: Jesus nos revela que Deus é *Abbá* e que o Reino é dos pobres” (CODINA, 1984, p. 97). Logo, o Deus Pai de Jesus é o Deus dos pobres, e nossa oração será sempre ao Pai, pelo Filho, no Espírito que é o Pai dos pobres.

A oração e iniciação cristã

A Igreja desde sempre introduziu em sua estrutura catecumenal a iniciação à oração que se concretizava na entrega do Pai nosso (*traditio*) e em sua explicação aos iniciados. Junto com a doutrina, a moral, os sacramentos, era também transmitida uma Pedagogia da Oração, verdadeira mistagogia ao mistério da relação do batizado com o Pai (Cf. CODINA, 1993a, p. 209). Contudo, variando de tempo e lugar, a oração cristã adquiriu várias feições. Basta ver que ao longo da época patrística, passando pelo Período Medieval, chegando aos Tempos Modernos, quer seja no Oriente, na Europa, nas Américas e na África, encontramos elementos e expressões diferenciadas da oração cristã. Isso é sinal da ação do Espírito que move e suscita nos corações o desejo de relação com o Pai, de formas diversas, porém, conservando o vínculo central.

Quanto à compreensão mesma do que seja oração, Codina enfatiza que durante um bom tempo se insistiu na definição de santo Tomás: a oração como elevação do coração a Deus para pedir-lhes seus dons.

No período seguinte, marcado pela crítica dos mestres da suspeita (Marx, Freud, Nietzsche), há uma reflexão mais profunda sobre a oração cristã. Passa-se a uma compreensão mais lúcida, menos ingênua e infantil. Não pode ser mais compreendida como resignação passiva diante da miséria, menos ainda como jogo psicológico projetivo e muito menos apelação a um deus “tapa buraco” (Cf. CODINA, 1993a, p. 210).

Com o advento da subjetividade, a dimensão festiva, ritual e simbólica da vida humana, posta na ordem do dia, e ainda a passagem do *homo faber* ao *homo ludens*, teve terreno fértil

para uma nova sensibilidade e, claro, para os diversos tipos de experiências de oração (Cf. CODINA, 1993a, p. 210).

Atualmente, encontramos verdadeiros surtos chamados carismáticos, como o Movimento Pentecostal Protestante, a Renovação Carismática Católica, a *New Age*, etc., que nosso autor, antes de qualquer crítica, questiona se não seria uma reação a uma religiosidade demasiado fria, institucional, racionalista, pouco sensível às necessidades vitais das pessoas. Esses movimentos encontram na força do Espírito de pentecostes um alento para uma vida tão dura, tão cheia de desafios e permeada por sinais de morte (Cf. CODINA, 2012a, p. 74). Porém, o critério de discernimento se de fato se busca e se vive uma experiência do Espírito Santo é sempre a luz do mistério do Mestre de Nazaré.

Como já salientamos, a oração cristã se expressa em duas conotações, de louvor e de petição/clamor. A Revelação bíblica nos atesta que, pelo Cristo, no Espírito, nos aproximamos do Pai e a Ele elevamos nossa oração. Na oração, o Espírito vem em nossa ajuda, pois não sabemos orar como convém (Rm 8,26), diz Paulo. E por isso o Espírito, com gemidos inenarráveis, é quem grita em nós ao Pai (Cf. CODINA, 2010a, p. 79), de modo que nossa oração se dá na força e inspiração do Espírito Santo.

Codina apresenta, numa leitura simbólica, o exemplo do choro de uma criança como expressão da impotência e da necessidade vital do homem e, portanto, como forma de clamor. Recorda que quando se passa do grito à palavra, o vocativo é o caso fundamental da interpretação humana. Ele simboliza tanto a contingência quanto a solidariedade humana.

Esse vocativo que tem conotações individuais, mas também coletivas, de seres que na sua contingência se dirigem a um Ser transcendente em atitude de adoração e comunhão é a expressão máxima de potencialidade simbólica. Partindo dessa compreensão, pode-se tomar a oração cristã como o clamor do povo de Deus (Cf. CODINA, 1993a, p. 211), o que veremos em elementos bíblicos e da tradição eclesial.

A oração nas Sagradas Escrituras

Na tradição de Israel essa é a expressão mais comum: o clamor do povo do Senhor. Nesse sentido, “a oração não é simples reflexão sapiencial, nem, muito menos, entusiasmo irracional, mas clamor pessoal e coletivo, angustiado e confiante, que sobe ao céu e é escutado sempre pelo Senhor” (CODINA, 1993a, p. 212). Tanto as situações do cotidiano, como os problemas que envolvem o conjunto do povo, levam a clamar ao Senhor por justiça e libertação (Ex 2,23-24; 8,8; Nm 20,16; Js 24,7).

Também na tradição profética encontramos a oração como um clamor. Aqui, especificamente, contrapondo o clamor do povo ao Senhor que salva e liberta (Is 53,7; Lm 2,18) ao clamor dirigido aos ídolos, que não podem salvar (Is 46,7; Jr 22,20) (Cf. CODINA, 1993a, p. 212). Há também gritos e orações de júbilo, de louvor, de ação de graças ao Senhor (Ex 15; Jz 5; Sl 113-118) pelos benefícios recebidos, pelas vitórias alcançadas.

No Novo Testamento, Jesus mesmo é quem clama ao Pai, ora com expressões de louvor (Lc 10,21-22; Mt 11,25-27), ora com expressões de súplica ante a iminência de sua morte (Mt 26, 26-46; Mc 14, 32-42; Jo 12, 27-30), mas o clamor mais expressivo é que brota da cruz, num sentimento de abandono (Mt 27,46). Encontramos ainda os gritos e clamores que o povo faz a Jesus, especialmente os pobres. Em uma sociedade marcada pela religião e pela injustiça perpetrada pelos governos de então, o povo dirige ao Senhor pedidos de cura (Mt 9,27; Mc 9,23-24) e socorro (Mt 14,26; 14,30).

Para Paulo, o cristão e toda a criação gemem em dores de parto (Rm 8,20-23), todavia é um gemido cheio de esperança, porque sai da boca dos que clamam *Abbá!* Pai! (Rm 8,15; Gl 4,6) e brota do Espírito, que com gemidos profundos vem em nossa ajuda e intercede por nós (Rm 8,26-27) (Cf. CODINA, 1993a, p. 212). A oração de clamor no Antigo Testamento é expressão da angústia e do sofrimento que vive o povo, mas também de esperança e confiança na bondade de Deus.

A compreensão de oração como clamor permite reelaborar a Pedagogia da Oração, pois pressupõe, antes de tudo, a tomada de consciência da situação pessoal ou coletiva de nossa humanidade. O clamor não é silêncio infértil, nem meditação vazia, nem contemplação estética, nem falso entusiasmo orgiástico, mas símbolo existencial de nossa condição pobre e pecadora (Cf. CODINA, 1993a, p. 214). Um canto medieval ao Espírito o invoca como *Pai dos pobres*. E esse que clama pelo grito dos pobres é o mesmo que acolhe a sua oração e se torna seu pai e protetor, como aconteceu no Egito (Ex 4,3), como aconteceu com os pastores (Lc 2,8-29), com Simeão e com Ana (Lc 22-28). Ele é o pai e a mãe, o protetor, o *goel* (redentor), padrinho dos pobres (Cf. CODINA, disponível na Internet)¹⁷ O Espírito clama na voz dos sem voz, pois é Espírito de amor e ternura, especialmente para com os pequenos. Daí a necessidade de aprendermos a orar na escola dos pobres, daqueles que nada têm a não ser a confiança na generosidade de Deus que antes de lhes dar coisas, assegura-lhes a força de seu Espírito.

¹⁷ Dada a ausência de data e página do texto utilizado, traremos a referência no sistema autor/data no formato que se encontra no texto. Para busca direta citamos o site: CODINA, Victor. **O Espírito age a partir de baixo: Pneumatologia desde América Latina** In: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1316>. Consultado em 23 de outubro de 2020.

Na Oração do Pai Nosso os pobres entendem com muito mais lucidez o que significa “dai-nos hoje nosso pão de cada dia”, pois lutam cotidianamente para tê-lo. O clamor dos pobres “é o prolongamento na história do grito de Jesus crucificado, que se identifica misteriosamente com todos os crucificados deste mundo” (CODINA, 1993a, p. 216), mas que é o ressuscitado na força do Espírito (Rm 8,11). Esse mesmo Jesus exultando na força do Espírito faz uma oração de louvor ao Pai porque escondeu certas coisas dos sábios e as revelou aos pobres e pequenos (Mt 11,25-27; Lc 10,21-24).

A experiência de oração dos cristãos não se caracteriza pelo devaneio vazio ou pelo recolhimento sem um fim específico. Mesmo a tradição cristã de cunho mais contemplativo/meditativo, os místicos especificamente, sempre insiste que o recolhimento, a meditação, o silêncio deve conduzir a pessoa ao mais profundo de si e de Deus para inseri-la no mundo, pois é aí que a vida acontece.

A oração cristã como moção do Espírito não é estéril, mas fecunda. É sacrifício de louvor que conduz à solidariedade. Diz ele que

da oração devemos sair mais sensibilizados pelo irmão e mais impregnados do estilo evangélico da práxis: respeito à pessoa para além das ideologias; reconhecimento dos valores superiores à mera eficácia; paciência perante as adversidades; esperança a toda prova; opção preferencial pelos pobres (CODINA, 1984, p. 98).

Ou seja, a Oração Cristã não leva ao intimismo solitário e egolátrico, ao fechamento, à indiferença, mas ao contrário, o seu fruto é a solidariedade, a abertura, o diálogo, e isso é moção do Espírito.

Jesus, que agia na força do Espírito, também ensinou seus discípulos a orar (Mt 6,7-13). A oração por Ele ensinada contempla o louvor e a petição. O louvor como expressão do ser humano que reconhece e louva seu Criador e Pai. A petição como inquietação humana, pois nada parece mais perigoso ao espírito humano que a riqueza e a perfeição.

Uma vida satisfeita, sem insônias e sem desejos, olhares que, por terem tudo e nada mais precisarem, já não conhecem mais nem o sorriso sincero das alegres surpresas, nem as lágrimas sofridas de uma dor profunda; uma alma sem saudades e sem sonhos, que carrega feições graves e sóbrias; sem a aflição das esperas e o desassossego das buscas; corações quietos, indolentes, petrificados quase, sensatamente contentes com aquilo que são e têm. Que diríamos? Profunda ausência do Espírito Santo de Jesus.

“Dai-nos neste dia o pão nosso de cada dia”. Para fazer tal oração é preciso não ter celeiros, não ter acumulado o fruto da ganância. E aqui os pobres, que deitam sua vida na esperança, agem na força do Pai dos pobres, o Espírito. Contraditoriamente, como são repletos

de vida os que quase nada são e têm, os que, por se sentirem vazios, ainda se encantam com as procuras, e por sofrerem a dor das ausências, com brilho nos olhos, buscam.

A Eucaristia expressão máxima da oração comunitária

A Igreja, que faz da comensalidade a festa da salvação (Mc 14,22-25; Mt 26,26-29; Lc 22,15-20), em sua presença transformadora no mundo reúne as preces de todos os seus filhos e as eleva a Deus. Faz isso no culto, pela palavra ritualizada e pelos dons oferecidos, frutos do trabalho humano e da força criadora de Deus, que, pela ação do Espírito, são transformados em alimentos de vida nova. A assembleia do povo santo de Deus, reunida em nome da Trindade, eleva na força do Espírito súplicas e louvores a Deus. “A própria Oração Eucarística da ação de graças é o clamor da Igreja em uma invocação ao Espírito para que transforme os dons e a comunidade no corpo de Cristo, antecipando assim a terra nova do Reino, onde tudo será transfigurado definitivamente no Cristo” (CODINA, 1993a, p. 213).

A vida sacramental da Igreja é gerada no Espírito, pois as orações litúrgicas dirigidas sempre ao Pai, pela mediação do Cristo, terminam sempre “na unidade do Espírito Santo” (Cf. CODINA, 2010a, p. 80). Ou seja, Ele é a esfera mesma na qual se dá a oração, fazendo-nos chegar ao Pai. É o Espírito que pela ação ritual nos possibilita fazer memória. É Ele quem atualiza o Mistério Santo e já nos faz participantes da vida futura. O Espírito atualiza na Eucaristia o Mistério Pascal e continua sua ação de fazer nascer e crescer a Igreja (SC 6) que é a comunidade dos reunidos na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG 4).

A oração que nos faz livres

O ato criador de Deus que se prolonga na história é um ato de liberdade. Deus cria livremente e nos cria para a liberdade. Viver e orar no Espírito são expressões da liberdade dos filhos e filhas de Deus, pois pelo Espírito recebemos o sopro da liberdade, característico do regime da nova aliança. Mesmo limitados pelo pecado, a oferta, o dom do Espírito é para nos libertar, pois onde está o Espírito do Senhor aí está a liberdade (2Cor 3,17). Foi para a liberdade que Ele nos libertou (Gl 5,1).

O Espírito nos faz pessoas livres, está estreitamente ligado à liberdade, liberdade antropológica fundamental, já que Deus quis deixar ao ser humano o poder de sua própria decisão (Ecl 15,14). A pessoa age de acordo com sua própria consciência e

livre eleição, por convicção interna e pessoal e não sob coação de um cego impulso interior e exterior (GS 17) (CODINA, 2011b, p. 312)¹⁸.

O Espírito nos dá a possibilidade de nascer de novo. O ser humano carrega em si todas as possibilidades da vida. Ele vive na sua fragilidade e debilidade humana, mas é capaz de converter-se, de mudar, de fazer opções de vida e de morte. Codina nos diz que nos tornamos humanos pela nossa abertura ao mistério, algo que se dá no Espírito, pois assim foi com Jesus, sua abertura ao Espírito o fez cada vez mais humano.

Esta misteriosa abertura ao Espírito é acessível a todos pelo desígnio salvífico de Deus que fez da Páscoa de Jesus o batistério universal da humanidade (Cf. CODINA, 2011b, p. 315). Essa vida nova não está presa a uma ideia romântica de liberdade, mas é liberdade com dignidade. Liberdade consciente para auto decidir-se responsabilmente. Liberdade das amarras do pecado, da hipocrisia, do medo. Liberdade para viver o projeto que Deus tem para cada um. Por isso não é liberdade para libertinagem, mas para fazer acontecer a vida em plenitude, sonhada pelo Criador, com justiça e paz.

2 O Espírito age na Igreja

No tópico anterior, vimos como o Espírito age nas pessoas, nos indivíduos. Passaremos agora a uma reflexão sobre a dimensão eclesial da ação do Espírito, pois é ele quem gera a Igreja e a sustenta ao longo da história. Ela tem ao mesmo tempo um princípio cristológico e outro pneumático que se complementam na realização da missão salvadora do Pai. A Igreja é corpo de Cristo na dinâmica do Espírito e, por isso, adornada com dons e carismas para o serviço e a edificação do Reino de Deus. Esse princípio pneumatológico suscita também a profecia na Igreja, pois ela é movida pelo Espírito de Justiça, o mesmo que perpassou toda a vida de Jesus.

2.1 A Igreja de Jesus na força do Espírito

De início é importante dizer que o termo Igreja é um termo técnico e que os significados que daí decorrem são diversos. Etimologicamente, está associado ao termo grego *Ekklesia* que indica especialmente assembleia do povo na praça. Em âmbito cristão é associado à comunidade dos seguidores de Jesus de Nazaré que no Novo Testamento foram alcunhados com várias

¹⁸ El Espíritu nos hace libres, está estrechamente ligado a la libertad, libertad antropológica fundamental, ya que Dios ha querido dejar al ser humano en manos de su propia decisión (Ecl 15,14). La persona actúa según su propia conciencia y libre elección, por convicción interna y personal, no bajo coacción de un ciego impulso interior y exterior” (CODINA, 2011, p. 312).

expressões: irmãos (At 1,15; 11,1; 12,17), crentes (At 2,44; 4,32; 1Ts 1,7), discípulos (At 6,1; 9,1.26; 16,1), santos (At 9,13; 26,10; 1Cor 1,2; Fl 1,1), cristãos (At 11,26; 26,28; 1Pd 4,16). Esses seguidores do Galileu, ao formarem comunidades, também receberam denominação de grupo, foram chamados de “raça eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo conquistado” (1Pd 2,9); “povo de Deus” (1Pd 2,10), “Israel de Deus” (Gl 6,16), “Israel segundo o Espírito” (1Cor 10,18), “semente de Abraão” (Hb 2,16), “rebanho” (Mt 26,31), “ovelhas” (Jo 21,16), “o caminho” (At 9,2; 19,9-23; 22,4), dando assim sentido e fisionomia à Igreja. Ela se expressa em Igreja doméstica (Rm 16,5), Igreja local (At 5,11) e Igreja universal (1Cor 15,9).

De modo que no Novo Testamento Igreja não é a casa, nem hierarquia, mas comunidade. Ela nasce pela força do Espírito e de um povo insignificante e pobre (Cf. CODINA, 1993b, p. 44) o povo de Deus. É profundamente marcada por uma fé viva e decidida em Jesus, o Senhor, morto e ressuscitado, caminho, verdade e vida (Jo 14,6).

Essa experiência é vivida num ambiente impregnado de paixão e entusiasmo, pois é o tempo da nova criação, do carisma, da descoberta, é uma primavera, uma mística inflamada e inflamante. A Igreja é uma comunidade escatológica e pneumática (Cf. CODINA, 1993b, p. 44). De modo que, desde o início a fé cristã, concebe a Igreja como pertencente à ordem e ao plano da Salvação, toda ela relativa a Deus e ao seu projeto, o Reino. Sendo assim mistério relacional com o grande mistério da Salvação, do qual é serva.

A vida cristã, desse modo, insuflada pelo Espírito não se vive de modo individualista, mas comunitária, pois quando um membro sofre, todos sofrem (1Cor 12,26), na lógica de que um carregue o peso do outro (Gl 6,2).

Feitas essas ponderações, deparamo-nos com uma questão histórico-crítica que tem gerado debates entre os teólogos: a passagem do Jesus histórico à Igreja. Codina nos lembra que não se questiona o fato de que a Igreja é a Igreja de Jesus, seu corpo, sua esposa (Ef 2,20; Ap 21,14). Essa compreensão já faz parte da fé, pois sem Cristo não há Igreja e sem cristologia não há eclesiologia (Cf. CODINA, 2010a, p. 83). Mas a questão é sobre a origem da Igreja, sua fundação, sua ligação direta com a figura histórica de Jesus. Ante essa *questio teologica disputata*, Codina nos apresenta três posturas: a postura tradicional, a rupturista e a dialética e integradora.

Postura tradicional

Na primeira, a Igreja é vista como prolongamento da encarnação de Jesus na História, sem mais. É a Igreja do Verbo Encarnado. Jesus de Nazaré fundou uma instituição religiosa

nova, escolheu e deu poderes aos seus dirigentes (Mt 7), tendo Pedro à frente (Mt 16) estabeleceu os sacramentos e deu o mandato missionário de batizar em nome da Trindade (Mt 28). Nessa compreensão eclesiológica, o Espírito não aparece como fator determinante, mas o encarregado de dar continuidade a essa instituição ao longo do tempo (Cf. CODINA, 2010, p. 84), chegando-se a uma visão fixista e estática da Igreja. É claro que essa visão, apesar de presente na Igreja desde muito tempo e de ter seus elementos positivos, hoje tem muita dificuldade de ser sustentada, pois tanto a Exegese como a Cristologia atuais já não oferecem embasamento para tal compreensão. Com efeito, vemos alguns elementos que destoam de tal afirmação eclesiológica: o fato mesmo de a palavra Igreja aparecer pouquíssimas vezes no Evangelho, no qual se enfatiza mais a expressão Reino de Deus; a chamada “crise da Galileia”, na qual Jesus vai aos poucos tomando consciência de sua pessoa e de que seu plano de instaurar o Reino iria fracassar, pois se esperava um messias triunfalista; A iminência da morte e a dispersão do grupo são elementos que fazem no mínimo destoam tal sustentação.

Outro aspecto a ser levado em conta é a própria História da Igreja. Esta, seriamente aprofundada, esclarece que só ao longo do tempo a comunidade cristã vai se dando conta de seu ser e sua missão até as formulações estruturantes no campo teológico, jurídico etc. (Cf. CODINA, 2010a, p. 86). Contudo, ele afirma que a objeção mais séria contra essa postura tradicional é o fato de nela o mistério da morte e ressurreição e a efusão do Espírito não desempenharem nenhum papel na origem da Igreja, levando a uma compreensão de Igreja exclusivamente a partir da perspectiva da encarnação, o que a leva a ser demasiado “terrena”, e corre o risco de mundanizar-se e secularizar-se. A ausência pneumatológica põe a referência ao Espírito direcionada à vida devota e a especulação intratrinitária (Cf. CODINA, 2010a, p. 87). Sendo assim, essa postura, apesar de manter a figura do Jesus histórico, não ajuda a uma visão completa da Igreja, pois carece dos dois princípios sustentadores, o cristológico e o pneumático.

Postura Rupturista

No outro polo temos a Postura Rupturista que afirma a separação entre Jesus e a Igreja, acentuando que há uma descontinuidade entre o que Jesus queria e o que a Igreja se transformou. Exemplos disso são as posições do modernista Alfred Loisy e do liberal Rudolf Bultmann. Enquanto o primeiro, num debate teológico com Von Harnack, afirmou que Jesus pregou o Reino e em seu lugar veio à Igreja, o segundo afirma que a Igreja nasce da fé pascal e sem conexão com o Jesus histórico. Estas posturas, racionalista e liberal, levam a um fideísmo,

indo contra a Tradição da Igreja que sempre viu estreita ligação entre Jesus e a Igreja (Cf. CODINA, 2010a, p. 88). Também esse posicionamento extremado não ajuda a ter uma compreensão eclesial englobante, porque, embora enfatize o mistério pascal e a efusão do Espírito, negligencia a historicidade da relação de Jesus com a comunidade cristã.

Postura dialético e integradora

O ponto de equilíbrio entre as posturas teológicas aprofundadas por diversos teólogos é a dialética integradora. Ela afirma que entre Jesus de Nazaré e a Igreja há continuidade e ruptura, pois, se por um lado a Igreja está ligada ao grupo histórico de Jesus, aquele núcleo que o galileu iniciou, por outro, sofre uma ruptura com a morte do mestre e a dispersão do grupo na Páscoa e com a efusão do Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 88). Numa dinâmica processual, a Igreja foi se estruturando, dando forma e fisionomia à sua existência, sendo ela mesma elemento constituidor dos componentes de sua estrutura visível. De modo que:

a partir dessa perspectiva a fundação da Igreja tem caráter dinâmico e processual, que parte do Jesus histórico, mas passa pela cruz, pela ressurreição e pelo dom pascal do Espírito. Desse modo, fica evidente que a Igreja tem dois princípios estruturadores: um cristológico e outro pneumático (CODINA, 2010a, p. 89).

Esses dois elementos denotam os elementos visível e invisível, histórico e espiritual, prático e místico que levam a Igreja a ser não só uma organização jurídica, religiosa, com um corpo sacerdotal e normas, mas um organismo vivo, dinâmico. Daí a feliz expressão “Eclesiogênese”, de Leonardo Boff: a Igreja como um corpo vivo que se renova, se adapta. Nesse sentido, Codina afirma ser a visão dialética a que é mais conforme com a história da salvação, pois Deus age na História, respeitando as liberdades e entrando na dinâmica da vida humana (Cf. CODINA, 1993b, p. 41). Assim, temos o fundamento da Igreja que é Jesus de Nazaré, elemento transformador e vivificador, é o Espírito Santo que a partir de dentro impulsiona, estimula o crescimento, a abertura às culturas, aos povos. Aqui há que se dizer que Jesus de fato pregou o Reino na força do Espírito e que a Igreja anuncia Jesus ressuscitado na força do mesmo Espírito. O pregador agora é pregado na força do Espírito. Portanto, a Igreja não é só anamnese da fundação histórica de Cristo, mas tem uma tensão em direção a Cristo que vai em direção ao Reino pelo Espírito, de modo que sua missão é ir transformando o mundo no Reino, transfigurando a história e o cosmos pela energia divina (Cf. CODINA, 1990c, p. 159)

Em síntese, a Igreja nasce, ganha corpo, é dinamizada e sustentada pelos dois princípios, o cristológico e o pneumático. A Igreja nascente, herdeira de Jesus de Nazaré e impulsionada pelo Espírito Santo, vive sob o véu da graça e da tensão histórica subjacente. A experiência individual ganha corpo no âmbito comunitário. Os cristãos organizam-se em comunidades e paulatinamente vão sentindo a necessidade de dar corpo teórico ao experimentado e vivido.

A liturgia como expressão de louvor a Deus e fruto da vivência na fé proporciona uma dinâmica entre fé e vida, gerando um ambiente vital para se viver e professar a fé em Jesus, que Deus Pai ressuscitou na força do Espírito (At 2,24). A partir daí é que elaboraram-se credos, confissões comunitárias da fé, com uma estrutura ternária que expressa a fé na Trindade. Nesse sentido é que a Igreja é inserida no Credo, na confissão de fé dos cristãos, como obra especialmente ligada ao Espírito, como espaço histórico, concreto de sua ação. Ela é inserida no símbolo apostólico que tem base em Hipólito (séc. III), e também no símbolo grego Niceno-constantinopolitano, que tem sua base no símbolo de Jerusalém (Cf. CODINA, 2010a p. 94).

Quanto à profissão “creio na Igreja”, deve-se ter em conta que se crer nela, não como uma Pessoa a mais na Trindade, mas em razão de ser ela o lugar onde o Espírito está presente e agindo, pois apesar das limitações e condicionamentos humanos de que é constituída, ela é assistida pelo Espírito que gera unidade e lhe faz santa. De modo que “não professamos propriamente nossa fé na Igreja, mas no Espírito, que tem na Igreja sua própria obra” (Cf. CODINA, 2010a. p. 95). Numa analogia, a Igreja não tem luz própria, mas é reflexo do Espírito, é morada do Espírito.

Nas controvérsias sobre o Espírito Santo houve a necessidade de afirmar contundentemente sua divindade e sua obra salvífica. Algo de grande relevância no debate sobre a divindade do Espírito é o fato de seus maiores defensores, os padres orientais, afirmarem não só a maneira correta da elaboração trinitária, mas a possibilidade da divinização e santificação humanas, pois, se o Espírito não é Deus, não podemos ser santificados e divinizados. Aqui Codina toma uma chave dos padres orientais, dizendo que fazem tal afirmação, partindo da vida cristã na Igreja (economia) para o mistério trinitário (Teologia), tendo como ponto de partida confiança na divinização (Cf. CODINA, 2010a, p. 98). Essa é a confissão de fé da Igreja no Espírito como vivificador e santificador, embora muitas vezes, na vida prática, ela o tenha ofuscado, negligenciado em vista da rigidez eclesiástica e do legalismo estático.

Um dado que chama a atenção é o fato de não se ter um tratado específico de Eclesiologia no primeiro milênio. Isso se dará nos séculos XIII-XIV, num tom apologético, pois será sempre uma resposta às investidas de imperadores e príncipes contra o Papa (Cf. CODINA, 1993b, p. 96). Os resquícios desse posicionamento eclesiológico, com tom jurídico e de defesa,

perduram por muito tempo, e claro que a imagem eclesial que engendram é centrada no poder da hierarquia, especialmente do Papa, de maneira que o dado pneumatológico é negligenciado.

O Espírito imprime as características da Igreja

A imagem da Igreja é inserida como um artigo na confissão de fé que trata da fé no Espírito Santo, mostrando que ela existe sob a força do Espírito que a santifica e unifica, a mantém fiel à tradição apostólica e aberta à universalidade católica. Por isso se proclama Una, Santa, Católica e Apostólica (Cf. CODINA, disponível na internet), de modo que qualquer leitura que se faça da Igreja sem essa dimensão do Espírito, que a vê no desejo do Pai, na contingência histórica e na Escatologia, é sempre uma visão parcial, limitada. Mesmo as visões que se pensam mais ortodoxas, se não levam em conta essa abertura dialogal da natureza da Igreja que é dom do Espírito, são inconsequentes com o que se quer dizer Igreja de Cristo na força do Espírito.

O Senhor adornou a sua Igreja com características, traços, aspectos que a fazem formosa e bela. Da relação da Igreja com o Espírito é que surgem suas características mais expressivas. Ele a faz Una, Santa, Católica e Apostólica (Cf. LG 8). E esses traços o Espírito lhe confere numa disposição amorosa, como tarefa e dom para revitalizá-la, atualizá-la sempre e a partir de dentro, num movimento sempre escatológico, como bem expressa o capítulo sétimo da *Lumen Gentium*. Esses atributos da Igreja não estão em contradição, mas são antes convergentes.

A Igreja é Una

O primeiro aspecto trata da unidade da Igreja, que não quer dizer unicidade, mas unidade na diferença. Tendo o Cristo por cabeça, os cristãos são congregados pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo.

Essa unidade querida por Jesus (Jo 17,21) e dom do Espírito, e que se converte em critério de autenticidade, está dada, mas precisa ser acolhida e praticada constantemente. A Igreja é expressa pelo Concílio como um povo unido pela unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG 4). Esse “Espírito é princípio de comunhão e, portanto, ele é que faz com que a Igreja seja una, com unidade de fé e de batismo formando um só corpo” (1Cor 12,13; Ef 4,4) (CODINA, 2010a, p. 99).

A unidade da Igreja não é fruto simplesmente do querer dos fiéis, mas de um dom do Espírito acolhido na fé para a edificação da comunidade. De modo que a Igreja, comunidade,

“é a comunhão dos Santos alimentada pelo Corpo Sacramental para formar seu corpo eclesial” (CODINA, 2010a, p. 100). Infelizmente, tal unidade, que é dom do Espírito e querida por Jesus, nem sempre é conservada, chegando mesmo à divisão, separação. Os casos mais expressivos são o Cisma de 1054, entre o Oriente e o Ocidente, e a Reforma Protestante na Igreja do Ocidente no século XVI.

Afortunadamente, o Espírito não abandona sua Igreja, pelo contrário, ao longo da história suscita pessoas e movimentos em busca da unidade. Como exemplo disso temos estes dois elementos: o movimento ecumênico como obra do Espírito (UR 1): e o fato desse movimento não consistir no simples retorno de todos a Roma, mas num caminhar juntos rumo à unidade da Igreja em Cristo (Cf. CODINA, 2010a, p. 100). A unidade é dom e compromisso e vive-se na tensão escatológica do “já e ainda não”.

A Igreja é Santa

O segundo aspecto é a santidade da Igreja. Santidade que é dom e compromisso, pois o Senhor já a fez santa. Porém a Igreja como povo de Deus que está a caminho deve continuamente abrir-se a essa proposta de santidade de Jesus, que não significa pureza e alienação do mundo, mas, na contingência das vicissitudes humanas, testemunhar a sua eleição pelo mestre.

Esse atributo é o mais antigo, estando estritamente ligado às promessas batismais e já aparecendo na Tradição Apostólica de Hipólito. Codina ainda recorda, citando São Basílio, que não existe santidade sem Espírito Santo, afirmando que a Igreja é santificada pelo Espírito, fonte de toda santidade (Cf. CODINA, 2010a, p. 102). Essa santa esposa de Cristo (Ef 5,27), na qual o Espírito age pela Palavra, nos sacramentos, nos carismas e ministérios da comunidade, requer sempre nossa resposta pessoal e coletiva. Ou seja, a santidade é dom do Senhor, mas requer o nosso esforço de acolhida para uma vida santa.

Nessa Igreja peregrina, há o pecado, o desvirtuamento da proposta. A história testemunha o rastro pecaminoso através dos tempos e isso se converte numa autêntica dificuldade para a vida mesma da Igreja. O orgulho, a riqueza, o poder, o imobilismo, as divisões, dão o tom da fragilidade humana e, ao mesmo tempo, da força do Espírito que, apesar e além disso, sustenta a Igreja e a faz sacramento do Senhor. Numa atitude sapiencial, cabe à advertência de Paulo “não extingais o Espírito” (1Ts 5,19) (Cf. CODINA, 2010a, p. 103). As manchas ou rugas da Igreja deformam sua imagem no mundo, mas não lhe extingue a santidade, pois ela vem do Espírito.

Um grande desafio, para a Igreja em sua missão evangelizadora, é falar e viver a santidade sem negar sua humanidade, seus pecados e limites. A imagem de uma Igreja triunfalista, que se apresenta somente como graça e santidade, conduz ao risco do homem de hoje, no polo oposto, só enxergar seus pecados, suas deficiências. Os frutos de uma Igreja vivificada pelo Espírito ao longo dos tempos são as testemunhas do Evangelho, os mártires, os missionários, as iniciativas de caridade e promoção humana, as reformas e o surgimento de carismas em homens e mulheres em todas as culturas (Cf. CODINA, 2010a, p. 104). Ou seja, a santidade da Igreja doada pelo Espírito não reside em ideias metafísicas, apologia de certas posições eclesiais historicamente superadas, mas na vivência autêntica do amor fraterno. O Espírito faz a Igreja santa para santificar a história e fecundar o mundo com alegria e esperança.

A Igreja é Católica

O terceiro aspecto é a Catolicidade da Igreja. Catolicidade como sinônimo de abertura, universalidade. Essa característica, que é da íntima natureza da Igreja, é sempre uma nova oportunidade de recriar-se, de abrir-se ao novo, de não fechar-se nem extinguir o Espírito. Ele a faz germinar nas culturas. Ele a faz povo de Deus nos diversos tempos e lugares.

Codina recorda que Inácio de Antioquia foi o primeiro a empregar esse título à Igreja, numa compreensão de Catolicidade como uma totalidade em todos os aspectos, buscando integrar as diferenças unificadas, respeitando o pluralismo, integrando sem excluir e mantendo viva a Tradição (Cf. CODINA, 2010a, p. 106). Do ponto de vista do Evangelho, o envio para o anúncio tem sempre conotação universal (Mt 28,19; Mc 16,15-16; Lc 24,47), pois o Espírito foi derramado em toda existência e, portanto, todos são chamados à salvação (At 2,17,21).

Jesus é o melhor que a Igreja tem a oferecer ao mundo, e o faz na força do Espírito, levando a salvação a todos os povos em diálogo intercultural, encarnando-se em todas as culturas. As consequências são o respeito às pluralidades das igrejas locais com suas culturas e tradições, buscando ser uma unidade na pluralidade, uma Igreja de igrejas. (Cf. CODINA, 2010a, p. 107). De modo que, para a Igreja, viver a Catolicidade é ser consequente com sua própria natureza, que é dada no Espírito. Este, por sua vez, atualiza o Evangelho, não o substitui nem o extrapola com uma nova economia superior a de Cristo, mas encarna o seu mistério nas igrejas locais, dinamizando-as com diferentes carismas na vida dos fiéis, levando-os a uma participação viva e responsável na vida e na caminhada da Igreja.

A saúde pneumatológica da Igreja tem suas raízes em sua referência cristológica. As duas mãos do Pai se complementam (Cf. CODINA, 2010a, p. 108). Contudo, Codina adverte

que estamos longe de viver esta Catolicidade Eclesial. Infelizmente a Igreja, ao longo de sua história buscou sempre mais a dimensão institucional em detrimento da carismática, tornando-se cada vez mais monocultural, uniforme, ocidental e eurocêntrica, quase exclusivamente latina (Cf. CODINA, 2010a, p. 108).

Se do ponto de vista teológico, das elaborações, temos uma Ecclesiology com potencial carismático, de abertura, sendo consequente com sua natureza, por outro lado, convivemos ainda com realidades de fechamentos, colonização cultural, imposição de modelos ecclesiológicos desenhados a partir de uma cultura que busca impor-se sem levar em conta a diversidade das realidades. Isso se mostra na maneira como se constroem as relações, nas formas de poder/serviço, na vida litúrgica, na colegialidade dos pastores. Todavia, jamais se há de esquecer: é o Espírito que faz a Igreja ser católica, e mesmo quando ela em algum tempo ou lugar se fecha à ação dinâmica do Espírito, ele age em outro lugar.

A Igreja é Apostólica

A quarta nota da Igreja é a sua Apostolicidade. Cultiva a sucessão apostólica não tanto como mérito, ou título, mas como servidora e testemunha da missão recebida do mestre. O Senhor Jesus chamou e os fez apóstolos. Depois de ter-lhes transmitido o Espírito, enviou-lhes para anunciar o Reino.

Codina lembra que quando se afirma que a Igreja é apostólica, recorda-se que essa comunidade, em conformidade com as origens, há de manter sua forma de existência de comunidade messiânica de Jesus até que o Senhor volte. No episcopado se recebe a graça do Espírito para poder viver esta comunhão na graça do mesmo Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 110).

Um elemento fundamental no tocante à Apostolicidade da Igreja é a fidelidade ao ensinamento de Jesus e dos apóstolos. Sendo obra do Espírito, pode-se falar em fidelidade criativa, pois se mantém fiel à origem, mas com a criatividade que é dinamismo mesmo do Espírito, leva adiante a proposta originária.

Conservando a unidade, buscando a santidade na catolicidade, a apostolicidade da Igreja implica estar em conformidade com a sucessão dos apóstolos, não só juridicamente, mas sobretudo testemunhal e doutrinalmente (Cf. CODINA, 2010a, p. 111). É no Espírito que a Igreja encontra força para manter-se fiel através do tempo, confessar a fé na vida até o martírio, discernir os sinais dos tempos e, claro, é Ele quem confere eficácia aos sacramentos. Portanto,

querer viver a fé eclesial à margem ou contra a apostolicidade da Igreja, rompendo a comunhão doutrinária ou a obediência aos pastores, não é o melhor caminho.

O Espírito não pode ir contra a apostolicidade da Igreja de Jesus, pois Cristologia e Pneumatologia não se opõem, e ressalte-se ainda que a Eclesiologia é uma função da Pneumatologia e não o contrário (Cf. CODINA, 2010a, p. 112). De forma que, para uma sã compreensão e conseqüente vivência, deve-se buscar uma Eclesiologia que contemple a dimensão cristológica e a pneumática. Que o institucional não anule o carisma, nem a dimensão carismática esqueça o institucional, pois “o Espírito atua através de mediações humanas, mas não se pode sacralizar tais mediações, é preciso revê-las continuamente” (CODINA, 2010a, p. 112).

A Igreja de Jesus é impulsionada constantemente pelo Espírito a se renovar para comunicar o frescor do Evangelho, que nem é antigo nem novo, mas sempre atual. Ela, na força do Espírito, vive sua identidade entre o universal e o particular, sendo sinal entre a História e a Escatologia, cultivando a Tradição, mas numa abertura ao advento do novo.

O Espírito e a iniciação cristã

Viver a vida cristã como membro de uma comunidade eclesial reunida em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (LG 4) não é fruto primeiramente de um dado jurídico ou sociológico, mas de uma adesão à proposta de Jesus que desde os inícios da Igreja Cristã é feita de maneira iniciática.

Há uma iniciação ao ser cristão e esta é vivida de maneira ritual e existencial. Ela produz na vida do neófito não só aprendizado de ensinamentos e das normas de conduta, mas de uma adesão profunda ao projeto de Jesus, vivido na comunidade. Esse projeto engloba todas as dimensões da vida. “A saúde espiritual de uma comunidade cristã está estreitamente ligada a uma sã e correta iniciação” (CODINA, 1988, p. 47). A adesão ao projeto cristão evoca uma verdadeira *metanóia*, ou seja, uma mudança radical de vida, contemplando desde a relação com o mistério de Deus até a ética na comunidade e no mundo.

Em Pentecostes, Pedro, indagado de como tornar-se cristão, diz aos presentes para se fazerem batizar para receber o Dom do Espírito (At 2,37), mostrando uma conexão entre Batismo e Espírito que leva consigo a remissão dos pecados (At 2,38; Tt 3,5) e um novo nascimento (Jo 3,5) (Cf. CODINA, 2010a, p. 113).

Na relação do Espírito com os sacramentos da Iniciação Cristã, Codina faz uma abordagem pertinente. Ele busca as raízes dessa relação, os distanciamentos histórico-pastorais e ainda o enriquecimento com o Oriente.

Apoiado em Congar, ele se questiona quanto ao dualismo batismo/crisma e diz que para se chegar a uma melhor compreensão dessa relação não basta a teologia sacramental, mas há que se recorrer a uma teologia trinitária, no tocante às duas missões do Filho e do Espírito. E acentua que a separação entre os dois sacramentos, embora com justificativa pastoral, é um dos motivos da obscuridade da figura do Espírito no Ocidente (Cf. CODINA, 2010a, p. 121).

Um elemento que entra na discussão é o batismo de crianças, pois apesar dos dados bíblicos para tal prática não serem suficientemente convincentes, é uma realidade desde os primeiros séculos da Igreja. Constata-se que no século IV coexistiam práticas batismais de crianças e de adultos. A virada constantiniana e a teologia do pecado original de Agostinho vão reforçar e até sedimentar a prática do batismo de crianças (Cf. CODINA, 2010a, p. 122). Porém, hoje, pastores e teólogos se questionam se é coerente teológica e pastoralmente continuar mantendo uma norma universal referente à tal prática (Cf. CODINA, 2010a, p. 124).

Na relação do Espírito com os sacramentos da iniciação, cabe uma observação quanto à epiclese eucarística. Codina, comungando com outros teólogos (Congar, Evdokimov, Pertille), afirma que “a epiclese ou invocação ao Pai para pedir a efusão do Espírito, presente nos diversos sacramentos, alcança na celebração eucarística seu ponto culminante” (CODINA, 2010a, p. 126). Mas há um desafio em torno da epiclese eucarística. No Período Medieval, os conflitos em torno da questão da presença real de Cristo na Eucaristia levaram a uma reação que, embora Codina acha até compreensível, é necessário que seja aprofundada e coerente. Pois não parece ser correto concentrar toda Eucaristia na presença real e favorecer uma série de devoções que reafirmam tal presença em detrimento de aspectos mais comunitários da própria comunhão sacramental. Isso não corresponde à natureza mesma do sacramento. Aí um dos motivos de mudança de eixo eclesiológico e até sacramental.

Codina, em concordância com H. de Lubac, afirma que em uma visão mais global, é possível dizer que no segundo milênio a Igreja deixa de ser corpo “verdadeiro” de Cristo para ser corpo “místico” de Cristo, enquanto a Eucaristia, por sua vez deixa de ser corpo “místico” de Cristo para ser corpo “verdadeiro” de Cristo. Há uma mudança de eixo. Desse modo nosso teólogo nos faz observar que a Igreja primitiva era muito mais eclesial e se relacionava intrinsecamente com a Eucaristia, enquanto a Igreja do segundo milênio latino é muito mais sacramental e menos eclesial (Cf. CODINA, 2010a, p. 127).

Compreenda-se o termo “uma Igreja mais sacramental”, no que se refere a uma visão eclesial mais ligada ao culto, a piedade, a adoração da eucaristia. Enquanto que a expressão “uma Igreja mais eclesial”, se é que se pode falar assim, é aquela que compreende a Eucaristia como celebração da ceia do senhor, mais entendida como Igreja povo de Deus. De modo que o celebrado no rito e no culto chega à vida, e esta é uma extensão do culto. Codina insiste que a dimensão pneumática levada a cabo é que proporciona o justo equilíbrio dessa duas atitudes eclesiais, pois se não é levada em conta, produz efeito unilateral.

O Concílio Vaticano II retoma as duas posturas, aprofundando uma visão mais dinâmica do sacramento. Enfatiza que tanto o relato institucional como a epiclesse são elementos constitutivos do sacramento e desenvolve dupla epiclesse, sendo que na primeira se pede a ação do Espírito sobre os dons do pão e do vinho para que se convertam em corpo e sangue do Senhor; e na segunda se pede a efusão do Espírito sobre a comunidade, transformando-a no corpo eclesial de Cristo (Cf. CODINA, 2010a, p. 130). Assim, a narrativa da instituição da Eucaristia tem seu lugar na celebração, mas é o Espírito que reúne a comunidade, que santifica e transforma os dons e torna tudo e todos em oferenda agradável a Deus.

Pode-se ainda dizer, de maneira mais concreta, que o clamor do povo pobre que se eleva a Deus suscitado pelo Espírito é a grande *epiclesis* sacramental humana que sobe ao Pai por meio da Igreja e comove suas entranhas de misericórdia (Cf. CODINA, 2010a, p. 98). Mas o desafio que permanece do ponto de vista do Espírito é como estruturar os sacramentos da iniciação para que sejam realmente uma efusão do Espírito que ungiu Jesus e o levou a evangelizar os pobres e os cativos (Lc 4,18) (CODINA, 1988, p. 68). Assim, a Igreja de Jesus, que age na força do Espírito, vê-se constantemente desafiada a encontrar caminhos pastorais de abertura e discernimento, para uma escuta atenta do Espírito que clama para tornar a dimensão pneumática mais visível.

2.2 Os carismas na Igreja: dons do Espírito

O Concílio Vaticano II abre as portas para a retomada de uma Teologia dos carismas. Na *Lumen Gentium* se diz que o Espírito é que conduz a Igreja à sua verdade plena, fazendo-a uma na comunhão e no ministério e com diversos dons hierárquicos e carismáticos a instrui, dirige e enriquece com seus frutos (Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22) (Cf. LG 4). É muito significativo que o documento conciliar ponha os dois dons juntos, pois durante muito tempo a dimensão carismática, embora sempre presente, quando não era esquecida, ao menos foi tratada com suspeita. Assim, fica posto que o Espírito que sopra onde quer (Jo 3,8) não se limita a

santificar e a dirigir o povo de Deus pelos sacramentos e ministérios, mas distribui aos fiéis dons particulares, conforme lhe apraz (1Cor 12,7), como há bons dispensadores da multiforme graça de Deus (1Pd 4,10) em vista do corpo de Cristo (Ef 4,16) (Cf. MILAK, 2012, p. 86). O Espírito faz aflorar os carismas sempre com uma finalidade específica, o bem de todos, e não se opõe à dimensão hierárquica.

Os carismas são dons “conforme a graça” (Rm 12,6) que são dados pelo Espírito para o bem da comunidade (1Cor 12,7) (Cf. VILLAS BOAS, 2015, p. 78). O carisma é sempre decorrência de uma ação, na qual o agente principal é o Espírito Santo.

Codina chama atenção para o fato de a vida cristã ser enriquecida com dons e carismas. Como a dimensão pessoal já foi abordada, cabe agora adentrar no âmbito eclesial para vermos como se dá a acolhida dos dons e carismas na vida da Igreja (Cf. CODINA, 2010a, p. 133). Israel Silva, em trabalho apresentado na perspectiva pneumatológica de Codina, atesta que as primeiras comunidades cristãs acreditavam que a mão de Deus agia no meio delas e esta ação se dava no Espírito que enriquecia a comunidade com dons e carismas postos a serviço dos demais (Cf. SILVA, 2015, p. 31).

É verdade que ao longo da história da Igreja nem sempre encontramos uma justa acolhida dessa dimensão carismática. Em muitas das vezes chega-se a negação da mesma. A advertência que Paulo faz à comunidade de Tessalônica, de não extinguir o Espírito (1Ts 5,19) não é sem razão, mas deixa entrever essa possibilidade.

Quando buscamos os dados sobre o Espírito nos Textos Sagrados, deparamo-nos com personagens carismáticas, poderíamos dizer entusiasmados (*en-theos-mos*) – verbete que etimologicamente significa a presença do Divino na existência (Cf. BOFF, 1981, p. 28) -, cheios do Espírito, que deixam transparecer em suas palavras e ações energia, ânimo, liderança, criatividade, carisma. Codina nos recorda personagens Antigo Testamento que agiram inspirados pelo Espírito: Sansão (Jz 13,25), Otoniel (Jz 3,10), Saul (1Sm 11,16), tais figuras às vezes se expressam em forma extática ou em sabedorias inspiradas. Ele recorda o texto de Isaías 11,1-2 que a Igreja Medieval irá usar como paradigma acerca dos carismas na vida eclesial. Mas é o profeta Joel (3,1) que proclama a efusão do Espírito em todo o povo e a comunidade de Jerusalém irá interpretar que seu cumprimento se dá em pentecostes (Cf. CODINA, 2010a, p. 134). Esses carismas são dados em vista da salvação, do bem do povo de Deus.

Temos ainda a figura de Paulo que no Novo Testamento é o personagem mais expressivo do ponto de vista da própria vida e do que escreveu. Dotado de uma sabedoria singular e de força carismática, teve papel decisivo na expansão da mensagem do Evangelho. O autor recorda que foi Paulo quem melhor desenvolveu o tema dos carismas do Espírito na Igreja, sobretudo,

em 1Cor 12-14; Rm 12,1-8: 16,1 e Ef 4,1-16, afirmando que os carismas são de ordem pneumática e que através deles se manifesta o poder divino a serviço da comunidade. Paulo compreende sua efusão como expressão do Jesus glorioso, tal qual ele experimentou (Cf. CODINA, 2010a, p. 134). O carisma é dom que pode ser concedido a líderes, anciãos ou pessoas muito simples, mas é sempre expressão de que o dinamismo do Espírito age ali.

Paulo ainda apresenta uma série de carismas, dando primazia aos apóstolos (1Cor 12,28), seguido dos profetas (1Cor 14,24) e enfatiza que o maior carisma é a caridade (1Cor 13). Aos Coríntios, onde havia certo carismatismo, ele elenca ainda os cuidados para evitar o desequilíbrio da comunidade (1Cor 12,12-30) e usa a imagem da Igreja como corpo de Cristo, para mostrar que há multiplicidade de dons, mas um só Senhor, um só corpo, uma só fé, um só batismo, um só Espírito (Ef 4,1-6) (Cf. CODINA, 2010a, p. 135).

Da Igreja nascente fervorosa surgiram pessoas e grupos como, os montanistas,¹⁹ que viviam esse entusiasmo carismático independente dos dirigentes da comunidade, o que causou certo desconforto e até suspeitas em torno da palavra carisma (Cf. CODINA, 2010a, p. 136). Por isso, a euforia causada pela experiência do Espírito sempre requer discernimento. Codina recorda ainda que ao longo da História da Igreja o Espírito continua fazendo florescer movimentos que são proféticos e, portanto, carismáticos. Ele elenca:

o monacato, movimentos laicais medievais entusiastas da pobreza, movimentos de homens e mulheres orientados à mística interior, os mendicantes, os movimentos em torno da Reforma Católica e protestante, a Reforma Teológica que precedeu e acompanhou o Concílio Vaticano II, o movimento ecumênico, os movimentos espirituais e teológicos de libertação do terceiro mundo, a renovação carismática e pentecostal moderna, movimentos laicais etc (CODINA, 2010a, p. 136).

Contudo, cabe ainda à Teologia e à Igreja fazerem a leitura desses sinais do Espírito que conduz a história a partir de dentro, transformando-a, pois, apesar dos vários esforços que se tem feito, há muito que refletir e descortinar. O Espírito não enclausura a Igreja, ao contrário, abre-a ao mundo, à história. Ele suscita carismas na Igreja para ajudá-la a levar a termo o que é chamada a realizar: o Reino.

Por isso, Codina adverte que a Teologia Católica ainda não explorou com profundidade todas as consequências desta Teologia dos carismas. Um exemplo é que muitas vezes ela foi levada a confundir a ação do Espírito, quase exclusivamente, com os Ministérios e Sacramentos, tomando esses dons carismáticos como casos extraordinários de alguns místicos (Cf. CODINA,

¹⁹O montanismo foi um movimento cristão fundado por Montano por volta de 156-157 (ou 172), que se organizou e difundiu em comunidades na Ásia Menor, em Roma e no Norte de África. Tinha um acento pneumático exagerado e grande rigor ascético e ainda se queria independente da hierarquia.

2010a, p. 137). Os carismas são para a Igreja dom e compromisso, pois são dádivas do Espírito, mas cobram dela o compromisso de acolhê-los, discerni-los e colocá-los a serviço do povo santo de Deus.

O Vaticano II e os carismas

O Concílio Vaticano II, como obra do Espírito (Cf. CODINA, 1993a, p. 52), tanto em sua preparação como o acontecimento mesmo, provocou a retomada da reflexão sobre os carismas na vida da Igreja.

Um dos aspectos que Codina chama atenção é o Protagonismo dos Leigos, que passaram de destinatários da missão evangelizadora a sujeitos da e na vida de fé (Cf. CODINA, 2010a, p. 137). Outro âmbito que denota essa abertura à dimensão carismática são as elaborações em torno da vida religiosa. Ela não está na estrutura hierárquica da Igreja, mas antes na sua vida e santidade, sendo assim, parte da dimensão carismática, como dom do Espírito, sinal para a Igreja dos valores evangélicos e transcendentais do Reino de Deus, vividos no seguimento de Jesus (Cf. CODINA, 2010a, p. 139). Leve-se em conta ainda a dimensão simbólico-profética da vida religiosa na Igreja e no mundo.

Esses dois aspectos chamam atenção do autor porque ao longo de séculos a dimensão institucional, valendo-se de sua prerrogativa de poder discernir sobre os carismas, em boa parte da História, freou ou até sufocou a ação do Espírito em pessoas e grupos. A vida religiosa, especialmente a masculina, por comportar membros da hierarquia, quando não lhe foi tolhida a dimensão carismática pela imposição de modelos rígidos e fechados, foi seduzida pelo clericalismo.

No tocante aos leigos, criou-se uma divisão assimétrica entre hierarquia, como grupo seleta, e os demais cristãos, como massa a ser conduzida. Daí que nosso teólogo se questiona se de fato a Instituição Eclesial, numa fidelidade ao Espírito, leva a sério o dinamismo e os carismas que o Espírito infunde nos leigos e sua missão profética, sacerdotal e régia de batizados em Cristo (Cf. CODINA, 2010a, p. 138). O Espírito não é derramado em porções maiores ou menores dependendo da categoria de fiéis, mas todos receberam o Espírito de filhos (Jo 1,12; Rm 8,14).

Outro dado que deve ser levado em conta é o fato de que a Igreja é constantemente provocada ao diálogo com a cultura, com os povos, seja nos meios operários, intelectuais, artísticos, etc. Sem uma dimensão carismática e de abertura não há caminhos para tal empresa.

Por isso, é fundamental para o bem da Igreja e sua maior coerência que se aprofunde a ação do Espírito nos fiéis.

Codina, enfatizando essa ação do Espírito nos leigos, recorda que na América Latina o Espírito age a partir de leigos pobres e comprometidos com os pobres em sua luta pela justiça (Cf. CODINA, 2019, p. 43). É preciso perceber que o Espírito do Senhor age a partir da base, de baixo, com a descrição que lhe é peculiar, suscitando homens e mulheres a serviço do Reino.

Os movimentos pentecostais

Dessa abertura do Concílio à dimensão carismática brotam também os Movimentos Carismáticos e Pentecostais e os Novos Movimentos Eclesiais que têm rápido crescimento, especialmente entre os mais pobres. Antes de qualquer juízo sobre os referidos movimentos, Codina faz uma observação:

ante um tipo de estrutura religiosa demasiado rígida e racionalista, expressa em dogmas, Escrituras e normas, há uma busca de espiritualidade mais experiencial, carismática, mística e entusiasta, mais sensível à corporalidade e à dimensão afetiva, mais aberta ao comunitário, mais popular, mais sensível à espiritualidade do que às estruturas religiosas (CODINA, 2019, p. 161).

Em certo sentido, eles representam uma superação do “cristomonismo ocidental” latino e não deixa de ser uma crítica ao modo formal de ser cristão. Sem falar que esses movimentos denominados do Espírito vêm ao encontro de uma sociedade marcada por problemas de ordem política, produzida por um Sistema Neoliberal, que mantém boa parte da população em situação de dependência, quando não de miséria; de ordem teológico-pastoral, pois, apesar de todo esforço da Igreja, há ainda muitos que estão à margem da estrutura eclesial formal e encontram aí um lugar de acolhida, calor e busca de sentido (Cf. CODINA, 2010a, p. 146). No entanto, é salutar ter um olhar mais acurado da situação, pois como movimento, requer discernimento, ajuda para o necessário amadurecimento. Há de fato o risco de se cair num pneumatomonismo, ou seja, um acento exagerado na figura do Espírito.

Dados os benefícios que os Movimentos Carismáticos têm produzido na vida das pessoas, é necessário cada vez mais vivenciá-lo na eclesialidade. A referência central é sempre a figura pobre de Jesus de Nazaré e a inserção na Comunidade Eclesial, tendo por centro da vida cristã a Eucaristia (Cf. CODINA, 2010a, p. 147). Isso supõe humildade e abertura de ambas as partes: por um lado, a instituição tem o direito de ajudar a discernir e o dever de acolhê-los na sua expressão mais genuína: por outro, os movimentos devem ter a humildade de acolher e

encontrar caminhos de fidelidade ao Espírito na Igreja, pois a vida cristã é vida no Espírito de Jesus.

Quanto ao fato de ser uma herança conciliar, Pedro Rubens, na mesma linha de pensamento de Codina, elenca sete pontos a fim de que o Movimento Carismático Católico seja consequente com suas origens e com a agenda aberta pelo Concílio: a sua Vocação Ecumênica; o cuidado dos pobres; serem promotores da unidade na diversidade; o necessário aprofundamento bíblico; a evangelização no meio urbano, levando em conta que sua gênese é urbana; a sua contribuição numa maior afirmação do laicato e dos ministérios pastorais; e que seja aberta ao mundo, não cedendo ao egoísmo vigente (Cf. RUBENS, 2017, p. 872-875). Ainda assim, o conjunto da Igreja deve acompanhar e discernir esse dinamismo ao longo do caminho, pois o Espírito não tem uma mensagem diferente da de Jesus, mas antes é memória, atualização e consumação da vida e obra de Jesus, conduzindo a vida cristã a não limitar-se a invocar o Senhor, mas segui-lo.

Na esteira dos frutos do Espírito trazidos ou redescobertos pelo Concílio temos ainda os novos Movimentos Eclesiais. “Não se pode negar que existam sinais claros da presença do Espírito nestes movimentos, que são muito variados e não se pode englobar numa visão geral” (CODINA, 2010a, p. 148). Há que se ter um contínuo e fraterno acompanhamento, não para censurar e negar a presença do Espírito, mas, sobretudo, para acolher e colher os frutos do Espírito na Comunidade Eclesial. Há que se ter o devido cuidado para distinguir e não extinguir o Espírito.

Igreja universal e Igreja local

Usando a imagem do episódio de Pentecostes no qual todos advindos de povos diferentes se entendiam, Codina faz uma provocação, afirmando que esse é o caminho para uma acolhida do Espírito e a pluralidade das Comunidades Eclesiais, ou seja, a vitalidade dada pelo Espírito às Igrejas locais (Cf. CODINA, 2010a, p. 150). Vale ressaltar que a imagem da Igreja universal, que tem seu lugar e sua importância, não contempla toda a realidade da Igreja, pois esta acontece nas igrejas locais.

Codina recorda que, durante quase todo o segundo milênio, essa foi a imagem predominante, agora retomada pelo Concílio. Diz ele que “este redescobrimento das Igrejas locais que, segundo K. Rahner, é a maior contribuição eclesiológica do Concílio Vaticano II, está intimamente unido à recuperação da dimensão pneumatológica por parte da Teologia Conciliar” (CODINA, 2010a, p. 151). O conjunto dessas Igrejas locais constitui a Igreja

universal, pois é a comunhão de todas elas (Ef 4,1-6; Rm 16,12; Cl 1,24), formando, assim, uma Igreja de igrejas presidida na caridade pela Igreja de Roma.

É importante lembrar que havia muito mais autonomia por parte das Igrejas locais no período antigo e que se recorria a Roma como última instância de apelação ou perante problemas que afetassem a todos (Cf. CODINA, 2010a, p. 152). Mas essa Igreja local não esgota toda a eclesialidade, nem tampouco é um pedaço, uma parte da Igreja, mas uma porção do povo de Deus, presidida pelo bispo em comunhão com o bispo de Roma.

Ele destaca ainda que o pano de fundo da Eclesiologia da Igreja local é uma Pneumatologia que defende a ação livre do Espírito na concretude de uma realidade, na qual a Igreja pode inculturar-se, buscando respeitar o jeito de ser e de viver o único mistério pascal de salvação de Jesus Cristo na unidade da fé e da comunhão eclesial (Cf. CODINA, 2010a, p. 155). O Espírito, fonte de diversidade e comunhão, faz a Igreja aí onde se vive a experiência da fé.

O Espírito e o senso universal da Fé

O Espírito é quem suscita o Senso da Fé, pois o povo de Deus tem a unção do Espírito (1Jo 2,20). Todavia, mesmo sendo um povo ungido, o Espírito convoca pela via do coração e da fé firme a que se escute e aceite o ensinamento dos apóstolos. Não é simplesmente como algo imposto exteriormente, e que exija submissão, mas confiante que se é Palavra de Deus (Cf. CODINA, 2010a, p. 157). Recorrendo a São Tomás, Codina entende que este senso da fé, que é concedido pelo Espírito, proporciona ao povo crente como que por “instinto espiritual” conhecimento por “conaturalidade”. Por meio deste se aceita, se compreende, se desenvolve e se transmite tudo que está de acordo com a Palavra e a Fé Apostólica recebida através da Tradição da Igreja (Cf. CODINA, 2010a, p. 157).

É o Espírito Santo dado aos fiéis quem age. Cabe ao Magistério escutar, acolher e discernir, mas não extinguir. Nessa dinâmica, as posições do Magistério devem corresponder a este “Senso da Fé” para que sejam críveis (Cf. CODINA, 2010a, p. 158). E isso requer sensibilidade da parte dos pastores e firmeza em levar adiante as exigências das novidades do Espírito.

Esse Espírito, que age a partir de baixo, dos pequenos, dá voz ao povo como testemunha da Tradição e o torna capaz de discernir a verdade de uma doutrina com a luz interior. E ainda de aprofundar a fé, fazê-la crescer interiormente e deduzir novas consequências para os novos tempos (Cf. CODINA, 2010a, p. 159).

O “Senso dos fiéis” tem papel importante na vida da Igreja, pois é o povo santo de Deus com suas histórias, com suas lutas, com sua fé, que fala a partir da realidade da vida e da experiência de fé. É na força do Espírito que o Magistério da Igreja fala, mas é nesse mesmo Espírito que os fiéis acolhem e respondem à Fé Eclesial.

O teólogo jesuíta, fundamentando-se em Yves Congar, afirma que “a ‘recepção’ é uma dimensão eclesiológica que se refere ao processo vital pelo qual o povo acolhe e assimila vitalmente um ensinamento ou uma norma proposta pelos pastores. Não é simples obediência, mas aceitação viva” (CODINA, 1993b, p. 79-80). Pois a mensagem proposta pelo corpo eclesial edifica a comunidade, convém à vida de fé e, por isso, é acolhida como boa nova e vivenciada em fidelidade criativa.

Nosso autor, seguindo Tillard, mostra que “a recepção não é o que confere à declaração do Magistério sua verdade, mas o que confirma que nesta declaração se encontra a verdade. É um acontecimento de comunhão: pela comunhão se faz a verdade” (CODINA, 2010a, p. 162). De modo que é levada em conta a participação dos fiéis, expressando a comunhão entre estes e seus pastores.

A comunidade cristã teve e tem que se confrontar com a dinâmica da recepção ao longo da história. Basta ver a recepção dos Livros Canônicos, dos Concílios Ecumênicos, das Normas Litúrgicas, etc., e teve que lidar ainda com a contestação ou dissenso no meio da Comunidade Eclesial (Cf. CODINA, 2010a, p. 164-165). Por isso, requer discernimento, que também é Dom do Espírito.

Uma comunidade cristã legalista, enrijecida, não proporciona o florescimento dos carismas e pode tornar-se um gueto, uma seita, que é exatamente o que Jesus não queria nem corresponde à dinâmica mesma do Espírito.

Um dado muito importante à recepção eclesial é a enculturação, pois cada povo recebe a mensagem evangélica na sua cultura, com seu conjunto de valores. No entanto, também aí já está o Espírito criador, que a seu tempo é quem proporciona a acolhida da fé na cultura.

2.3 A profecia na Igreja, expressão dos clamores do Espírito

O Símbolo Niceno-constantinopolitano afirma que o Espírito falou pelos profetas, atestando sua presença histórica de maneira contestatória e criativa no mundo. O cume da expressão profética é Jesus de Nazaré, cuja missão, como afirma Lucas, é movida pelo Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 40-41). Essa presença constante do Espírito profético na tradição de Israel e na Igreja é apresentada por Codina como um clamor e como uma provocação.

O teólogo Jesuíta nos recorda ainda que a Sociologia Religiosa tem aprofundado os processos de institucionalização das religiões e distingue aí quatro fases: o momento fundacional, marcado pelo carisma pessoal do Mestre; o momento institucional quando, após a morte do iniciador, os continuadores estruturam seu carisma em vista da nova situação espaço-temporal; o momento da esclerose, quando há o crescimento da comunidade, situações de fixismos dogmáticos, exclusivismo salvacional, perda de identidade religiosa; e, por fim, o momento profético-reformador, quando determinadas pessoas ou grupos reagem frente ao enrijecimento institucional e se empenham numa volta às fontes, numa renovação espiritual, reformando-se o que se é reformável, numa fidelidade criativa, e redimensionando as estruturas numa tentativa de fidelidade carismática (Cf. CODINA, 1984, p. 37).

A Igreja de Jesus, por mais que tenha suas peculiaridades, não foge desse dinamismo. Enquanto realidade histórica participa da mesma sorte das demais instituições. Codina entende que é também aí que encontramos a ação do Espírito, que ama sua Igreja e por isso suscita homens, mulheres e grupos para que, com atitudes proféticas, chame a atenção com obras e palavras, fazendo-a retomar seu dinamismo e fidelidade em direção ao Reino (Cf. CODINA, 1984, p. 38).

Uma peculiaridade da dinâmica do Espírito é o fato de agir a partir da base, da periferia, de fora dos muros, e sempre em tom profético. Vejam-se os profetas João Batista, Helder Câmara, Tereza de Calcutá, Doroty Stang e tantos outros que não cabem na formalidade da instituição.

O Polo Profético da Igreja

Nosso autor faz um percurso pelos movimentos ao longo da história da Igreja, apresentando-os como sinais, clamores do Espírito, que recordam à Igreja sua missão e o seu lugar. Mostra que o Polo Profético da Igreja não a deixa sucumbir, pois sempre que ela dá sinais de perda de vigor evangélico, o Espírito faz surgir, a partir de baixo, da periferia, pessoas e movimentos para sua renovação (Cf. CODINA, 2010a, p. 168). É verdade também que a acolhida a esse impulso do Espírito nem sempre é fácil e pacífico, pois ele desinstala, arranca do comodismo.

Por isso, Codina insiste que é necessário recuperar a História esquecida da Igreja e fazê-la passar da clandestinidade à luz Pública Eclesial como sinal do Espírito (Cf. CODINA, 1984, p. 38). Do contrário, podemos cair no perigo de extinguir a ação do Espírito (1Ts 5,19) em detrimento de nossa estreiteza de compreensão e acolhida.

Retomando a História da Igreja e buscando extrair daí os sopros e movimentos causados pelo Espírito, Codina faz um elenco dessas manobras do vento impetuoso sacudindo a Igreja de Jesus. Recorda, de modo peculiar na virada constantiniana, que os movimentos que buscaram chamar a atenção da Igreja são suscitados pelo Espírito e por isso têm forte conotação profética. Uma primeira expressão é o Monacato. Como um todo, destaca-se pelo fato dos monges, sem romper com a Igreja, afastarem-se geograficamente para a periferia, numa reação ao modelo de cristandade bem mais formal, oficial, imperial (Cf. CODINA, 2010a, p. 170). Um distanciamento providente, cuidadoso, visando preservar o que há de mais genuíno na experiência cristã e, ao mesmo tempo, distanciamento contestatório.

Outro aspecto são as interpelações da Igreja oriental que mantém a dimensão Pneumatológica muito mais viva, o que seria uma voz profética à Igreja Romana, ajudando-a a enriquecer-se com uma visão mais ampla e pluralista de Igreja, levando a termo a ação das duas mãos do Pai. Mas, infelizmente, acirraram-se os ânimos e ocorreu à ruptura. Hoje, em um novo sopro do Espírito, busca-se a caminhada ecumênica como remédio e caminho de fidelidade (Cf. CODINA, 2010a, p. 173). Uma Igreja muito mais centralizadora e piramidal não revela a circularidade provocada pelo dinamismo do Espírito. Daí o apelo constante de escuta e docilidade ao Espírito.

Os movimentos surgidos no Período Medieval (cátaros, albigenses, pobres de Deus, valdenses, beguinas, mendicantes – franciscanos e dominicanos), que em sua maioria são laicais, condensam muito mais do que o título de simples Movimentos Pauperísticos. São, na verdade, clamores do Espírito, vindos da base, dos pobres e em favor destes, há uma Igreja poderosa que atingira seu apogeu de Teocracia Pontifícia com Inocêncio III.

Os referidos movimentos estão na esteira do Monacato, especificamente nos aspectos de contestação profética e criatividade, mas trazem elementos muito peculiares, tais como: reação ao poder e à riqueza da Igreja Hierárquica, volta ao Evangelho de Jesus pobre de Nazaré, imitação dos apóstolos e da Igreja de Atos, aspirações de mudanças sociais e políticas, dada a incidência da Igreja também nesse âmbito e a transição do Feudalismo tendo em conta a emergência das cidades, das universidades, e ainda a passagem de uma Economia Agrícola para o comércio (Cf. CODINA, 2019, p. 97). Levando em conta todo o contexto em que estão inseridos, não se pode deixar de lamentar o fato da Igreja Institucional nem sempre demonstrar abertura e acolhida.

Claro que não se pode cometer anacronismos, nem tão pouco ser ingênuo quanto ao passado, no entanto, há que se constatar que esses impulsos ajudam a Igreja a manter sempre

viva a memória da mão do Espírito que a cria e recria, mesmo que, às vezes, tenham se convertido em entusiasmos perigosos, selvagens e até heréticos (Cf. CODINA, 1997a, p. 51).

Isso nos faz recordar que, como o Espírito não tem rosto, não se encarna e a rigidez não tem nome, ele age através das ações humanas, na história, como o vento que não se vê, mas se sente e se vê sua ação. Ou seja, a ação do Espírito nas pessoas e na Igreja requer sempre abertura, acolhida, escuta e discernimento.

O Concílio Vaticano II: fruto do Espírito

O Concílio Vaticano II, que o autor compreende em todas as suas dimensões como uma irrupção do Espírito na Igreja, um novo Pentecostes (Cf. CODINA, 2010a, p. 182), teve sinais visíveis do Espírito a partir dos movimentos que o prepararam: litúrgico, bíblico, ecumênico, patrístico, etc. (Cf. CODINA, 1993b, p. 164-168), mas também desafios. João XXIII, em seu discurso inaugural, advertiu contra os profetas da desgraça.

O evento Conciliar foi um verdadeiro “acontecimento salvífico, um kairós. Há um ‘antes’ e um ‘depois’ do Vaticano II” (CODINA, 2012b, p. 154). Evento de magnitude singular, que refletiu a colegialidade e a abertura ao Espírito. Portanto, um acontecimento profético em tempos de Guerra Fria e de mundo polarizado.

A recepção do referido acontecimento teve seu florescer, mas logo chegou o inverno eclesial. Algumas releituras de documentos conciliares, mudança no episcopado com conotação centralista, enfraquecimento das Igrejas locais e das Conferências Episcopais.

O medo que começou já em tempos de Paulo VI e perdurou no pontificado de João Paulo II, que alguns nomearam de “Involução Eclesial” (*Concilium*), “restauração” (G C Zizola), “Inverso Eclesial” (Rahner), “volta à grande disciplina” (Libânio), “noite escura” (G. Faus) (Cf. CODINA, 2006, p. 6). Todavia, há que ressaltar a recepção criativa da Igreja Latino-americana na Conferência de Medellín, em 1968.

Recepção profética e criativa do Concílio

Nesse continente, é fundamental que se resgate ou se releiam os fatos e personagens proféticos em chave Pneumatológica. As figuras de Bartolomeu de Las Casas, que ergue sua voz em favor dos indígenas ante a exploração espanhola, Antônio de Montesinos, Juan de Zumárraga e tantos outros, são sinais claros da ação profética do Espírito que, diante uma

realidade cruel e desumana, suscita a denúncia e a busca de caminhos para reverter a situação (Cf. CODINA, 2010a, p. 181).

Nosso teólogo, em discurso proferido no Congresso Continental de Teologia, em São Leopoldo-RS, em 2012, falando da recepção do Concílio nas Américas, assinala que, junto a uma Eclesiologia e uma Cristologia Libertadora, há a necessidade de uma elaboração cada vez mais profunda de uma pneumatologia latino-americana. Recordando, sempre, que não se quer sair do polo cristológico para o polo pneumatológico, mas complementar as duas realidades (Cf. CODINA, 2013b, p. 163). Isso sempre num caráter profético e, muitas vezes, conflitivo, mas ajudando a interpretar as lutas e os anseios do povo, na vivência de uma santidade primordial (J. Sobrino) e revelando sua força diante do martírio, de modo que o Espírito suscita e sustenta o povo em suas lutas pelo maior dom, a vida.

Também a partir da América Latina há que se resgatar a ação profética do Espírito nos profetas sociais, culturais e religiosos. Homens e mulheres que envolvidos na história sofrida do povo levantam sua voz como resistência e em defesa da vida (Cf. CODINA, 2016a, p. 26). Tendo por ferramenta a criatividade, Dom do Espírito, artistas, intelectuais, filósofos, teólogos – como Camilo Torres, Ignacio Ellacuría, profeta e mártir –, conjugando a visão da realidade iluminada pela fé, elaboram uma teologia profética. Partiam da realidade de um povo crucificado, mas que é sacramento de Cristo, prolongação do mistério da encarnação na história, fazendo aí o lugar da salvação, denunciando com coragem profética toda sorte de violência e injustiça (Cf. CODINA, 1990d, p. 267).

Outro aspecto que não se pode olvidar são os Bispos Profetas da América Latina. Codina, recordando José Comblin, os chama de “os Santos Padres da América Latina”²⁰, e vê em sua ação profética a força do Espírito. Elenca especialmente os que vieram após Medellín: Manoel Larrain, Helder Câmara, Leónidas Proaño, Ramón Bogarín, Sérgio Méndes Arceo, Samuel Ruiz, José Dammert, Juan Landázuri, Enrique Avelar, Raúl Silva Henríquez, Jorge Novak, Jaime de Nevares. Acrescentem-se, ainda, os que por sua ação profética sofreram o martírio: Enrique Angeleli na Argentina, Oscar Romero em El Salvador, e Juan Girard na Guatemala (Cf. CODINA, 2019, p. 29-30).

Homens movidos pela força do Espírito em tempos de caos e de morte, mas que fizeram de sua vida e de seu Ministério um florescer do Espírito de Deus no chão da América Latina. “Não lutaram contra as Heresias nem contra o Marxismo, mas sim, contra a injustiça e a favor da dignidade da pessoa humana e dos direitos humanos, denunciando as situações de Pecado

²⁰ COMBLIN, J. A profecia na Igreja. São Paulo: Paulus, 2008, p. 203-255; Los Obispos de Mellín. Los Santos padres de América Latina. In: Pablo Richard, 10 Palabras claves sobre la Iglesia latinoamericana, 2003.

Estrutural” (CODINA, 2019, p. 30). E toda essa ação, esse dinamismo, dá-se na fé, a partir da fé, na força do Espírito Santo.

O Espírito protesta nos clamores do mundo

Ante esse percurso que fizemos, nosso autor nos provoca a que escutemos os clamores do Espírito que irrompem na Igreja de hoje pedindo atitudes proféticas, corajosas e lúcidas. Ele apresenta algumas questões e as chama de questões pendentes. Ei-las: o demasiado peso Institucional da Estrutura Eclesiástica; os clamores por maior Sensibilidade Sacramental e Pastoral na Administração dos Sacramentos ante um mundo em transformação e sedento da graça sacramental. No campo da moral sexual, a separação profunda entre o que se ensina e o que se vive, ao mesmo tempo em que se questiona a sobriedade do Evangelho sobre tal tema e o peso eclesial hoje atribuído a ele (Cf. CODINA, 2010a, p. 193-206). Diante dessas questões e da pouca sensibilidade por parte da Igreja, há que se perguntar até que ponto ela se põe a serviço do Reino e à escuta atenta do Espírito?

Dá a necessária atenção, pois organismos e definições historicamente situadas que já não falam ao mundo de hoje, nem revelam a beleza e a verdade evangélicas, são questionáveis. Se não abrem espaço para uma fecunda ação do Espírito, acabam por ser empecilho, pois se tinham por finalidade alcançar, conduzir e salvar as pessoas, muitas vezes convertem-se em ambiente de controle da graça, sequestro dos sacramentos (Cf. CODINA, 1993a, p. 135).

Dentro dessa mesma temática há que se falar da situação da mulher na Igreja que, apesar de toda a abertura no conjunto da sociedade, em ambiente eclesial é sempre motivo de contestação. De fato no Campo Eclesiástico as mulheres não têm espaço. Aí reside também o problema do poder decisório, pois, se elas não têm acesso ao meio eclesial, que é essa instância de poder de decisão, então são passivas na história e limitadas a obedecer. Por isso, há que se aprofundar a compreensão da *Ruah* divina sentindo onde e como ela está clamando (Cf. CODINA, 2010a, p. 204).

Pastoralmente é algo contraditório, pois, enquanto a Instituição condiciona a participação das mulheres, o Espírito as faz parceiras de Novas Comunidades e Formas de Vida Cristã. Sem contar que a resistência e/ou rejeição histórica da sociedade e da Igreja em relação ao feminino revela o desconhecimento da Terceira Pessoa da Trindade.

Na Bíblia, termos como: Hokmã, Ruah, Shekhinah, Sophia, no Antigo Testamento simbolizam a divindade que se envolve com a humanidade e com a Criação. Também no Novo Testamento temos alguns eventos que revelam o rosto feminino de Deus, como em Lc 15,4-10,

onde Jesus compara Deus a uma mulher que perde a dracma. Sem falar das inúmeras comparações do amor ou do cuidado de Deus com o amor maternal: Dt 32,18; Nm 11,12-13, Is 42,14, etc.

Em síntese: um mundo que mata a mulher é um mundo que rejeita o Espírito de Deus. Ou seja, uma Igreja que silencia a mulher é uma Igreja que silencia o próprio Espírito e se fecha à possibilidade do novo, da partilha, da harmonia.

Ante tantos desafios, Codina encontra no Papa Francisco uma voz que dá claros sinais de que o Espírito está agindo profeticamente. Ele afirma que o bispo de Roma, movido pelo Espírito do Senhor, “se lança a realizar a tríplice dimensão de toda autêntica profecia: a denúncia, o anúncio e a reforma ou transformação, tanto eclesial quanto social” (CODINA, 2018a, p. 23). Francisco é dócil ao Espírito e age com *parresia*. É o homem da coragem alegre e da alegria corajosa, e isso é dom do Espírito. A Igreja, como sinal profético de contradição e criatividade, há de assumir cada vez mais sua missão de ser alegria e esperança no mundo, especialmente para os pobres

3 O Espírito age no mundo

Nos tópicos precedentes refletimos sobre a ação do Espírito na pessoa e na Igreja. Adentramos, agora, a temática da ação do Espírito no mundo, no cosmos, pois:

essa afirmação da presença do Espírito no mundo e na História é de capital importância teológica e eclesiológica. A Igreja deixa de possuir o monopólio da verdade do Espírito e, sem negar a revelação que ela recebeu do Senhor e que custodia com fidelidade, se abre a todos os povos, raças, culturas e religiões, numa atitude de diálogo e de busca comum dos sinais do Reino (CODINA, 1997a, p. 61).

O salmista, num tom de louvor ao Criador, diz “teu é o Céu, e a Terra te pertence. Fundaste o Mundo e o que nele existe” (Sl 89,12), ajudando-nos a olhar o Mundo com os olhos do Criador. E continua: “envias teu sopro e eles são criados, e assim renovas a face da Terra” (Sl 104,30), pois o projeto do Pai é configurar uma humanidade para que viva em comunhão entre si, com a natureza e com Deus, gerando uma *koinonia* inter-humana, cósmica e trinitária (Cf. CODINA, 2010a, p. 213). Projeto que é realizado com as duas mãos Pai.

Codina propõe uma reflexão acerca do Espírito além dos limites da Igreja. O Espírito que pneumatiza a história e a transforma. Que fecunda o chão da vida para além das doutrinas que desenvolvemos sobre ele. É preciso ter olhos atentos, sensibilidade e docilidade para sentir

e ver sua ação no cosmos, nos acontecimentos, na vida do povo, nas organizações em defesa da vida em todas as suas dimensões.

Ele observa que no Concílio Vaticano II houve certa retomada da Pneumatologia. No entanto, mesmo os comentários posteriores acerca da missão do Espírito conservam um tom muito pessoal e eclesial, não indo muito além. Isso o faz questionar se com base na Escritura, na Tradição do primeiro milênio e mesmo nos documentos do Concílio, pode-se reduzir a ação do Espírito ao âmbito pessoal e eclesial (Cf. CODINA, 2010a, p. 211-212). Nos Atos dos Apóstolos, Pedro afirma que a profecia, de que o Espírito foi derramado sobre toda a carne (At 2,17), agora está se cumprindo, ou seja, a salvação de Deus chega para todos e está pulsando na criação que “geme em dores de parto (Rm 8,22)”. Todavia, há que discernir sobre o que concebemos como ação do Espírito de Deus através de nossa contingência humana, na história. Por isso, neste Terceiro Ponto da Pneumatologia de Codina, faremos um percurso buscando apresentar o discernimento do Espírito que age na história, retomando os sinais dos tempos como impulsos dEle na mesma, e auscultando desde as entranhas da realidade seus clamores.

3.1 O discernimento do Espírito que age na história

O Espírito cria, recria, conduz, é força, dinamismo que liberta, é sempre ação. Porém, é preciso discernir onde e como acontece essa ação do Espírito Santo. “O discernimento é um tema tradicional da espiritualidade cristã, mas que muitas vezes ficou circunscrito às moções internas do coração” (CODINA, 2010a, p. 224).

Codina chama atenção ainda para o dado de que na Escritura o discernimento não é privilégio de um pequeno grupo, mas uma exigência de quem de fato quer entrar no seguimento de Jesus. Por exemplo, os escritos paulinos o têm como algo básico para a vida cristã, no sentido de saber o que Deus deseja (Cf. Rm 12,1-2; Ef 5,8-10; Fl 1,8-11; 1Cor 11,28-29; 1Ts 5,19-22). É uma tarefa contínua, como sugere a carta de João (1Jo 4).

Nos Escritos do Cristianismo Primitivo (Didaché, Pseudo-clemente, Pastor de Hermas), aparece como a doutrina dos caminhos (Cf. CODINA, 1984, p. 100), de maneira que, tanto do ponto de vista bíblico como da Tradição da Igreja, há uma preocupação com o discernimento do Espírito que não significa acolher tudo, nem tampouco rechaçar as manifestações que se nos apresentam. Distinguir e não extinguir, mas sempre discernir.

O exercício de discernir não comporta unicamente um caráter subjetivo. É preciso ler a realidade, os fatos, os contextos, a História de Deus e dos homens. Codina recorda que os Evangelhos são uma iniciação ao discernimento frente aos diversos grupos do tempo de Jesus

que não sabem discernir os sinais dos tempos (Mt 16,1-4). Também às primeiras Comunidades que tiveram que fazer distinções sobre os vários aspectos da fé. Esse discernimento é sempre animado, intuído no Espírito de Jesus, o que cobra conversão contínua (Cf. CODINA, 1984, p. 101). Por isso, a importância de escutar e perscrutar as Escrituras (Jo 5,39) e de manter o olhar atento na História.

O discernimento requer critérios, seja para a ação de discernir, seja para reconhecer os frutos. Nosso teólogo recorda que os critérios oferecidos pelo Novo Testamento não são meramente de ordem interna, subjetiva, mas, sobretudo, externos e comunitários. Elementos como a coerência com a vida de Jesus e com sua Comunidade Apostólica, a edificação da Comunidade, a alegria da partilha, a paz comunitária, a ajuda fraterna, são critérios para perceber o Espírito de Jesus. Contudo, o autêntico sinal do bom Espírito é o amor fraterno, fruto singular do Espírito do Senhor, traduzido no amor ao pobre e ao desvalido como critério Escatológico e definitivo, segundo o Evangelho (Mt 25) (Cf. CODINA, 1984, p. 101).

É significativo salientar que não existe contradição entre os critérios subjetivos da Espiritualidade Monástica e Medieval e os Objetivos e Históricos da Escritura. No entanto, é forçoso o cuidado de não reduzir um ou outro unilateralmente. Um exemplo é o tema da paz, que não pode ser compreendida somente como a paz interior, mas há que se levar em conta que a sua construção tem conotação política e cósmica (Cf. CODINA, 1984, p. 101). A paz é fruto da justiça (Is 32,17). É algo que começa no interior de cada um, porém, há uma necessidade latente de fazê-la acontecer no conjunto da sociedade.

Discernimento pessoal e coletivo

Ampliando a proposta de discernimento do Espírito para além de uma compreensão pessoal, pode-se dizer que:

o sinal do Espírito de Jesus é tudo aquilo que impulsiona à criação de uma humanidade mais integrada, fraterna, comunitária e libertada, enquanto que tudo aquilo que marginaliza, desintegra, escraviza é fruto do maligno. E para tudo isso os pobres constituem um 'teste' privilegiado, porque são eles que carregam as consequências do pecado do mundo (CODINA, 1984, p. 101).

Portanto, para discernir há que levar em conta também o lugar social, a ótica que se adota para olhar e ler a realidade. O discernimento é dom do Espírito e tarefa a ser acolhida e vivenciada, que requer docilidade e criticidade. Os compromissos decorrentes de um sadio discernimento são fecundos no sentido mais profundo do termo. Produzem vida na vida, pois

os frutos do Espírito são: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança (Gl 5,22).

Codina lembra que é fundamental discernir o Espírito que age não só no interior dos corações, mas também no coração da História, e usa as imagens do anúncio aos pastores de Belém, aludindo o sentimento que se produziu no coração de cada um, bem como as características do Menino Jesus no presépio: pobre, pequeno, envolvido em panos; como expressão das duas dimensões de discernimento (Cf. CODINA, 1997a, p. 99). Nosso autor, em sã audácia, questiona se não é necessário exercitar também o discernimento do pulsar do Espírito através dos pobres, na experiência espiritual que isso comporta e na reflexão teológica daí decorrente, pois escutar seu clamor é ouvir a voz do Espírito (Cf. CODINA, 1984, p. 103). Para tal, ele propõe um percurso pelas várias críticas recebidas devido à posição de abertura e opção pelos pobres que se fez na Igreja e na Teologia Latino-americana (Cf. CODINA, 1997a, p. 100). Perante tais críticas há que se fazer um discernimento, pois ninguém, nem tampouco as Teologias, está isento de equívocos. Por isso, é necessário ouvir, acolher e discernir.

Ele faz um percurso passando pela crítica do poder, ou seja, o Poder Político entrelaçado ao Econômico e Militar, que se sente ameaçado pela Postura Evangélica tomada pela Igreja na América Latina, estimulada pelo Espírito Profético da Teologia da Libertação. Fato evidente é o documento de Santa Fé (Cf. CODINA, 1997a, p. 100 - 102)²¹.

A opção feita é obra do Espírito, pois o documento ressalta a ameaça que essa opção pelos pobres faz ao sistema dominante e de poder mortífero. Concomitante a isso, há críticas do Magistério da Igreja. Forças Conservadoras, estimuladas por interesses pseudo evangélicos, travestidos de ortodoxia, numa junção de interesses políticos e eclesiais, reagem aos movimentos surgidos na Igreja Latino-americana. Vê-se desde reações arbitrárias às mais orquestradas, silenciamento de teólogos, mudanças sistemáticas no episcopado, reuniões com as Comissões de Doutrina da América Latina, publicação de duas instruções contendo advertências aos teólogos. Ante tais reações da Cúpula da Igreja, há que discernir.

Codina afirma que, primeiro, é importante reconhecer a autoridade do Magistério para intervir em matéria de doutrina e advertir quanto aos perigos. Porém, é máxime ir aos fatos, apurá-los e seguir o conselho de Paulo: “Não extingais o Espírito [...] ficai com o que é bom” (1Ts 5,19).

²¹ Trata-se de um documento elaborado na cidade de Santa Fé, no qual assessores de Regan para assuntos da América Latina lhes repassam informações sócio-políticas e eclesiais sobre a América do Sul. Aí se enfatiza o papel político da Igreja na região e os perigos que podem oferecer à proposta estadunidense.

A produção teológica e a própria Práxis da Pastoral Libertadora Latino-americana contradizem as críticas do Magistério Romano. De modo que o Espírito continua suscitando neste vasto Continente uma reflexão libertadora e dialogal (Cf. CODINA, 1997a, p. 102-108). E, por se tratar de uma situação de caos, de morte e de injustiça, o Espírito suscita uma reflexão incômoda, pois toca na raiz dos problemas, denuncia o pecado e propõe vida nova e justa.

Há também a reação da teologia neoconservadora, de corte mais estadunidense, que propõe uma síntese entre a Revelação cristã e a Lógica capitalista, tendo por expoente mais significativo Michael Novak.

Criticamente, pode-se afirmar que essa corrente propõe a religião como legitimadora do sistema, sem levar em conta dados históricos de colonização do continente e a própria Lógica do Capitalismo. Tal posição é negar a predileção de Deus pelos pobres e não enxergar os pecados nefastos de um sistema que mata com suas doses de morte e de dor que está produzindo no Terceiro Mundo (Cf. CODINA, 1997a, 109 – 111).

Ouvir a voz do tempo para discernir

Em seu livro “Creio no Espírito Santo: pneumatologia narrativa”, de 1997, o autor adverte quanto às mudanças significativas do ponto de vista cultural, político e eclesial. Os chamados Grupos Emergentes, movimentos populares, já não encontram respostas para seus questionamentos nas Igrejas Históricas (Católica e Protestante). Por outro lado, o Movimento Pentecostal, em suas mais diversas facetas, oferece ambiente para as novas inquietações e sensibilidades. (Cf. CODINA, 1997a, p. 113). Ali se tem uma comunidade pequena com significativos laços afetivos; valoriza-se cada um a partir daquilo que é; há maior participação de todos; encontra-se, se não a resposta, ao menos o consolo para problemas morais familiares graves (sexo, droga, alcoolismo); tem-se uma Doutrina mais simples; os Ministros são pessoas do povo. Tudo isso vivenciado em Celebrações alegres e cheias de vida.

Codina adverte que seria conveniente e fácil fazer uma crítica à proposta libertadora, apontando seu fracasso, mas lembra que o desafio é bem maior e mais profundo. Enfatiza que esses movimentos implicitamente trazem uma crítica a uma Igreja demasiado institucional, doutrinária, escassamente inculturada, clerical, pouco laical e popular e ausente no meio dos pobres. O crescimento das seitas é sintoma do esgotamento de um modelo eclesial unilateral, estruturado em torno do polo cristológico e desatento ao pneumatológico (Cf. CODINA, 1997a, p. 112-114). Então, para o discernimento cabe à escuta, à docilidade, à crítica, à indignação,

mas, sobretudo, o reconhecer que o Espírito está agindo e fazendo acontecer o novo a partir de baixo, dos pobres.

Outro ponto que nosso teólogo acentua no caminho do discernimento é a necessidade de autocrítica. Em âmbito pessoal, é algo muito importante, mas, há que se ter a coragem de fazê-la, também, em âmbito eclesial, institucional, teológico. Diante do Espírito de Deus há que se experimentar a graça de sentir-se equivocado.

Ele assinala que para a Teologia da Libertação não tem sido fácil fazer uma autocrítica, seja pelo fato das diferentes correntes ou idiossincrasias de cada autor, seja porque essa Teologia tenha passado muito tempo se defendendo das críticas e perseguições que vêm de fora. Contudo, os teólogos reunidos em *El Escorial* em 1972, em 1992 e em encontros mais recentes, têm feito balanços significativos: o desafio de atingir as classes médias; o excessivo otimismo com a religiosidade popular; o pouco rigor científico por um lado, já em outro o discurso longe da realidade do povo; para alguns o descuido com o tema da cultura, embora se tenha feito um caminho de abertura ao Mundo dos Indígenas e Afro-americanos, a Problemática Feminina, o que exige ampliar as mediações teológicas que já não se circunscrevem ao âmbito sócio analítico. São sinais de discernimento no caminhar teológico na América Latina (Cf. CODINA, 1997^a, p. 115-117). Esses pontos elencados não deixam de ser sussurros do Espírito na História.

Nesse discernimento, ao longo do caminho vão aparecendo os sinais do Espírito de Jesus que suscita maior identificação com seus ideais: opção pelos pobres, denúncia do pecado do mundo, presença da cruz, do conflito e do martírio, criação de comunhão em todos os níveis, espiritualidade evangélica. Porém, há a exigência de um maior aprofundamento, diálogo, senso crítico, sinceridade não apologética, abertura para os novos contextos, etc. (Cf. CODINA, 1997a, p. 118).

Portanto, o discernimento do Espírito que age na pessoa, com suas emoções e decisões existenciais é fundamental para uma vida autenticamente cristã. No entanto é preciso alargar a dinâmica do discernimento para o âmbito eclesial, teológico e político-cósmico, pois aí também se tomam decisões para a vida da coletividade, que não de ser pautadas em valores que integrem, gerem vida, incluam, congreguem, pois é isso que faz o Espírito do Senhor: cria a diversidade e promove a comunhão. Discerne-se na força do Espírito, fundamentado nos valores do Reino trazidos por Jesus, tendo por finalidade a vida integral.

3.2 Os sinais dos tempos como impulsos do Espírito na História

O Concílio Vaticano II retomou a Teologia dos Sinais dos Tempos, entendidos como impulsos e dinamismos do Espírito que devem ser acolhidos e interpretados pelos homens e mulheres de hoje (GS 4; 11). Esse tema teológico não permite o estancamento da Igreja e, muito menos, inércia. Requer sensibilidade e maturidade, bem como ousadia e coragem para refletir e ser consequente com tal proposta.

Detectar e discernir os Sinais dos Tempos é tarefa da Igreja ante os homens e mulheres de cada tempo e lugar, pois são chamados a ver e interpretar a linguagem de Deus através dos sinais dos tempos. É o que diz *Gaudium et Spes* 44, quando fala que o mundo auxilia a Igreja. Ou seja, Deus não fala unicamente na e por meio da Igreja, mas no mundo, nos acontecimentos, nas pessoas, na história.

Este é um tema que tem raízes bíblicas e que pode ser compreendido semanticamente e metaforicamente, mas que exige atenção e abertura. É preciso ter olhar aguçado e esperançoso para saber reconhecer o Espírito de Deus nos acontecimentos da História, pois este se manifesta não só através da palavra, mas também dos fatos, no tempo. Paulo denomina esse tempo como *kairós*, ou seja, um tempo de graça, um tempo oportuno no qual se antecipam os últimos dias (Rm 13,11) (Cf. CODINA, 2010a, p. 218). Essa leitura atenta dos acontecimentos proporciona saída do fixismo e a quebra do enrijecimento a que muitas vezes o dado institucional condiciona.

João XXIII retoma esse tema já na bula de convocação do Concílio, *Humanae Salutis*, e na *Pacem in Terris*, e aponta alguns aspectos a que se deveria estar atentos: o fato de que os homens de nosso tempo tenham tomado plena consciência de sua dignidade, levando-os a intervir sempre mais no mundo da política, garantindo a inviolabilidade de seus direitos individuais; o desejo de melhorar as condições das minorias étnicas; a promoção econômica da classe trabalhadora; a convicção de que os conflitos não podem ter nas armas seu único recurso de resolução; a Declaração dos Direitos Humanos pela ONU em 1948; a incorporação da mulher na vida pública, etc. (Cf. CODINA, 2010a, p. 219). Trata-se, pois de acontecimentos na História, no Mundo, que têm sempre como pano de fundo a dignidade humana e como meta a concretização do Reino de Deus e a justiça entre os homens.

Há que se enxergar aí uma centelha da ação do Espírito que age para além dos muros da Igreja. Cabe-nos assumir a história de Deus e dos homens, pois o Espírito do Senhor enche todo o universo (Sb 1,7) e toca todas as realidades. A *Ruah* de Deus que pairava sobre as águas da criação (Gn 1,2), põe em marcha um universo inteiro.

A palavra Sinal indica aquilo que possibilita conhecer, reconhecer ou prever algo (Cf. HOUAISS, 2010, p. 717). E quanto ao tempo, tanto semanticamente quanto metaforicamente

está ligado à História, a fenômenos, a apelo de mudança. Remontando a um antigo costume romano, diz-se que eles tinham o hábito de dar nome aos ventos. Um vento que eles apreciavam era o vento *ob portus*. Ele levava os navios em direção ao porto e, por isso, foi chamado de Vento Oportuno. Daí a origem da palavra oportunidade. Metaforicamente, podemos dizer que o Vento do Espírito é um vento oportuno que conduz a História ao porto. O Vento do Espírito que soprou no Vaticano II possibilitou a Igreja ensejar nova rota. O Vento Oportuno sinalizou novos tempos.

Codina compreende os sinais dos tempos como aspirações profundas da humanidade que, apesar de às vezes estarem contaminadas por impurezas e erros, refletem a presença do Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 221). Ele toma essa chave baseado na *Pacem in Terris* de João XXIII, numa compreensão de que a Teologia deve ouvir a voz do tempo, apesar e além de suas ambiguidades. Dada a invisibilidade do Espírito, é mister ter em conta que sua ação se mescla de maneira sutil na contingência humana.

Em seu diário, referindo-se aos Movimentos na América Latina, diz que “é preciso fazer uma leitura teológica dos sinais dos tempos, ver a ação dinâmica do Espírito na História e ter muito presente a parábola do joio e do trigo” (CODINA, 2013a, p. 61)²².

Hernández, comentando o texto de Codina, enfatiza que além de se fazer uma leitura crente dos Sinais dos Tempos, há que se fazer uma leitura crente dos tempos como sinais, o que demanda assumir certas posturas teológicas tendo a revelação como autodoação de Deus em todo tempo e lugar (Rahner), e a “sacra-mentalidade do real” como transparência e remissão de toda a criação, revelando o Criador em seu agir constante (Cf. HERNÁNDEZ, 2013, p. 124). Enfim, é preciso ter a coragem de acolher a mensagem do Espírito para além de nosso estreitamento dogmático, pois Ele sopra onde quer (Jo 3,8).

O teólogo jesuíta questiona se, de fato, o Concílio chegou a afirmar que o grande sinal do nosso tempo é a ânsia por justiça e liberdade entre os povos e que os pobres e seus clamores são o critério de discernimento (Cf. CODINA, 1984, p. 101). A resposta é não, mas a proposta conciliar encontrou eco na sua recepção na América Latina. De forma criativa, no mais profundo do termo, o Espírito provocou um Pentecostes na América Latina, em Medellín. Os bispos souberam, nas estreitezas e possibilidades da época, ouvir os clamores do Espírito e dar um grito de natureza profética, que engendrou a Igreja Latino-americana.

É importante salientar que os dois elementos eclesiológicos e teológicos do Vaticano II que possibilitaram a recepção criativa do Concílio no Continente Latino-americano, foram a

²² “Es preciso hacer una lectura teológica de los signos de los tiempos, ver la acción dinámica del Espíritu en la historia y tener muy presente la parábola del trigo y la cizaña” (CODINA, 2013, p. 61).

Teologia da Igreja local e a Teologia dos Sinais dos Tempos (Cf. CODINA, 2019, p. 16). Sinais estes que se manifestam no “auscultar e discernir, à luz do Evangelho, as inquietudes e desejos profundos da humanidade, conscientes de que através deles se manifesta o querer de Deus, que, através do Espírito, guia a humanidade para a plenitude do Reino” (CODINA, 2019, p. 17). Sinais manifestados como Espírito de vida que está germinando, fecundando a História e fazendo uma coisa nova (Is 43,18-19), e isso numa Igreja local, uma Igreja que tem rosto próprio, que acolhe a mensagem do Evangelho na sua riqueza cultural própria. O Espírito incultura a mensagem do Filho.

Observar os sinais e os sintomas

Nosso teólogo lança um olhar sobre os acontecimentos no Continente da esperança e constata que só é possível compreender o caminhar da Igreja a partir de seus sinais e seus sintomas (Cf. CODINA, 2010a, p. 220).

Os sinais são a irrupção dos pobres, a abertura conciliar, os bispos comprometidos, um povo que cultiva a esperança em meio ao caos, etc. Os sintomas, que ele detecta como do mal e do antirreino, são as ditaduras, a dependência econômica, a alta taxa de mortalidade, os serviços básicos deteriorados, etc. De modo que o contexto vital, seu *Sitz in Leben*, vive um contexto de morte, um *Sitz in Tode* (Cf. CODINA, 2019, p. 20-21). Pois bem, é exatamente desse chão marcado pela dor e pela morte que o Espírito faz vivificar (Ez 37), faz pulsar a vida. É preciso ler os Sinais dos Tempos e reverter os quadros históricos que trazem a morte, a exclusão.

Os Sinais dos Tempos proporcionam novos lugares teológicos. A História não é mais lugar profano, é a história de Deus e dos homens. Por isso, de seu núcleo mais profundo há que se escutar os clamores do Espírito, há que se teologizar esta ação transformadora e vivificante.

Com esse acento pneumatológico levado a termo, Codina proclama um alargamento da Teologia, pois os pobres têm sexo, cultura, religião, idade, sabedoria, não são somente pobres, excluídos (Cf. CODINA, 2012a, p. 83). Neste sentido, a Teologia e, conseqüentemente, a Igreja, são instigadas a deixar-se transformar na dinâmica do Espírito e abrir-se às novas realidades, interpretando os Sinais dos Tempos e acolhendo as interpelações de hoje, que as leva à ação missionária e profética.

3.3 Do seio da história, os clamores do Espírito

Os tratados de Pneumatologia trazem sempre a temática do Espírito como pessoa intratrinitária que age nos indivíduos e na Igreja, com acento na hierarquia, como já mencionamos ao longo de nosso trabalho. No entanto, é preciso alargar um pouco mais a nossa tenda (Cf. Is 54,2) para termos uma compreensão mais integral, pois “a Pneumatologia Cristã não nos fecha na Igreja, mas nos lança na História” (CODINA, 1997a, p. 73). Nesse sentido, somos provocados a recordar que o Espírito age como:

uma força dinâmica, que a partir de dentro, tudo move para que se realize o projeto de Deus de justiça e fraternidade, sobretudo com os pobres, e que busca antecipar a criação de um novo Céu e uma nova Terra, onde haja harmonia e paz não somente interior, mas também cósmica. O Espírito dirige a História e a conduz à sua consumação escatológica (CODINA, 2010a, p. 217).

Não se pode continuar a reduzir a ação do Espírito às emoções interiores e à legitimação do Poder Sagrado na Igreja.

A história como lugar de Deus e dos homens

Codina recorda que a Teologia pré-conciliar tem uma dimensão dualista muito acentuada. Daí o fato do Vaticano II, especialmente na *Gaudium et Spes*, abandona essa postura para afirmar que Deus e o mundo não são dois rivais, mas diferenças que se amam. Isto é sinal de abertura e acolhida do Reino. O Mundo é obra de Deus e Deus é o mistério último do mundo; o mundo é sacramento de Deus e existe uma única história de salvação (Cf. CODINA, 2005, p. 94), de modo que a história, o cosmos, a criação e seu desenrolar são o lugar onde acontecem a vida e a salvação.

“A história está dinamizada por uma energia vital, divina que em tudo se orienta em direção à plenitude da vida, em direção ao que se chama Reino” (CODINA, 2016a, p. 23)²³, por isso vista como a evolução da humanidade ao longo de seu passado e presente, movida pelo Espírito que põe em marcha a vida, os acontecimentos. Aqui é fundamental perceber os ensinamentos da História. Esta compreendida não somente como uma sucessão e fatos isolados, mas antes como a possibilidade de ser sempre retomada e projetada. Ao dado histórico dos acontecimentos deve se acrescentar a dimensão escatológica.

Mais uma vez, a chave é a leitura e o discernimento dos acontecimentos à luz da Fé, pois há o risco de se cair na tentação de não reconhecer a presença do Espírito na História ou

²³ “La historia está dinamizada por una energia vital divina que todo lo orienta hacia la plenitud de vida, hacia lo que se llama el Reino”(CODINA, 2016a, p. 23).

de enganar-se, acolhendo algo que se pensa ser fruto do Espírito, mas que, na verdade, é engendramento da maldade humana (Cf. CODINA, 2010a, p. 227). E não custa recordar que a ação do Espírito acontece na história humana com todas as suas ambiguidades.

Ao ler os acontecimentos históricos é importante ter claro de onde partimos com nossa análise. Importante ter ciência de que lente se usa para ler os fatos de ontem e de hoje, de quais os jogos de interesses que movem a leitura que fazemos. E nos perguntarmos: a quem interessa as afirmações que fazemos e as ideias que defendemos?

Do ponto de vista da Teologia, olha-se a História porque se crê que pode ser teologizável, ou seja, lugar de relação entre Deus e os homens. Há porém um aspecto que não se pode esquecer: a História que conhecemos é sempre elaborada por pessoas de boa condição social, de formação intelectual regada de bons manuais e sempre se busca partir e afirmar a oficialidade e as instituições. O problema é que há outro lado da vida, vidas concretas de indivíduos e coletividades que não entram na oficialidade por sua posição étnica, orientação afetiva, cor de pele, condição social, etc. “Estes são hoje, na América Latina, os que Eduardo Galeano chama de ‘nadas’ e G. Gutiérrez de ‘insignificantes’; pobres, crianças, anciãos, mulheres, enfermos, índios e afro-americanos. Os que não significam nada para os grandes deste mundo” (CODINA, 2019, p. 64).

Os clamores do Espírito e as razões de nossa esperança

Eis um desafio para a Teologia, em especial para a Pneumatologia: fazer Teologia a partir dos insignificantes, de modo que se possa falar dos clamores dos pobres, dos excluídos, dos que não constam na oficialidade. No entanto suas próprias existências silenciadas e invisibilizadas são um grito, um clamor ante o Deus criador e justo. Clamor que nos remete à situação de sofrimento, choro, abandono, fruto da dor, do esquecimento, da atrocidade. “O choro da criança é seu primeiro sinal de vida, e o último suspiro humano é a expressão da morte. Toda a vida humana é anseio e insatisfação de desejos e necessidades, clamor elementar” (CODINA, 1993a, p. 211).

A Literatura Bíblica nos relata os clamores do povo a Deus e, ao mesmo tempo, sua condescendência com esse povo (Ex 3,7-10). No Novo Testamento, o clamor de Jesus na cruz é expressão de oração ao Pai, mas também da dor sofrida pela injustiça e atrocidade humanas.

No tocante ao Espírito, Codina nos recorda que ordinariamente a ação do Espírito se reveste de uma suavidade, leveza, silêncio. No entanto, não se pode esquecer de que este mesmo Espírito age de maneira tempestuosa, estrondosa, fazendo de sua ação não só sussurro, mas

clamor, grito, gemido, pranto, lamento (Cf. CODINA, 2010a, p. 236). Daí que nosso teólogo olha para a realidade da América Latina, para a realidade dos pobres, a partir de baixo, das situações mais escabrosas e ver os clamores do Espírito surgindo dos filhos e das filhas de Deus que foram criados para a vida, mas vivem em situação de morte. Deus, através de suas duas mãos, o Filho e o Espírito, proporciona um contexto vital, mas, o pecado o transforma num contexto de morte, de debilidade e negação da vida humana

Codina compreende o clamor como queixa contra a injustiça infligida, enfatizando que não se está falando só do ponto de vista biológico, como o choro de uma criança, é mais que isso. Refere-se ao clamor que brota de situações injustas não queridas por Deus, e através desse clamor dos injustiçados se crê na presença misteriosa, mas real do Espírito, pedindo justiça, direito, reconciliação e paz (Cf. CODINA, 2010a, p. 237). O Espírito, criador e alento de vida, o Espírito de justiça, age a partir de baixo, dos pequenos, dos insignificantes, clamando por suas vidas.

Quando olhamos para o texto sagrado, vemos do início ao fim um imenso clamor ao Pai por libertação de toda sorte. Esse clamor é denúncia do pecado, é petição de justiça, é configuração com o amor do Crucificado, é confiança em Deus. Como as “dores de um parto”, é sofrimento feito Oração no Espírito (Cf. CODINA, 2010a, p. 239). Ele enfatiza essa posição afirmando que

O Espírito é o único que pode unir a fé com a justiça social; é ele que faz experimentar o Mistério de Deus e o que suscita profetas. Sem Pneumatologia não há vinculação possível entre fé e justiça, entre fé e solidariedade com os pobres. O Espírito que reparte seus dons interiores é o mesmo que impulsiona a prática do direito e da justiça (Is 11,1-9) (CODINA, 2015, p. 38)²⁴.

O Espírito vivifica e sustenta os movimentos que lutam pela vida, especialmente dos mais pobres e sofridos. Ele continua clamando a partir da História, nos sinais dos tempos, no clamor dos povos, numa provocação constante à Igreja, que não pode ficar surda nem fazer-se indiferente à atração do Pai dos pobres. Este que é tido como a *Ruah* divina, Deus Pai-mãe dos pobres, e que ama a todos, mas especialmente os mais sofridos.

Novo Paradigma

²⁴ “El Espíritu, es el único que puede unir la fé y la justicia social; es el que nos hace experimentar el misterio de Dios y el que suscita profetas. Sin pneumatología no hay vinculación posible entre fé y justicia, entre fé y solidaridad com os pobres. El Espíritu que reparte sus dones interiores es el mismo que impulsa a la practica dele derecho y de la justicia (Is 11, 1-9) (CODINA, 2015, p. 38).

Ao longo da reflexão, Codina toma uma chave de leitura para compreender os ciclos de pensamentos e comportamentos humanos nos últimos séculos, o que ele chama de ilustração. Compreende-a em três etapas, sendo a primeira mais centrada na razão instrumental (Kant – o pensar, a técnica, o progresso); a segunda na razão militante (Marx, Ciências Sociais); e a terceira a razão simbólica (Lévinas, Habermas, Ricoeur – alteridade). Esta terceira etapa está centrada no Outro. A palavra Outro aqui refere-se ao Outro homem, mulher, cultura, gênero, religião, seres vivos, setores etários (jovens, etc), outras dimensões humanas (corpo, afetividade, sexualidade, outras orientações sexuais).

Ante as exigências atuais, é preciso ir além das análises sociais, econômicas e políticas e completá-las com a antropológica, cultural, de gênero, ecológica, religiosa. Completar as contribuições da razão ilustrada com a razão simbólica que é mais ampla e polissêmica (Cf. CODINA, 2109, p. 189).

Há um desdobramento das ciências, dos comportamentos humanos e há que se fazer nova hermenêutica teológica nessa nova realidade, o que Aquino Junior chama de esticar os horizontes, ou seja, reler a História na ótica do Espírito a partir das vítimas desse mundo, recriando vida e sendo solidário com todos (Cf. AQUINO JUNIOR, 2017, p. 9), especialmente com os crucificados da História que, na expressão de Paulo, são escândalos para muitos, mas sinal da presença salvífica de Deus (1Cor 1,18-25).

Na perspectiva da caminhada da chamada terceira ilustração, de abertura e acolhida do novo, é significativo retomar a compreensão de *Ruah*, o Espírito no Antigo Testamento. Na tradição patrística se compreendeu como Sopro vital e Palavra, estreitamente ligados. Etimologicamente, refere-se a sopro, vento, energia vital, vida, ânimo, ar em movimento, respiração, aquilo que sustenta a vida (Cf. CODINA, 2011b, p. 301). Este Espírito que conduziu a vida de Jesus e que a Igreja confessa como Terceira Pessoa da Trindade é o mesmo que converte nossa existência humana de individual a pessoal, e do pessoal ao comunitário e relacional, levando a uma existência em comunhão solidária com todos.

O Espírito cria pessoas para a comunhão, e não indivíduos isolados. Sua ação é personalisante, relacional e comunitária (Cf. CODINA, 2011b, p. 313). O Espírito transforma as realidades e as pessoas. Ele transfigura toda a criação e a sociedade em vista do Reino e nos incita a entrar em comunhão com a História, pois dela fazemos parte desde a criação. Mas isso requer discernimento dos sinais dos tempos na História, já enfatizado anteriormente, pois este Espírito age a partir de baixo, a partir da debilidade da carne e, muitas vezes, em meio à opacidade do pecado (Cf. CODINA, 2011b, p. 317). O Espírito é princípio de humanização e consequentemente de transformação de toda a humanidade, de toda a criação.

Codina apresenta alguns clamores de hoje que a Igreja deve estar atenta, percebendo aí as moções do Espírito: o clamor da razão, dos pobres, dos diferentes, da terra e do escatológico. O Espírito está sempre pronto a renovar a face da Terra. Cabe-nos a escuta, a acolhida e o discernimento.

Israel Silva, comentando o texto de Codina, assinala que “o clamor da razão se evidencia na diversidade de paradigmas surgidos, autonomamente, sem a tutela das hierarquias políticas, religiosas, familiares e universitárias. É o grito de liberdade das várias dimensões da vida que por muito tempo foram esquecidas” (SILVA, 2015, p. 44).

Neste ponto, é importante salientar que nosso autor faz um percurso passando da Razão Instrumental à Razão Simbólica. Compreende que o Concílio Vaticano II e a Teologia europeia agem ainda dentro de uma Razão Instrumental Moderna, ao passo que na América Latina, se quisermos compreender os clamores do Espírito, temos que pensar a partir de outra lógica. Daí a importância da Razão Simbólica que corresponde também ao que ele chama de terceira ilustração, no diálogo com a Cultura e com o Outro. Ele fala de Razão Simbólica como:

uma aptidão para captar sapiencialmente o último e definitivo da vida, o ser e o estar, diante do ter e do aparecer. Possui uma dimensão de integralidade e totalidade holística que supera toda dicotomia entre corpo e espírito, sujeito e comunidade, passado e presente, história e futuro. Saber integrar simbolicamente o que foi separado diabólicamente (CODINA, 1997a, p. 176).

É uma compreensão ou um exercício racional regido não só pela faculdade do pensar logicamente, mas do sentir, do viver. Trata-se de uma razão como uma posição cálida, terna, cheia de afeto diante da vida e sensível diante da dor alheia e, com isso, rompe todo individualismo egoísta, familiar ou partidário. Ver na realidade da vida um eixo de sentido que vai muito além do realismo plano ou equitativo, sem cair no idealismo desligado da vida (Cf. CODINA, 1997a, p. 176).

De modo que, enquanto houver um real que se quer impor como norma e valor, haverá o sopro do Espírito que age a partir de dentro, a partir da consciência para protestar. E não é uma função compensatória ou desesperada e alienada, mas afirmação clara do ser humano movido pelo Espírito. Codina chega a dizer que muito da Razão Instrumental Moderna busca se corrigir do racionalismo eficacista. E na América Latina, tudo tem um sabor diferente, mais austero, mais profundo, ligado à vida e à morte, sempre tão próxima (Cf. CODINA, 1997a, p. 177). Ou seja, parte-se de uma razão cordial, que brota da vida, do mito, do rito, da festa e que além dos conceitos que daí se possa elaborar, confere sentido à vida de fé.

O clamor dos pobres é na América Latina um clamor do Espírito, pois é clamor profético que pede justiça e se soma ao clamor de Abel, dos israelitas, dos desterrados na Babilônia, dos injustamente marginalizados e excluídos no tempo de Jesus (Cf. CODINA, 2010a, p. 247). Codina recorda que “não é fácil escutar o clamor do Espírito, que grita através dos pobres, por que não é um clamor tranquilizante, mas sumamente exigente, e muitas vezes conflitivo” (CODINA, 1997a, p. 96). Ouvir o clamor dos pobres exige purificar o coração e deixar o Espírito falar, e não extingui-lo por astuta conveniência.

Os pobres nos comprometem, e seus clamores, se forem ouvidos, descentraliza-nos, desinstala-nos. O autor destaca ainda que os movimentos sociais e políticos na América Latina têm uma peculiaridade. A chamada segunda ilustração, na Europa, levou a Revoluções Ateístas, e a Religião foi vista como ópio do povo; já do lado de cá do Atlântico, os movimentos trouxeram à tona o problema da pobreza e, em boa parte, foram liderados por cristãos, o que levou também a um impacto eclesial, conduzindo a uma verdadeira “eclesiogênese”. Uma Igreja em constante transformação. No dizer de Codina, uma Igreja mais nazarena, pobre, simples e pascal (Cf. CODINA, 2011a, p. 134). O Clamor dos pobres é sinal dos tempos, da realidade.

As Conferências do Episcopado Latino Americano (CELAM) assumiram uma posição profética, tanto por meio de pastores comprometidos com seu povo, como através de documentos que de tão lúcidos e corajosos provocaram reações e medo nos grandes e poderosos do campo político e eclesiástico. Assim os pobres são ao mesmo tempo a lembrança mais profunda do amor de Deus e a denúncia mais contundente de que deformamos o projeto do criador.

No entanto, esse povo não é só pobre. É diferente no sentido mais profundo do termo, pois o Espírito é o Espírito da diversidade. Deus Trindade cria a diferença para a comunhão. Mas aceitar, conviver e respeitar os diferentes é um exercício por vezes demasiado duro. Codina lembra que quando não se consegue eliminar o diferente pode-se ter duas atitudes extremas: ou se busca assimilá-lo e integrá-lo, reduzindo-o a si mesmo, levando-o à perda de sua identidade, ou afastá-los, excluí-los, precisamente por serem diferentes, um outro, diverso, estrangeiro (Cf. CODINA, 2010a, p. 262).

A diferença que é um dado, pode se transformar em fator de exclusão e negação do outro. Portanto, é preciso recordar que através do apelo dos “outros”, do clamor desses “diferentes”, está clamando o Espírito, pois ele respeita as diferenças e as particularidades (Cf. CODINA, 2010a, p. 263). É preciso passar da Teologia do clamor à Teologia do rosto (Cf. CODINA, 2010b, p. 169), rosto que é epifania da alteridade e que provoca reações. Rosto

interpelante: rosto da mulher negra, do indígena, da criança que não vislumbra um futuro digno, do morador de rua, etc.

Essa busca pela alteridade nos remete à pergunta do Gênesis: “Onde está o teu irmão?” (4,9). A nossa responsabilidade pelo outro é um imperativo ético e está no mais profundo da experiência religiosa judeu-cristã. Codina menciona o quanto foi desafiador para Paulo, no seu caminho de evangelização, abrir o Evangelho a outras culturas e como a experiência bíblica do exílio para os povos antigos foi momento de aprofundamento humano e espiritual.

As Narrativas Bíblicas são simbolicamente uma abertura desse povo do Senhor às novas realidades. Nessa memória que se faz memorial a Teologia Latino-americana tem aprendido a abrir-se a outras categorias mais antropológicas, culturais, religiosas, de gênero, etárias. Pois não se vive só de pão. É preciso flores, música, festa, abraços, bênçãos (Cf. CODINA, 2010a, p. 264-265). E tudo isso tem a ver com o Espírito que impulsiona, que move a partir de dentro, que cria a beleza e o diálogo com o diferente.

Nosso teólogo jesuíta, ainda no âmbito das diferenças como lugar de clamor do Espírito, aponta a realidade das mulheres, das culturas “diferentes”, das outras religiões não apenas como objetos de opressão, mas como sujeitos ativos, como novas propostas e novos paradigmas. São lugares humanos teológicos de grande riqueza, que oferecem opções alternativas às tradicionais (Cf. CODINA, 2019, p. 189-190).

Ante essas realidades, Codina propõe que se elabore cada vez mais, uma Pneumatologia a partir da América Latina que confesse as duas mãos do Pai, que reconheça que o Espírito de Jesus tudo penetra e age a partir de baixo, a partir do clamor dos pobres e pequenos, no meio da noite e no caos, buscando engendrar vida, a de cada dia e a eterna. Uma Pneumatologia mais feminina, mais popular, mais inter-religiosa, missionária, holística (Cf. CODINA, 2016a, p. 30). Uma Pneumatologia Integral e Integradora, pois o Espírito do Senhor cria e recria a todo instante o universo com todas as suas particularidades.

Em seu livro *Una Iglesia Nazarena*, Codina propõe uma compreensão mais Pneumática da Igreja e adverte que

sem Espírito caímos no moralismo, ritualismo, dogmatismo. Nem a liturgia, nem a ética, nem a doutrina são suficientes. É preciso viver uma experiência mística. É preciso iniciar a Mistagogia da experiência espiritual, porém uma Mistagogia que leve à justiça e à profecia do Reino, ao seguimento de Jesus. Justiça Social sem fé é ética; fé sem justiça converte-se em Ideologia. É necessário unir estreitamente (fé em Deus) e a profecia (práxis da justiça), a Pneumatologia e a Cristologia (CODINA, 2010b, p. 39)²⁵.

²⁵ “Sin Espíritu caemos en moralismo, ritualismo, dogmatismo. Ni la liturgia ni la ética ni la doctrina son suficientes; es preciso vivir una experiencia mística. Es preciso iniciar a la mistagogia de la experiencia espiritual,

Ele propõe, então, uma leitura da ação do Espírito com uma tônica de Abertura Dialogal, especialmente com as culturas emergentes:

esta Pneumatologia não poderá ser essencialista, abstrata, neutra ou a-histórica, mas estará afetada pelo clamor do Espírito que, com seus gemidos, clama por justiça, libertação de toda escravidão, e intercede ao Pai por nós, a partir de um mundo que padece dores de parto (Rm 8,15.22-23.26). Será necessariamente, portanto, uma Pneumatologia Profética do Espírito que ‘falou pelos profetas’ (CODINA, 2010a. p. 7).

Trata-se de uma Pneumatologia com sabor de libertação, e que alarga os horizontes. Nosso teólogo jesuíta faz Teologia a partir de sua experiência de vida e de fé. É testemunha da ação criadora, salvadora e libertadora do Espírito na vida do povo, nas culturas, na história. Faz uma releitura da história percebendo aí a ação do Espírito. Ante uma realidade eclesial e teológica muitas vezes rígida e fechada, o Espírito suscita o novo, está sempre a nos surpreender.

pero una mistagogia que lleve a la justicia y a la profecia del Reino, en seguimiento de Jesús. Justicia social sin fe es ética; fe sin justicia se convierte en ideología. Hay que unir estrechamente la mística (fe en Dios) y la profecia (práxis de la justicia), la Pneumatologia y la Cristologia” (CODINA, 2010b, p. 39).

III CAPÍTULO

PECULIARIDADES, PERSPECTIVAS E APRECIÇÃO CRÍTICA

No capítulo anterior, apresentamos a Estrutura da Pneumatologia de Victor Codina, enfatizando a ação conjunta do Filho e do Espírito como as duas mãos do Pai na obra da salvação. Seguindo o estilo do autor, sempre num tom narrativo e simbólico, buscamos explicitar a ação do Espírito na pessoa, na Igreja e no mundo, tendo por fio condutor a afirmação de que o Espírito age a partir de baixo.

Neste terceiro capítulo, apresentamos algumas peculiaridades e perspectivas da Pneumatologia apresentada pelo autor. Faremos também uma apreciação crítica do autor e da temática abordada e apresentaremos alguns aspectos relevantes à teologia atual.

1 Peculiaridades de uma Pneumatologia “a partir de baixo”

Nas Faculdades de Teologia, em geral há disciplinas de Cristologia e Trindade, mas raramente de Pneumatologia, apesar da reflexão sobre o Espírito ter sido objeto de concílios desde os Primeiros Séculos do Cristianismo. Embora tenha sido percebido o déficit pneumatológico no Ocidente, muitas vezes, fica-se na pura constatação.

Porquanto que o Espírito continua sua obra, urge a pergunta: que é possível fazer para contemplar a problemática supracitada? Ora, Ele está sempre agindo, vivificando, porém sua ação deve ser tematizada e teologizada.

Na América Latina parece claro que o Espírito agiu e age não a partir do poder, nem do centro, mas a partir de baixo, da periferia, da impotência, dos últimos (*eschatoi*), da noite escura e do caos, dos crucificados da História (Cf. CODINA, 2019, p. 43). Tendo em conta esse dado, apresentamos alguns aspectos do pensar teológico de Victor Codina, na área da Pneumatologia, numa Perspectiva Latino-americana. Contudo, é importante deixar claro de antemão para quem (ele) está fazendo Teologia e com que finalidade.

Como é próprio na Teologia Latino-americana, o teólogo tem um pé na Academia e outro na Pastoral (Cf. CODINA, 2013a, p. 273). O tempo de aprofundamento e pesquisa se completa com a vida de fé concreta do povo em seus conflitos, suas lutas e festas. Nosso teólogo não demonstra preocupação unicamente em corresponder aos anseios de uma Teologia Progressista ou meramente Acadêmica, nem tão pouco se preocupa tão somente legitimar sistemas, mas fazer da Teologia um conhecimento frutífero que chegue aos corações das

pessoas e lhes ajude a viver. Suas intuições teológicas estão a serviço do Reino, que tem os pobres como preferidos.

Tendo em conta esses aspectos queremos refletir nesse ponto sobre: a chave hermenêutica “a partir de baixo” que o autor adota para falar da ação do Espírito a partir de uma realidade, a linguagem assumida com um propósito mais narrativo que simbólico, e o desafio das mediações na reflexão teológica.

1.1 “A partir de baixo”

O primeiro aspecto que destacamos é o fato de nosso autor tomar o “a partir de baixo” como uma chave hermenêutica para a sua *Leitura Teológica da Ação do Espírito Santo*²⁶. Em geral, os *Manuais de Teologia*, ao tratar da Pneumatologia, o fazem sempre em referência à Trindade e à sua presença e eficácia nos Sacramentos, etc.

Codina, num passeio pelas produções em torno da Pneumatologia no Pós-Vaticano II, especialmente na Europa, questiona-se se de fato esta tem sido sensível à ação do Espírito a partir da base, da margem, dos pobres (Cf. CODINA, 2019, p. 156). Sua conclusão é que não.

Mesmo que identifiquemos proporcionalmente um déficit pneumatológico no Ocidente, houve considerável produção sobre o terceiro artigo do credo, sobre espiritualidade e graça, sobre a importância do Espírito para a Cristologia e Eclesiologia, bem como também ocorreu a elaboração propriamente de uma Pneumatologia Sistemática. No entanto, mesmo com esses dados, o autor assegura que sem exageros é possível afirmar que não existe nessa produção uma abordagem real entre a Pneumatologia e os pobres. Isto é, não se tem uma reflexão consistente sobre como o Espírito age a partir da base da Igreja e da Sociedade. Concomitante a isso, não há uma clara *Leitura dos Sinais dos Tempos* como Sinais da Presença do Espírito na História (Cf. CODINA, 2020, p. 157-158).

O termo “a partir de baixo” não remete somente a uma posição geográfica ou dimensional, mas teológica. Codina afirma que “acima” e “abaixo não tem só uma conotação local, mas também social, econômica, política, sexual, étnica, ecológica, cultural e religiosa”²⁷,

²⁶ É importante ressaltar que Codina não é o primeiro a articular uma reflexão sobre o Espírito Santo a partir da América Latina. Encontramos autores com elaborações muito significativa e com quem ele manteve diálogos, por exemplo José Comblin, a quem já mencionamos. No entanto, a chave hermenêutica “a partir de baixo” e a ênfase na volta ao justo equilíbrio entre Cristologia e Pneumatologia são marcas de sua produção.

²⁷ A citação é datada de 22 de janeiro de 2018 e foi extraída do site Amerindia, no qual o autor mantém um blog, no qual posta regularmente suas reflexões. Este não possui paginação, somente o ano. “Los adverbios “**arriba**” y “**abajo**” no solo tienen connotaciones locales sino también sociales, económicas, políticas, sexuales, étnicas, ecológicas, culturales y religiosas”. <https://amerindiaenlared.org/contenido/12053/desde-arriba-desde-abajo/>. Consulta feita no dia 23 de outubro 2020.

ou seja, o Espírito age desde as situações de morte, de pobreza, a partir do mais profundo da História.

Em sentido geográfico e não menos teológico, é uma Pneumatologia pensada a partir da realidade Latino-americana e mais especificamente a partir e em vista dos pobres. O Espírito, Pai dos pobres, que faz justiça aos pequenos, age a partir da base fomentando nos pequenos a luta por justiça e vida.

Partindo desse local concreto, pode-se discernir como o Espírito agiu e age claramente nas situações de precariedade e que, embora chame todos a contribuir para o trabalho do Reino, sempre o faz na perspectiva dos excluídos e em favor deles²⁸. Essa leitura, mais Histórica e Narrativa que Metafísica e Conceitual, é possível graças à retomada da Teologia dos Sinais dos Tempos feita pelo Concílio. Tal abertura proporcionou uma compreensão da ação do Espírito não só na pessoa e na Igreja, mas no Mundo e na História. Pois, mesclado à contingência humana, o Espírito impulsiona a ação onde clama a vida como força transformadora da realidade através dos pequenos.

1.2 Uma linguagem mais narrativa e simbólica

Outro aspecto que pensamos ser peculiar ao autor é a Linguagem Narrativa e Simbólica. Ele tem desenvolvido sua Teologia com Categorias muito mais Simbólico-imagéticas e de Forma Narrativa que Conceituais e Sistemáticas. Não renega esses últimos, mas busca, além de apresentar uma perspectiva significativa, travar um diálogo com as Culturas Latino-americanas que têm, em suas tradições, simbolismos ricos de sentidos. Adverte que não se pode identificar a Teologia unicamente com Teologia Ocidental Greco-latina (Cf. CODINA, 2010b, p. 194), pois o Espírito fala em todas as línguas e culturas, é força dinamizadora no simbólico de cada povo.

No diálogo com as culturas, é importante resgatar sempre o dado narrativo. Diferente de outras formas literárias, na Teologia, a narração é o relato de algo histórico, da História da Salvação (Cf. CODINA, 2010b, p. 196). Há que clarificar que o Cristianismo não é, primeiramente, uma comunidade de argumentação, mas uma Narrativa-testemunhal que não busca transmitir só informações, mas convicções, força vital, que tem uma finalidade salvífica e que é aberta ao futuro (Cf. CODINA, 2010b, p. 197). A Igreja, como comunidade

²⁸ <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1316>. Consulta feita no dia 24 de outubro de 2020.

comunicante o faz de Forma Narrativa, e não cessa de retomar o relato de sua própria História. História essa que vai se atualizando através da Leitura dos Sinais dos Tempos.

Entranhada na Teologia Narrativa, está a presença misteriosa do Espírito, que conduziu o povo de Israel e a vida de Jesus, que o ressuscitou e fez a surgir Igreja, e continua guiando-a até a Escatologia. A força dos relatos teológicos não provém do valor linguístico da narrativa literária, mas da força do Espírito. Por isso na eucaristia, o relato da última ceia está precedido e acompanhado pela invocação epiclética ao Espírito. A teologia narrativa é cristológica em seu conteúdo e pneumática em sua forma (Cf. CODINA, 2010, p. 198). Assim é o Espírito de quem garante a verdade destes relatos, convertendo-os em vida aos ouvintes e os lançando na dinâmica da missão em direção ao futuro.

Codina insiste no resgate da dimensão simbólica. Não se pode afirmar que a religião, em si, não trabalhe com a Dimensão Simbólica, bem como a Teologia, mas o que ele insiste é que se tem muito mais desenvoltura em torno do conceito, da fórmula, da razão instrumental do que dos ritos, símbolos e narrativas. Nesse sentido, é sempre importante recordar a riqueza simbólica, ritual e mística que têm os povos latino-americanos (Cf. CODINA, 2010b, p. 193), e que a Teologia não pode deixar de lado, pois aí é também manifestação do Espírito.

Ele se questiona se a apatia que muitos estudantes têm nas aulas de Teologia não estaria ligada a ter que aprender conceitos e normas, que não têm significados em suas vidas, dado que sua raiz e formação cultural e, portanto, vital é construída a partir de outros referenciais (Cf. CODINA, 2010b, p. 195). Não significa deixar de lado os ensinamentos cristãos, mas criativamente encontrar outros meios para resignificá-los e incrementar com as culturas locais. Aqui estaria o ponto de intersecção de uma Teologia Simbólica, Narrativa e Mistagógica.

Nesse sentido, é importante recordar que Jesus nunca explicou o que é o Reino de Deus, mas contou parábolas e fez milagres (Cf. CODINA, 2010b, p. 195). A Igreja, no Vaticano II, também valeu-se muito mais de imagens para falar dela mesma do que de conceitos, por exemplo, *Lumen Gentium* não é um conceito, mas uma imagem do que a Igreja deve ser no Mundo.

Nosso autor, remetendo a H. de Lubac, recorda que o mesmo, ao falar da passagem da Teologia Patrística à Escolástica, dizia que passou-se do Simbólica à Dialética (Cf. CODINA, 1997a, p. 31). Codina propõe um resgate do simbólico em diálogo com a dialética. E nesse, busca recuperar o Simbolismo Cósmico, Ecológico e Holístico, ligado à natureza, para depois ir iniciando-se nos Símbolos Históricos que são o núcleo dos Sinais dos Tempos (Cf. CODINA, 2010b, p. 194). Essa passagem e abertura é a porta do Espírito, que penetra toda a realidade. Espírito criador, vivificador.

Acrescente-se a isso a Dimensão Mistagógica da Teologia. Nosso autor fala em Teologia como uma sapiência, uma Ciência da Salvação. As narrativas da relação entre Deus e seu povo. É preciso contar a história de Deus e dos homens, pois segundo um Provérbio Hebraico os contos não são para fazer as crianças dormir, mas para fazer despertar os adultos, fazê-los pensar (Cf. CODINA, 2010b, p. 194).

Isso nos parece um salto muito significativo, pois, ao mesmo tempo, em que reconhece a frieza de uma Teologia assentada em abstrações ou em uma leitura alienante sobre o Espírito e sua ação, abre diálogo com as culturas latino-americanas e com todo seu simbolismo e reconhece já aí a ação do Espírito. Leve-se em conta ainda o arcabouço bíblico-semítico sobre as manifestações do Espírito, que é muito mais imagético e metafórico que conceitual ou filosófico.

1.3 O Desafio das mediações

Outro aspecto que nos parece significativo é o fato de nosso teólogo, mesmo fazendo uso das Mediações Sócio-analíticas, Sócio-hermenêuticas, Práticas e reconhecendo sua devida importância, afirmar que elas não são suficientes para uma leitura mais propositiva e complementar hoje. É necessário alargar a reflexão, pois os pobres não são só pobres, mas são homens, mulheres, negros, indígenas, homossexuais etc. (Cf. CODINA, 2019, p. 189). De modo que, por mais que queiramos ir às raízes dos problemas sociais, confrontando-nos com as situações de pobreza e violência, numa Leitura Analítica e Sociológica, não se pode esquecer a dimensão da vida cotidiana.

É necessário pôr em diálogo Antropologia e Pneumatologia. Completar as contribuições de uma razão ilustrada com as da razão simbólica, pois esta é mais ampla e polissêmica (Cf. CODINA, 2019, p. 189). Primeiro, como busca de superação dos velhos dualismos. Depois, por que esse diálogo proporciona abertura. Codina fala da “terceira ilustração” na qual a Hermenêutica, a Fenomenologia, a Razão Simbólica e Intuitiva, a Filosofia da Alteridade, apresentam elementos e recursos que proporcionam o diálogo, a acolhida, a inclusão.

E, quando se toma essas chaves de leitura, percebe-se que a partir do aparente insignificante, dos espaços e situações tornados lixeira humana da história, o povo é capaz de fazer poesia, cultivar a fé através da devoção popular, criar e cantar músicas que falam da vida e das lutas organizar-se para lutar por melhores condições de vida, denunciar as injustiças, chorar seus mortos, preservar suas culturas milenares. E tudo isso envolvido numa mística que acompanha sua vida e suas lutas. É o Reino de Deus acontecendo, e Este não pode ser definido

apenas a partir de Cristo, mas também do Espírito que age na História (Cf. CODINA, 2019, p. 193). O Espírito está agindo a partir das situações mais inusitadas dos grupos humanos.

A Teologia da Libertação deu grande impulso a essas temáticas a partir da América Latina, conjugando a dinâmica da revelação com a vida sofrida dos pobres, os preferidos de Deus, porém o autor faz um alerta:

“A Teologia da Libertação precisa completar sua Cristologia e sua Eclesiologia com a Pneumatologia. Do contrário, pode cair em certo voluntarismo moralista, em Ideologia que, com o tempo, acaba por desfazer-se e esvaziar o conteúdo da mensagem evangélica” (CODINA, 2019, p. 194).

Essa Teologia, que é uma verdadeira experiência espiritual, ou seja, um fruto da dinâmica do Espírito na América Latina, precisa continuar sua missão e investigação, porém, há que avançar sempre mais, e aqui o complemento é pneumatológico.

Codina enfatiza que os temas da Ecologia e da mulher serão os novos desafios sobre os quais a Teologia deverá debruçar-se juntamente com o tema inalienável da pobreza (Cf. CODINA, 2019, p. 180). Nesse ponto, é preciso enfatizar o sentido positivo da vida. Não se quer enfatizar o conformismo, mas antes perceber que os pobres vivem apesar e além da pobreza. Entre eles há solidariedade, há partilha, se faz festa e chama a vizinhança, se reza, se vai às procissões, faz-se mutirão para ajudar os demais. Sinais do Reino acontecendo, e isso é dado pelo Espírito que lhes confere certa conaturalidade com o Reino de Deus, abre-lhe os olhos do coração para que possam compreender o que os sábios que confiam em sua própria sabedoria não conseguem captar (Cf. CODINA, 2010b, p. 52).

2 As perspectivas de uma pneumatologia pensada a partir do reverso da história

Apontar perspectivas é, em certo sentido, apontar caminhos. Assim o faz Codina, pois não cria algo totalmente novo, mas abre espaços, para gerar processos, ver novos horizontes, novas possibilidades. E o faz ouvindo o que o Espírito diz às Igrejas (Ap. 2, 7).

Em seus últimos livros, *O Espírito do Senhor: força dos fracos* e *Sueños de un viejo teólogo*, deixa intuições, perspectivas e sonhos de como e por onde deveriam caminhar a Teologia e, mais especificamente, a Pneumatologia. Suas proposições sempre em sã comunhão eclesial, porém buscando ver pelo outro lado da História, a partir de baixo, pelo reverso, unem densidade e sentido. Ele é cuidadoso no melhor sentido da palavra e dele se pode parafrasear o que diz Adélia Prado “No meu caminho apócrifo de entender a palavra pelo seu reverso, [...] não falo aos quatro ventos, porque temo os doutores, a excomunhão e o escândalo

dos fracos (Cf. PRADO, 2014, p. 63). As perspectivas que nos deixa são simples, profundas e projetivas. Suas proposições estão sempre permeadas pela memória, atualização e esperança.

2.1 Uma Igreja mais pneumática

A primeira perspectiva é de uma Igreja mais pneumática, mais dócil ao Espírito. Com o autor, recordamos que, ao longo da História da Igreja, encontramos, no primeiro milênio, um Cristianismo respirando com os dois pulmões – Oriente e Ocidente – e sentia-se na sua Teologia e vivência maior abertura e influxo do Espírito. No segundo milênio, a Igreja no Ocidente, tornou-se, jurídica e impositiva (Cf. CODINA, 1997a, p. 34). No terceiro milênio, graças ao Concílio, a Igreja latina tem dado grandes passos de abertura e é cada vez mais compreendida como Universal, Católica. Seus sinais de vitalidade missionária e profética vêm do Sul do Mundo. Codina afirma que

em último lugar, esta Pneumatologia a partir de baixo tem consequências eclesiológicas que implicam nova imagem e novo estilo de Igreja, pobre e dos pobres, solidária, sinodal, descentralizada, que cure feridas, ultrapasse as fronteiras, tenha odor de ovelhas, cuide da criação, não tenha medo da ternura; que viva o jubilo e a alegria do Evangelho, que reverencie tudo o que de positivo existe nas religiões, que respeite as consciências, que não tenha medo da novidade do Espírito (Cf. CODINA, 2019, p. 212).

Como figura expressiva dessa Eclesiologia temos o Papa Francisco, que além de ser de fora da Europa, é o primeiro Papa que não participou do Concílio e que tem no seu projeto uma retomada da dinâmica conciliar, seja em levar a cabo os processos ali iniciados, seja em descortinar intuições no espírito do Concílio. A Igreja Pós-conciliar abre-se a ação do Espírito e põe-se como servidora, numa dinâmica de acolhida, de escuta, de diálogo. Deixando lentamente o triunfalismo, a arrogância de uma Igreja poderosa para ser sinal sacramental, luz dos povos, uma alegria e esperança. O Espírito não a fecha em seu mundo, mas a lança na realidade histórica para ser sinal.

Tal qual nas Narrativas Bíblicas, o Espírito se serve de gente simples e imperfeita, de jovens e de anciãos, para manifestar seus desejos de reforma, de renovação e para transfigurar a História. De modo que todos somos necessários neste esforço em construir uma nova terra e um novo céu, onde não existe o mar do **caos** e da morte, no qual torne-se realidade o amor, a justiça e a paz (Cf. CODINA, 2017, p. 188).

É inegável que vivemos em tempos do Espírito, pois há uma ânsia por espiritualidade, há como que uma inquietação carismática, e as pessoas vão buscar em todos os lugares.

Podemos até atualizar o que diz Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*: “Vivemos na Igreja um momento privilegiado do Espírito” (n. 75). Sinais disso são a busca pela vida religiosa contemplativa, a consolidação da Renovação Carismática, avanço do Pentecostalismo em suas múltiplas expressões e a procura em geral por mais oração e interioridade.

De modo que a reposta ou proposta da Igreja tem que ser muito mais pneumática em sentido místico, profético-ético e cósmico (Cf. CODINA, 2012a, p. 80-85). Uma Igreja do Espírito Santo e não apenas do Cristo “segundo a carne”, será mais alento que eficiência, mais intuição que instituição, mais carisma que poder, usará mais o Evangelho que o direito, recordando que o direito foi feito para ajudar o Evangelho e não substituí-lo. Por isso, mais amor que lei, mais comunhão que formalidade, mais comunidade que sociedade.

2.2 Uma Teologia mais mística e profética

A segunda é quanto a uma Teologia mais Mística e Profética que contemple a beleza, a diversidade, o encontro e na qual a diferença é uma riqueza, um dom do Espírito. Codina, questionado se é possível fazer Teologia hoje, é otimista e diz que sim. No entanto, não basta uma Teologia do *Denzinger*, dos Documentos do Magistério, mas insiste em vários escritos que é necessário elaborar uma Teologia mais mistagógica, simbólica, narrativa, maiêutica, que nasça da práxis e a ela conduza (Cf. CODINA, 2010b, p. 191-201).

Olhando o conjunto da Literatura Teológica que o autor apresenta e seu caminho para uma Pneumatologia Complementária, pensamos ser significativo que a Teologia, sendo fiel a sua própria natureza e se quiser falar ao mundo de hoje, deve ser bonita e conter vida, pois assim poderá nos libertar da Patologia do Funcional e abrir-nos aos espaços luminosos da grande beleza que liberta e deleita. Não basta falar à razão, é preciso falar à sensibilidade (OT 16, 32).

Nosso autor produz uma Teologia simples e bonita. Tomando o paradigma cultural, baseado na razão simbólica, proporciona um diálogo entre as afirmações da fé cristã sobre a presença do Espírito e a Cultura Latino-americana (Cf. CODINA, 1997a, p.161-184).

Alguns de seus livros são organizados como uma sinfonia, contendo prelúdio e interlúdio (Cf. CODINA, 2010b, p. 56). No intuito de ir mais adiante, lança mão da Literatura Latino-americana, visando as narrativas ensaiadas em forma de testemunho para afirmar que a solidariedade vivida com o pobres no continente da esperança não é só com seus anseios de justiça e libertação, mas também com suas culturas e aspirações utópicas, com sua religiosidade (Cf. CODINA, 1997a, p. 184). Para tal, dialoga com Gabriel Garcia Marques sobre os Cem

anos de solidão, com Alejo Carpentier sobre o povo haitiano com suas raízes na África e ainda com Miguel Angel Asturias com as Lendas da Guatemala (Cf. CODINA, 1997a, p.177-184). O Espírito penetra a cultura e a faz fonte de vida e sentido.

Também quando propõe uma Igreja mais nazarena que davídica, busca valorizar os vários acontecimentos da fé na comunidade eclesial, a cultura do povo, o local onde o povo se encontra. Faz Teologia a partir da praça, do campo, do mercado (Cf. CODINA, 2010b, p. 182), buscando a partir daí, do cotidiano, encontrar os Sinais do Reino e apresentá-los. O Espírito faz nascer a beleza no pobre, no pequeno, no cuidado e na solidariedade que uns tem para com os outros. Afirma que “a Teologia Latino-americana foi elaborada quase que exclusivamente com critérios da Modernidade Ilustrada. Está na hora de elaborá-la a partir da própria razão simbólica de forte raizame latino-americano” (CODINA, 1997a, p. 185). É preciso aprofundar na dimensão da beleza que nasce daquilo que faz e dá sentido à vida, e neste continente há que se levar em contas as culturas originárias.

Poder-se-ia até falar em uma Estética Teológica que nasce da experiência do Espírito na base e inspiraria uma Ética Social, com incidência na política, na vida concreta das pessoas porque a pobreza, a exclusão, as violações e violências são feias e antiestéticas e são, sobretudo ante-evangélicas. O espetáculo do mundo não é um jogo trágico, de morte e desigualdade, mas um jogo belo que se manifesta em sua atitude lúdica de celebração e participação. É a beleza gerada pelo Espírito, aquele que pairava sobre as águas da criação, a divina *ruah* que penetra os processos históricos e como força ativadora de Deus no mundo faz nascer a justiça. Assim, o futuro e incidência de uma Estética Teológica em nossa sociedade dependem, em boa medida, de uma Estética que nasça da Ética, pois o feio se vende mal. A beleza e a justiça de Deus fascinam, cabe-nos saber apresentá-la ao mundo.

2.3 O Espírito que alimenta e conduz à esperança cristã

A terceira perspectiva diz respeito à Escatologia. Nossa fé no Espírito não se limita a sua ação na Igreja, mas se abre à transfiguração de toda a criação e à comunhão dos santos. A esperança cristã é sustentada e consumada pelo Espírito do Senhor.

Ao longo da história, os profetas são aqueles que antecipam essa dimensão escatológica, vivendo no já da História as promessas de Deus. Nesse sentido, caminhamos sempre para o oitavo dia (Cf. CODINA, 1997a, p. 215). A criação continua acontecendo, a salvação continua acontecendo. Assim, pensamos ser algo de tamanha importância pensar a Escatologia com a Pneumatologia. Sem esquecer a tensão escatológica do “já” e “ainda não”, recordamos que o

Espírito está aqui e ali, mas está sempre além. Ou seja, na parcialidade da História já experimentamos a vida de Deus graças a força do Espírito.

Olhar o horizonte não nos tira da realidade, mas nos ajuda a viver já aqui a antecipação do Reino de Justiça e Bondade que Deus tem para cada um. O Espírito criador e vivificador é também consumação da História e nos proporciona a antecipação escatológica, pois ele é presença do definitivo na História e Fermento de Escatologia no presente (Cf. CODINA, 1997a, p. 215). Ante tal compreensão, falamos em esperança ativa. A esperança cristã não é algo passivo, que vê o mundo acontecendo e não se encarrega dele. O Espírito que Ressuscitou Jesus e que nos ressuscitará, e que já habita em nós, vai fermentando o tempo presente com as sementes do Reino Definitivo. De modo que a História já é lugar de antecipação escatológica graças ao Ressuscitado e a Força do Espírito.

A História é lugar de transfiguração, ou seja, na força do Espírito tudo vai sendo transformado na própria figura do primogênito de Deus (Cl 1, 15). A Pneumatologia não pode prescindir da perspectiva escatológica, cujo início é a transfiguração (Cf. CODINA, 1997a, p. 218) de toda a realidade. Os pobres em suas lutas já experimentam a vida do Reino. Codina é enfático ao afirmar que por força do Espírito do Senhor, podemos transfigurar o presente e transformá-lo em antecipação do Reino definitivo de Deus, ainda que de forma parcial, limitada e pobre. Pois, a Terra e a História podem ir se transformando em sinal, símbolo, fragmento, sacramento e figura do Reino de Deus (Cf. CODINA, 1997a, p. 220).

A Iniciação cristã é uma iniciação de transfiguração. Ir transformando a própria figura na figura de Cristo, na força do Espírito. E tal qual a iniciação, essa transfiguração é urgente, e na América Latina o fruto da transfiguração é a libertação, que no Espírito atinge seu pleno sentido: a transfiguração para o Reino de Deus, pela força do Espírito (Cf. CODINA, 1997a, p. 222).

Uma expressão dessa antecipação escatológica são os mártires. Codina, em toda sua elaboração, faz memória dos mártires da América Latina. Numa Igreja que deixa de ser reflexo para ser fonte no pós-Vaticano II, e que entre tantos frutos do Espírito, encontram-se os mártires, é uma Igreja dócil ao Espírito que foi derramado sobre toda a carne (At 2, 17). “A Escatologia Latino-americana tem nos mártires um ponto crucial de apoio” (CODINA, 1997a, p. 225). Homens e mulheres, membros dos vários Ministérios na Igreja, bem como aqueles, que mesmo não confessando explicitamente a fé cristã, entregaram suas vidas pela causa dos pobres.

Oscar Romero, Ellacuria e seus companheiros da UCA, Girard, Espinal, Angelelli, Doroty, Margarida, Santos Dias, Josimo, Ezequiel, Tito, Galdino, Adelaide foram tomados por uma força testemunhal intensa, mostrando que o amor cristão não é um mero sentimento, por

mais significativo que seja, mas uma decisão existencial na força do Espírito, capaz de levar até as últimas consequências. O Espírito é que proporciona o Kairós, o tempo de Deus no qual a fé é como um pássaro que canta quando o nascer do sol ainda está escuro. Por isso a fé e a teologia devem escutar a voz do tempo. Pois, tal qual nos diz Jeremias “eis que estou fazendo uma coisa nova” (Jr 43, 19), é preciso redescobrir as utopias, alimentar os sonhos e promover a transformação da realidade.

É preciso olhar a realidade a partir da Intuição do Evangelho e assim, na força do Espírito sedimentar uma esperança ativa. E aí o anseio escatológico de plenitude será visto com o parcial e o provisório de nossas realizações (Cf. HERNÁNDEZ, 2013, p. 127).

No dia 04 de fevereiro de 2007, Codina transcreve um parágrafo escrito por seu companheiro jesuíta Benjamín Gonzáles Buelta que nos parece iluminador para resumir esse tópico. Diz ele: “Este é o nosso desafio contemplativo, o dom inalcançável que esperamos: descobrir a infinitude no fragmento, a utopia no germinal, a unidade no diferente, o ilimitado no limite, o espírito na matéria e a eternidade no tempo” (Cf. CODINA, 2013a, p. 315). É necessária uma profunda experiência do Espírito para ver e trabalhar por um mundo melhor. É preciso ter o olhar escatológico.

3 Apreciação crítica e relevância do autor e da temática abordada

Os discursos teológicos ganham plausibilidade quando evidenciam aquilo que afirmam. Assim, ante a proposta de Codina faremos uma breve apreciação crítica do autor e da temática por ele abordada, apresentar alguns interlocutores, bem como alguma crítica que ele possa fazer e explicitar alguns aspectos relevantes de sua proposta para teologia atual.

3.1 Apreciação crítica do autor e da obra

No início de nosso trabalho, quando nos referíamos ao teólogo, dizíamos que a mais alta homenagem que se pode prestar a um pensador é pensar o seu pensamento. Pois bem, emitir um parecer ou uma apreciação crítica de quem se quer apresentar o pensamento é sempre um desafio, pois a escolha não foi por acaso, mas por que há ideias e ideais convergentes entre o autor estudado e o pesquisador. Por isso nossa proposta, mais que críticas, quer apresentar algumas notas acerca da proposta de Codina.

De início, é importante tomar em conta que o autor não tem pretensão de levar a público um tratado de Pneumatologia (Cf. CODINA, 2010a, p. 6). O propósito é apresentar a temática

da pneumatológica a partir de um lugar concreto – Bolívia, América Latina – e em meio ao que ele chama de Inverno Eclesial (Cf. CODINA, 2010a, p. 7), mas que já sente a insipiente e cálida primavera trazida por Francisco (Cf. CODINA, 2019, p. 11) Bispo de Roma e Papa da Igreja. Claro que o fato de se está pensando a partir de um lugar geográfico definido, não quer dizer, simplesmente, que o autor elaborou fisicamente a parti dali, mas que tomou as categorias e materiais de que dispunha para apresentar sua contribuição teológica. Daí a expressão a parti de baixo.

O autor assume propositalmente um estilo de fazer Teologia, não obstante sua formação nos grandes centros teológicos do velho Continente e os grandes mestres que teve. Essa postura leva em conta o material de que dispõe e ainda o fato de que não parece ser muito produtivo fazer uma Teologia Dogmática e tecnicamente bem elaborada, mas que não seja lida, nem que chague às pessoas. Por isso, assume uma Metodologia muito mais Narrativa que Sistemático-conceitual. Mencione-se ainda a busca de diálogo com a fonte cultural vigente. Falar da Revelação de Deus em confronto e conformidade com a aquela realidade.

A Teologia como todo saber não se presta a ser um saber fechado, concluído, mas apresenta possibilidades. No caso de Codina, que se inscreve na esteira não dos teólogos do *Denzinger* (embora não o desmereça), mas na linha de frente, como ponta de lança que abre arestas para ver irromper o novo, é louvável destacar os temas e as intuições.

A partir das temáticas abordadas e fundamentadas nos elementos comumente utilizados para a elaboração teológica (Sagrada Escritura, Tradição, Magistério, Santos Padres, Filosofias etc.), abre espaços para dialogar com intuições que o autor vai “garimpando” das realidades que vive das leituras que faz e dos diálogos que trava.

Toda proposta teológica também apresenta suas forças e limites. Suas intuições abrem horizontes para novas discussões, complementos, autocritica. Uma pneumatologia “a partir de baixo” é uma contribuição da Teologia Latino-americana à teologia toda.

Seu Estilo um tanto simbólico e pastoral (às vezes próximo do coloquial) chegou a lhe causar mal-estar. Em 2011, enviou um artigo sobre Antropologia Pneumática para Revista *Iberoamericana de Teologia* da cidade do México e não foi aceito. Os censores fizeram observações quanto ao método, algumas observações quanto a afirmações referentes à Trindade e à grande ênfase que dava a Teologia Pós-conciliar (Cf. CODINA, 2013a, p. 378-379). Ficou chateado, enviou o artigo para a Revista Latino-americana e foi publicado. Ainda em seu Diário recorda uma crítica feita por um teólogo capuchinho espanhol (Antxon Amunarriz) que vivia no Equador sobre seu escrito *Pequeños relatos*, afirmando que necessitava um pouco mais de aprofundamento (Cf. CODINA, 2013a, p. 237).

Mesmo em sala de aula, no ISET (Instituto Superior de Teologia da Universidade Católica Boliviana de Cochabamba) ao ver o desinteresse dos estudantes pela Teologia se questiona se não estaria sendo demasiado conceitual, se não deveria mudar a Metodologia para ajudá-los a entrar nas temáticas teológicas (Cf. CODINA, 2013a, p. 320).

Outro aspecto que merece ser mencionado referente à produção do autor é o fato de compilar trechos, intuições de outros autores, e repeti-los em vários trabalhos. O que não desmerece o seu trabalho. O que em certo sentido parece falta de rigor científico, a outros parece a intuição mais fecunda (Cf. TABORDA, 2013, p. 476), pois está exercitando outra maneira de repropor a teologia.

Merece ainda uma menção o fato de o autor pertencer a dois mundos distintos. Mesmo residindo na Bolívia, estava em contato com as realidades mais diversas da América Latina e da Europa. O que lhe proporcionava lidar com duas sensibilidades e realidades socioculturais e religiosas muito diferente. Isso é uma força e um limite. Em seu Diário diz que a Bolívia o fez passar da Modernidade à Solidariedade em todos os sentidos, porém trouxe consigo suas velhas raízes europeias das quais nunca se podem desprender-se. Aí foi injetando coisas novas a sua vida e viveu o paradoxo de ser estrangeiro na Bolívia e quando ia à Espanha, consideravam-no como alguém de fora, um latino-americano (Cf. CODINA, 2013a, p. 30). É perceptível em seus textos como argumenta a partir de América Latina e o esforço que faz para desvencilhar-se de categorias e formulações que traz como herança cultural entranhada.

Codina nos aponta intuições, desvendá-las e alargá-las é nossa ventura e aventura. Pode-se criticar construtivamente suas ideias tanto do ponto de vista do método quanto do conteúdo, porém nos parece acertado continuar investigando e descobrir o que o teólogo catalão de fato intui e propõe, com quem dialoga e o que e a quem critica.

Israel Silva faz algumas observações sobre a proposta de Codina que nos parecem pertinentes. Primeiro ele apresenta um limite da proposta codiniana. Segundo sua observação, nosso teólogo, ao propor um novo paradigma, busca superar a linguagem estritamente conceitual das mediações da razão ocidental. Pois, não se pode ficar restrito às conceituações e nem às mediações científicas, correndo o risco de fechar-se em informações tecnicamente precisas. Sem incidência direta na vida de fé e que não engloba todas as realidades da vida, podendo cair num unilateralismo. Insiste que não se pode abandonar a categoria de excluído que está para além da pobreza econômica. Contudo é preciso estar atento, pois também não se pode produzir Teologia prescindindo das análises científicas, pois tanto a Teologia como as experiências simbólicas carecem de complemento analítico para uma justa e consistente compreensão das realidades injustas e ainda possibilitam um embate com os verdugos da

História. O pesquisador questiona ainda se esse alargamento para a alteridade não poria de lado a centralidade do pobre (Cf. SILVA, 2015, p. 50).

A crítica nos parece pertinente, mas no que pudemos observar, Codina, tanto na proposta quanto no fazer teológico, não aponta o desvencilhar-se das mediações, mas propõe um alargamento, uma complementação (Cf. CODINA, 2019, p. 187-196).

Concordamos com Hernández que ante um Mundo cada vez mais plural, é necessário, partindo de uma Pneumatologia Complementária, ver o pluralismo não tanto como ameaça, mas como tempo de graça, como possibilidade. Assumir a força “incompreensível” e irrepresentável do Espírito para as elaborações teológicas (Cf. HERNÁNDEZ, 2013, p. 127) é tarefa para a Teologia. As Intuições teológicas do autor, sua vida e a realidade que se nos apresenta, hoje, parece que estão, se não em comunhão, ao menos em diálogo.

3.2 Diálogos e críticas do autor

Codina recorda que na América Latina, de uns anos para cá, há algumas elaborações acerca da Pneumatologia em perspectiva de libertação, e com as quais tem mantido fecundo diálogo. É o caso de José Comblin, que elabora um Ensaio Sistemático de Pneumatologia a partir da Realidade Latino-americana (Cf. CODINA, 2019, p. 197), enfatizando que o Espírito é ação. Age na força da Palavra, gera o povo de Deus e promove a vida e a liberdade, atuando na História e por meio dela (Cf. RICHARD, 2012, p. 43-48). Comblin explora bem a temática e abre caminho para maiores elaborações. Tendo como umbral a dimensão histórica, e nela os pobres, retoma a ação do Espírito na Tradição de Jesus, que se insere na tradição dos pobres, dos excluídos e marginalizados de hoje.

Sobre a leitura que faz Comblin, nosso teólogo faz uma advertência, pois na obra do mencionado autor há certa radicalização e até oposição entre o Movimento Espiritual que vem de Jesus e a Estrutura Religiosa e Eclesial (Cf. CODINA, 2019, p. 91). Ele chega a chamar a postura de Comblin de enviesada. De seu ponto de vista, não parece teologicamente correta essa postura, pois apesar das tensões entre carisma e instituição, há que distinguir a ação do Espírito nos tempos e lugares (Cf. CODINA, 2019, p. 118). É visando certo cuidado com essa dimensão que sua proposta pneumatológica perpassa o pessoal, o Eclesial e o Histórico-cósmico, pois o Espírito é Espírito de Comunhão. A *Ruah* divina nos faz um ser na relação e no uso da consciência, constitui a Sinodalidade Eclesial e se espalha no Mundo conduzindo toda a criação à integração cósmica.

Faz ainda algumas observações acerca dos livros de Ratzinger, a trilogia Jesus de Nazaré (Cf. CODINA, 2013a, p. 384) destacando os pontos positivos e críticos. Inclusive que é pouco pneumatológica. Também tece comentários sobre o livro de Bernd Jochen Hilberath de pneumatologia, afirmando ser boa mas de mentalidade muito alemã (Cf. CODINA, 2013a, p. 354). De H. Küng comenta suas posições frente aos escândalos de abusos acontecidos na Igreja, e ainda que o teólogo parece achar-se o único clarividente no momento atual (Cf. CODINA, 2013a, p. 354). Em outro momento compara suas posturas e escritos com as de R. Muñoz, enfatizando nas diferenças de personalidade e de produção teológica dos dois (Cf. CODINA, 2013a, p. 361). Sobre José Maria Vigil faz comentários sobre sua teologia do pluralismo religioso, identificando possibilidades e limites (Cf. CODINA, 2013a, p. 306). E por último fala dos diálogos com Andrés Torres Queiruga, acentuando quão profunda é sua reflexão, mas ao mesmo tempo os limites, por exemplo o quanto é racionalista sua compreensão de história da salvação (Cf. CODINA, 2013a, p. 307).

Dando um tom latino-americano e feminino, ele dialoga com Maria Clara Bingemer e Maria José Caram. A primeira, enfatiza a necessidade de uma pneumatologia, dada a *kénosis* do Espírito na teologia latina, e acentua que o Espírito age na história por meio das vítimas, especialmente dos pobres. A segunda, elabora uma pneumatologia a partir do mundo andino, proporcionando um diálogo dessa cultura com a Sagrada Escritura, Tradição e Magistério, mas sobretudo buscando descobrir e discernir os sinais dos tempos presentes nesses povos (Cf. CODINA, 2019, p. 198-201).

Mantem sincero diálogo com Diego Irarrázaval, com a pneumatologia sul-americana, destacando a presença do Espírito na leitura popular e comunitária da Bíblia, na cultura com a dinâmica da enculturação, no feminino, no ecológico. Articulando uma compreensão de pneumatologia muito ligada ao caminhar do povo, com uma mística cósmica do Espírito na criação, enfatizando a temática da justiça, do respeito às culturas e tradições indígenas (Cf. CODINA, 2019, p. 199).

Outro espaço de interlocução é a obra de Leonardo Boff, que além de reconhecer a presença e ação do Espírito nas culturas, na vida eclesial, nas irrupções modernas (Vaticano II, Medellín, a Igreja libertadora, a RCC), nos movimentos populares, nos Fóruns Sociais Mundiais e na consciência ecológica, abre também diálogo com a ciência no que tange à dimensão criadora do Espírito como energia do universo presente desde o *big bang* e as cosmologias modernas (Cf. CODINA, 2019, p. 202).

CONCLUSÃO

O percurso feito acerca da pneumatologia de Victor Codina nos leva a perceber a beleza e os desafios que se impõem à teologia e à Igreja no campo da pesquisa e da aplicação pastoral. Tendo por pressuposto que nosso objetivo é apresentar uma síntese da proposta de Codina no âmbito da pneumatologia, faremos agora um balanço final, retomando as intuições do autor e apresentando as conclusões a que chegamos.

O primeiro aspecto relevante é a importância e necessidade da Pneumatologia em todas as áreas da Teologia no que se pretende ser uma Teologia comunicante, fecunda, expressão da esperança dos pobres. O Espírito é como a seiva, o nutriente mais discreto e, portanto, mais importante que sustenta e dá vida à planta.

É verdade que se professa a fé em Jesus Cristo, pois é ele o fundamento. No entanto, o apóstolo adverte que ninguém pode dizer Jesus é o Senhor a não ser no Espírito (1Cor. 12, 3). Assim, temos que a Teologia, em boa medida, toda ela, precisa ser perpassada pela Pneumatologia, sob pena de se transformar num discurso meramente racional, frio, sem espírito, pura letra.

Um segundo ponto, e em consonância com o primeiro, é quanto à separação entre Teologia e Espiritualidade. Nosso autor faz de seu labor teológico um constante exercício de unidade entre Teologia e Espiritualidade que nasce da contemplação na práxis e a ela conduz. Em várias ocasiões ele chama atenção para isso, pontuando o divórcio esterilizante entre as duas. Esse aspecto é importante pelo fato de que a Pneumatologia proporciona à Teologia uma experiência espiritual mística de contemplação do mistério que nos compromete com o Reino de Deus. E, na perspectiva de Codina, fazer Teologia a partir dos insignificantes é um desafio, não só conceitual, livresco, mas sobretudo místico.

O terceiro ponto relevante é a constatação da vinculação entre Cristologia e Pneumatologia. Trata-se de compreender que a vida de Jesus e suas opções, principalmente sua eleição pelos últimos deste mundo, não é memória do passado que deve ser meramente estudada, mas é um impulso espiritual vivo que revela a vontade de Deus manifestada na encarnação (Cf. CODINA, 2011b, p. 301). Impulso que perpassa o tempo e se renova abraçando tantas outras perspectivas sofredoras, exigindo de nós um compromisso com o amor e a justiça. É fato que nunca se negou a ação do Espírito, nem muito menos que ele esteja ausente das formulações teológicas, litúrgicas. Contudo é notório, como já enfatizamos anteriormente, uma maior e mais aprofundada elaboração sobre a pessoa do Espírito e sua ação no mundo, junto a

ação do Filho (Cf. CODINA, 2012a, p. 71). Codina adverte que todo o enrijecimento de parte da Igreja se deve muitas vezes ao esquecimento do Espírito.

Se por um lado, a cisão entre Cristologia e Pneumatologia, pode levar a fazer da vida de Jesus uma mera “jesuologia”, como afirma o autor em dado momento, enrijecendo a experiência que por si é um caminhar dinâmico-processual em busca do Transcendente. Por outro, uma Pneumatologia distante da vida concreta, da morte e da ressurreição de Jesus, conduz ao unilateralismo pneumático, que põe fora do mundo a ação salvadora de Deus, de modo que as duas devem ser tomadas uma complementando a outra.

Um quarto aspecto relevante diz respeito à Eclesiologia. Codina defende a prioridade Teológico-pastoral da Pneumatologia (Cf. CODINA, 2012a, p. 69), pois está certo de que uma Eclesiologia e, decorrente dela, uma evangelização que não leva em conta o dado do Espírito, a iniciação, a Mistagogia, acabam por enrijecer, travar, fechar a mensagem de salvação. Nesse sentido, propõe uma Igreja mais nazarena que davídica, mais acolhedora, dialogal, de comunhão. E não uma Igreja petrificada, presa à ideia de que já é uma realidade fixa e institucionalmente constituída por Jesus com todos os aparatos necessários para todos os tempos. Daí que uma configuração eclesiológica de um tempo e de um lugar se sobrepõe num fixismo estéril (Cf. SILVA, 2015, p. 47).

Sem essa dimensão do Espírito levada a cabo, a Igreja é mais um grupo social, com normas jurídicas, morais, doutrinárias. No entanto, quando ela assume a sua dimensão cristológica e pneumática na sua justa medida, ela se entende não como autorreferência, mas como servidora, sacramento para a humanidade, saindo de seu reduto para servir com o remédio da misericórdia, especialmente aos mais pobres, como fez Jesus. Uma Igreja mais parecida com Jesus, pois também ela é guiada pelo Espírito.

A modo de conclusão, assinalamos que o autor agora octogenário, tem dado sua contribuição na pneumatologia a partir da América Latina. Buscando pôr em diálogo os elementos estruturadores da teologia europeia, busca dialogar e extrair das culturas locais a beleza, o sentido, a profundidade que o Espírito imprimiu.

A Igreja e a teologia precisam dar passos mais profundos, daí a ênfase na mística e na profecia tendo como horizonte a escatologia. Um cristianismo sem escatologia não é de Jesus nem do Espírito, pois a ação do Espírito a partir da base está em perfeita coerência com a opção de Jesus pelos pobres e pequenos, com o desígnio do Pai de fazer deles destinatários privilegiados da revelação dos mistérios do reino (CODINA, 2019, p. 208).

Nossa síntese final é de que a perspectiva teológica que assume o autor, com suas temáticas, métodos, intuições, ideias tem relevância tanto do ponto de vista da academia quanto

da pastoral. Sente-se um frescor em seus textos. Mesmo nas compilações que faz, percebe-se que aquilo que escreveu esconde algo profundo. Não só a douta ciência, mas a sapiência mais profunda. Daí nossa primeira provocação no primeiro capítulo com os aspectos teobiográficos. E nos deixa ainda inquietos no tocante à temática da relação Espírito e pobres. O Espírito “Pai dos pobres” é sua força e alento. Há muito o que se descobrir sobre o que o Espírito faz na vida dos pobres e o que ele quer nos dizer dos pobres. De modo que o caminho de equilibrar uma cristologia libertadora e uma pneumatologia “a partir de baixo” continua.

REFERÊNCIAS

Bibliografia específica:

Livros:

CODINA, Victor. **O Espírito do Senhor: força dos fracos**. São Paulo: Paulinas, 2019.

CODINA, Victor. **Espírito Santo**. São Paulo: Paulinas, 2018a.

CODINA, Victor. **Sueños de un viejo teólogo: una Iglesia en camino**. Bilbao- España: Mensajero, 2017.

CODINA, Victor. **El Espíritu del Señor actúa desde abajo**. Santander: Sal Terrae, 2015.

CODINA, Victor. **Diario de un teólogo del posconcilio: entre Europa y America Latina**. Bogotá- Colombia: San Pablo, 2013b.

CODINA, Victor. **Não extingais o Espírito**. Iniciação à Pneumatologia. São Paulo: Paulinas, 2010a.

CODINA, Víctor. **Una Iglesia nazarena: teología desde los insignificantes**. Santander: Sal Terrae, 2010b.

CODINA, Victor. **Sentirse Iglesia en el invierno eclesial**. Barcelona-ES: Cristianisme i Justícia, 2006.

CODINA, Victor. **Creio no Espírito Santo: Pneumatologia narrativa**. São Paulo: Paulinas, 1997a.

CODINA, Victor. **O credo dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 1997b.

CODINA, Victor. **Los caminos del Oriente cristiano: iniciación a teología oriental**. Santander: Sal Terrae, 1997c.

CODINA, Victor. **Cristãos em festa**. São Paulo: Paulinas, 1994a.

CODINA, Victor. **Seguir Jesus hoje: da modernidade à solidariedade**. São Paulo: Paulinas, 1993a.

CODINA, Victor. **Para compreender a Eclesiologia a partir da América Latina**. São Paulo: Paulinas, 1993b.

CODINA, Victor. **Nosso credo: Deus caminha com seu povo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, D. **Sacramentos de iniciação: água e Espírito de liberdade**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1988.

CODINA, Victor. **Renacer para a solidariedade**. São Paulo: Loyola, 1984.

Artigos:

CODINA, Victor. Elementos para una antropología pneumática. **Revista Latinoamericana de Teología**, San Salvador, n. 84, p. 299-321, sep./dic., 2011b.

CODINA, Victor. Nuevos desafíos a la teología de la liberación. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, v. 48, n. 2, p. 229-243, Mai./Ago. 2016b.

CODINA, Victor. Por uma teologia mais simbólica e popular. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 45, p. 149-173, mai./ago., 1986.

CODINA, Victor. Prioridade teológico-pastoral da Pneumatologia. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 122, p.69-86, jan./abr., 2012a.

CODINA, Victor. O Espírito do Senhor enche todo o universo: uma reflexão a partir da América Latina. **Revista Concilium**. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 129-138, 2011a.

CODINA, Victor. **O Espírito age a partir de baixo**: Pneumatologia desde América Latina In: <http://theologicalatinoamericana.com/?p=1316>. Acesso em 05 de dez 2019.

CODINA, Victor. Às Igrejas do Continente: 50 anos depois de Medellín. In: **Congresso continental de Teologia. A Teologia da Libertação em prospectiva**. (Org) BRIGHENTI, A; HERMANO, R. São Paulo: Paulinas & Paulus, 2013b.

CODINA, Victor. A fé do povo pobre. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 72, p. 169-188, mai./ago., 1995.

CODINA, Victor. Do Vaticano II a Jerusalém II. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, fasc. 285, p. 154-161, Janeiro, 2012b.

CODINA, Victor. Eclesiologia do Vaticano II. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n.127, p. 461-476, set./dez., 2003.

CODINA, Victor. Vaticano II, um Concílio em processo de recepção. **Perspectiva teológica**, Belo Horizonte, n. 37, p. 89-104, Mai./Ago., 2005.

CODINA, Victor. et al. Fe en Dios y praxis de la justicia. In: **Deus e Vida**. Desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe. São Paulo: Paulinas, p. 129-149, 2008.

CODINA, Victor. Teología de la Liberación, 40 años después. **Revista Latinoamericana de Teología**, San Salvador, n. 90, p. 263-278, sep./dic., 2013c

CODINA, Victor. Rumbo a una nueva pneumatologia. In: **Tempos do Espírito**: Inspiração e discernimento (Org.) VITÓRIO, J; GODOY, M. São Paulo: Paulinas & SOTER, 2016a.

CODINA, Victor. Teologia de la liberación y teologia oriental: uma aproximación. **Revista latinoamericana de teologia**, San Salvador. p. 147-170, 1985.

Bibliografia Geral:

ALBERIGO, Giuseppe. **Breve história do Concílio Vaticano II**. Aparecida-SP: Santuário, 2006.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: UNICAP, 2019.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. **O caráter prático-social da teologia: tópicos fundamentais de epistemologia teológica**. São Paulo: Loyola, 2017.

BENTO XVI, Papa . **Deus Caritas est**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 2000.

BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis: Ternura e vigor**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1981.

BUELTA, Benjamín Gonzáles. **“Ver ou perecer”**: mística de olhos abertos. - Rio de Janeiro: Ed PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

BUELTA, Benjamín Gonzáles. La Diafania de la realidad. Santo Domingo. **Revista Sal Terrae, Marzo 2000**, tomo 88/3, n. 1032, p. 181-189. Disponível em [https://www.teillard.fr/sites/default/files/pdf/diafania de la realidad.pdf](https://www.teillard.fr/sites/default/files/pdf/diafania%20de%20la%20realidad.pdf). Consultado em 05 de dezembro de 2019.

BRIGHENTI, Agenor. Fazer teologia desde a América Latina: novos desafios e implicações semânticas e sintáticas. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n. 38, p. 2011-229, Mai./Ago., 2006.

CIPRIANO. **A unidade da Igreja Católica**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1972.

COMBLIN, José . **O Espírito Santo e a Libertação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

COMBLIN, José . **O Espírito Santo e a tradição de Jesus**. São Paulo: Nhanduti, 2012.

CONCILIO VATICANO II. **Vaticano II: mensagens, discurso e documentos**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONGAR, Yves. **Revelação e Experiência do Espírito**. São Paulo: Paulinas, v. 1, 2009.

EDWARD, Denis. **Sopro de vida: uma teologia do Espírito Criador**. São Paulo: Loyola, 2007.

FRANCISCO Papa. **Carta do papa Francisco por ocasião do centenário da faculdade de teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina**. 3 de Março de 2015. https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em 04 de dez 2019.

FONTES FRANCISCANAS. Apresentação Sérgio M. Dal Moro ; tradução Celso Márcio Teixeira. Petrópolis-RJ, Vozes, 2014.

HERNÁNDEZ, Olvanir. F. Sanches . Recensão do livro *Diario de un teólogo del posconcilio: entre Europa e América Latina*. **Revista semestral de Teologia do Studium Theologicum de Curitiba**, ano 7, n. 12, p. 123-127, 2013.

Sinal. In: HOUAISS, Antônio. **Minidicionário de língua portuguesa/** [Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar; elaboradores no Instituto Antônio Houaiss de lexicografia e banco de dados da língua portuguesa]. 4.ed.rev e aumentada. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

HILBERATH, Bernard Jochen. Vida a partir do Espírito. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de dogmática**. Vol. 1. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012, p.403 – 497.

JOÃO PAULO II. Papa. **O Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo**. São Paulo: Paulinas, 2011.

MENDONÇA, José Tolentino. **A leitura infinita: a Bíblia e sua interpretação**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: Universidade Católica de Pernambuco, 2015.

MILAK, Nivalda. **A teologia do Espírito Santo em Victor Codina**. 2012. 1 f. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MÜNTZER, Thomas. http://protestantismo.com.br/biografias/thomas_muntzer.htm. Consultado em 15, de outubro de 2020.

MOREIRA, Gilvander Luis. **Lucas e Atos: uma teologia da história**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos. Panorama da literatura pneumatológica publicada no Brasil nos últimos trinta anos. **Perspect. Teol.**, Belo Horizonte, V. 30, n. 81, p.251-272, Maio/Ago, 1998.

NOGUEIRA, Luiz Eustáquio dos Santos. **O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai**. São Paulo: Paulinas, 1995.

PRADO, Adélia. **Bagagem**. Rio de Janeiro, 2010.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi: sobre a evangelização no mundo contemporâneo**. São Paulo: Paulinas, 1976.

PAULO VI. Audiência Geral de 6 de Junho de 1973: *Insegnamenti di Paolo VI*, XI (1973), P. 477. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html. Consultado no dia 15 de outubro de 2020.

RIVAS, Luis Heriberto. **O Espírito nas Sagradas Escrituras**. São Paulo: Paulinas, 2008.

RODRIGUES, Melvin Arístides Otero. “**El mundo de los sacramentos**” en Victor Codina: una mirada desde América Latina. 2012. 126. f. Dissertação (mestrado) - FACULDADE JESUITA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA- FAJE. Belo Horizonte-MG.

RUBENS, Pedro. Renovação Carismática Católica como movimento pós-conciliar: 50 anos depois, balanços e perspectivas. **Revista Eclesiástica Brasileira** – Petrópolis-RJ, Vozes. Volume 77, Número 308 pag. 852-879, Out/Dez. 2017.

SILVA, Israel Alison Regis e. **A pneumatologia de Victor Codina**. TCC – Monografia de conclusão da graduação em teologia na Faculdade Católica de Fortaleza, 2015.

TABORDA, Francisco. Recensão do livro *Diario de un teólogo del posconcilio: entre Europa e América Latina*. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v 45, n. 127, p 473-481, Set/Dez, 2013.

VAZQUEZ, Ulpiano Moro. **A orientação espiritual: mistagogia e teografia**. São Paulo: Loyola, 2001.

Carisma. In: VILLAS BOAS, Alex. **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 2015.